

CONVERSAS DE BAR



miguel guggiana

Brinda-nos, Guggiana, com mais

uma coletânea das suas deliciosas conversas de bar. A primeira, Garçom, a Saideira! É, agora, seguida por Conversas de Bar e nesta reencontramos os personagens com os quais já travamos conhecimento no tomo anterior. O contador de causos, sua audiência inquieta e palpiteira, o garçom amigo, Otacílio, Esmeralda e Bidu, a inefável Delegada Helô entre outros, caracterizando a retomada dos elementos que para o autor/narrador funcionam como verdadeiros acepipes de bar, azeitadores de uma boa conversa. E esta flui com delicioso sabor, quase todas permeadas de uma picardia instigante da leitura, aguçando a vontade de chegar ao clímax, como nos entrecchos de amor, sem que o percurso deixe de ser menos prazeroso. É que neste Conversa, revela o autor, a maturidade no trato com as palavrás, o que o deixa mais à vontade para lhes explorar todos os recursos escondidos, como o personagem do conto Mulher Escondida, caça no bar a mulher adormecida naqueles exemplares menos percebidos. Assim, por obra de mãos habilidosas, passamos do encanto da primeira abordagem (ou deveria dizer catada?), quando o contador de causos anuncia mais um conto, aos meneios das palavras, com as descrições apimentadas dos meneios e atributos femininos até o clímax - ou anticlímax, já que até das desventuras dos seus personagens o narrador consegue extrair o melhor destes casos de amor frustrados. Literariamente, porém, muito bem resolvidos.

Júlio Perez, escritor

CONVERSAS DE BAR

Miguel Guggiana



Miguel Guggiana

CONVERSAS DE BAR



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Projeto Passo Fundo

www.projetopassofundo.com.br

E-mail: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada.

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisão: Tânia Du Bois

Capa: Tânia Du Bois

Diagramação: Aline T. Fochi

G942c Guggiana, Miguel

Conversas de bar / Miguel Guggiana. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

3,4 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-290-9

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Literatura gaúcha. 3. Crônicas. 4.

Trovas. I. Instituto Histórico de Passo Fundo. II. Título.

CDU: 869.0(816.5)-94

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

SUMÁRIO

PREFÁCIO - PONTO DE ENCONTRO	7
A GUAIAACA DO FALECIDO	9
ENROSCO FAMILIAR	19
VIDA CACHORRA	31
A MORTE DE OTACÍLIO	43
VAMOS DANÇAR? É UMA LENTA.	53
CAMBICHO BRABO	63
MULHER ESCONDIDA	75
CASO DE FAMÍLIA	83
LEI DELEGADO FIGUEIREDO	91
A DERROCADA DO MAESTRO ALCIDES	103
A CARNE É FRACA	113
BAR E BORRACHARIA CHULETA	121
DESFILÉ DE SONHOS	135

PREFÁCIO

PONTO DE ENCONTRO

Nietzsche diz que *“O homem moderno é, cada vez mais, um produtor e um consumidor de informações”*. Neste livro, contar e ouvir causos marca o ponto de encontro no Bar, onde os personagens revivem, ao se reconhecerem nas tradições gauchescas, em histórias com viés trocista e na analogia da tradição como transmutação da realidade.

Miguel Guggiana, com espírito humorístico, traduz, através da construção de palavras, o ritmo do brega e trágico, feio e bonito, sensual e amoroso, nas disputas com seus personagens que frequentam o Bar, revelando “quase” uma zorra literária em que mistura a farsa, o mito, a aparência a tradição como heroísmo e glória.

Posso dizer que Guggiana conta seus causos no Bar, elencando as tradições gauchescas com laivos de machismo, arrogância, religiosidade, maledicência, politicagem e sacanagem. Enrosca-se em fio narrativo, como se novela fosse, ao criar o espetáculo no oferecer reflexões sobre o supérfluo.

Reproduz o ambiente do bar (quase boteco de beira de estrada ou de fim de linha) no plano guiado por suas

inquietações e fantasias literárias (co)existentes. Instiga a vida ao espalhar – e espelhar - ironicamente o emocional dos seus personagens. Deixa no ar reminiscências e vivências, para o leitor questionar sobre as intenções habitadas nas entrelinhas, na comunhão do homem cujo destino, desde sempre, leva aos conflitos devastadores da paixão e dor de cotovelo.

O autor usa da malícia para demonstrar a vontade como o “abismo” que a mulher pode significar entre os personagens. É nesse “machismo” que revela o tumulto e as malandragens dos amores entre as intrigas do dia a dia, em jogo possibilitado pela literatura.

Para mim, o Bar existe pelas histórias, contadas e ouvidas, vivenciadas naquele ponto de encontro. O lugar de conversas mansas e fornidas de “sabedoria” de que exala fuxicos – uns sóbrios, outros tragicomédias, fosse o proposto pelos personagens, onde a mulher é jogo de conteúdo.

O autor transcende a realidade, para nos dar o prazer da leitura; rompe o cotidiano e, metaforicamente, dá sentido ao ponto de encontro: Conversas de Bar.

Tânia Du Bois

Pedagoga, articulista e cronista.

A GUAIIACA DO FALECIDO

*Inspirado no poema gauchesco da lavra de Telmo Gosch,
"Enterro de campanha".*

Eu estendido neste caixão tosco, com as tábuas retiradas do chiqueirão e lacrado com pregos enferrujados, assistindo ao meu próprio velório. Que situação periclitante!

A morte nos filmes se apresenta silenciosa. Chega sorrateira dando a impressão de serenidade e algumas vezes se faz bonita. Na vida real chega barulhenta: anunciando temor e angústia¹.

Igual à minha, que, em meio à tempestade, ficou marcada por um medonho rugido. Não foi o que idealizei, porque sempre poetizei minha morte de forma gloriosa, estrebuchando de amor nos braços de uma mariposa, como os poetas glamourizam, dando um ar de elegância, imaginando-a "num fim de tarde gris", "a brisa soprando levemente". Os religiosos, então, "encontro com o Senhor", pura conversa fiada. Quem diz são os vivos!

O pior é que a gente sempre pensa que só os outros morrem. Eu nunca. Pois bem, morri. E que morte! Fiz tudo direitinho. Sabe-se lá por que o meu pensamento foi injustiçado, logo agora que descobri o caminho da mina.

1 Trecho transcrito do livro O exercício das vozes, de Tânia Du Bois, p. 99.

Lembro que tudo começou com a visita do Nacib, turco mascate, que volta e meia estava por aqui, neste fim de mundo, vendendo suas tralhas. Só que na sua última visita, trouxe novidade: as pílulas milagrosas, que segundo ele, mais poderosas do que sopa de osso de capincho, que levanta até defunto, um tal de Viagra. Ofereceu-me, dizendo de suas vantagens, tal e coisa, coisa e tal. E eu precisado, mas que nunca reconheceria tal carência. Fiz cara de desentendido, como se não fosse pra mim; pois é, vem a calhar! Tô com um baita problema. O Xerengue² está deixando a desejar. Já não atende mais seu público alvo. Tá fazendo fiasco. “Me dá duas dúzias disso aí!”.

De certa forma não estava mentindo. Comprei o Xerengue do próprio Nacib – de fina estampa, com baita dum currículo, alta linhagem –, trabalhara para o Nicolau Vergueiro, personagem influente na comarca de Passo Fundo, como galo de rinha até mais ou menos mil novecentos e me esqueço. Embora aposentado, achei que, pela pinta do galo, exibindo uma vistosa crista vermelha, iria fazer sucesso no galinheiro. Não foi bem assim.

No princípio achei que sua inapetência demonstrada se devia a certa restrição, preconceito com as frangas de minha criação, magricelas, coxas desnutridas, angolistas de terceira ou até imaginei que na sua profissão, no calor desses entreveros, poderia ter sido atingido em sua documentação mor por alguma bicada; daí sua neutralidade sexual, nem sim, nem não, embora mantivesse sua pose de general farroupilha. Tava a fim de transformar o

2 Galo de rinha de propriedade de Nicolau Vergueiro, personagem da história de Passo Fundo, e citado pelo próprio em seus apontamentos registrados no repositório do Projeto Passo Fundo.

Xerengue em risoto, até que chegou o Nacib com a solução. Resolvi, então, testar a poção mágica...

O Viagra, pensei, caiu do céu. Pra mim e pro Xerengue.

Sabendo que o Xerengue era galo de cidade, cheio de balda e acostumado a bom passadio, preparei um drink de água de coco com um fragmento da pílula milagrosa. Coloquei a mistura num pires de prata 18 e deixei ali no galinheiro, bem próximo de minha vista e benza Deus! Ao primeiro gole o bicho mostrou a que veio, e era uma, e era outra, e dê-lhe aqui, e dê-lhe ali, formando-se uma nuvem de poeira, e, nesse meio, penas pra cima e pra baixo tramando com gemidos cacarejados. Mesmo desfalecidas, recompunham-se ajeitando as penas e vinham novamente, pedindo mais e mais, querendo compensar o longo jejum. O Xerengue, soberano naquele palco, atendia a todas de forma magnânima, elegante, sem macular um fio de seu topete rubro.

No rastro dessa odisseia, ovos e ovos, frutos daquela luxúria. Isso no primeiro dia! Galinha que se preze não guarda segredo. Imagino que abriram o bico, e a fama do galo, agora merecedor de divisas, correu mundo e elas vinham de todos os rincões. Não gosto de mentir – longe disso, ainda mais morto, não teria o porquê. Parecia-me que se organizavam em fila de uns dois quilômetros, mais ou menos, para serem atendidas.

Com as penosas de minha propriedade eu tinha ovos e ovos, com a galinhama da vizinhança eu tinha ovos multiplicados ao quántuplo. Vendo o sucesso, a cada dia colocava um pouquinho mais da poção mágica na água de coco. Só pra ver até onde a coisa ia. E foi mesmo!

Naqueles dias me tornei um próspero empresário vendendo o fruto do trabalho do Xerengue, que parecia

não fazer esforço algum, só molhando o bico na água de coco com Viagra. Nessa altura não sei se era o bico que ele molhava.

Foi tanto ovo, mas tanto que tive que contratar dois lagartos da vizinhança para que interferissem no sentido de equilibrar a oferta e a demanda, sendo que a primeira variável era incontrollável, já que o gerenciamento da performance do galo era impossível. Nada, nenhuma lhe mitigava a sede. Antes que me esqueça, os lagartos morreram empanturrados.

Lá pelo décimo dia, bem quando estava prevista a vinda de aves de origem francesa, label rouge – seria a cereja na ração – diretamente da Frangosul, o galo inventou de morrer. Amanheceu num canto do galinheiro com as patas pra cima, com uma expressão prazerosa, parecia sorrir. As penosas, ao redor do bicho, desesperadas, inconsoláveis, engatavam um pai-nosso. Nunca vi disso!

Foi aí, que me dei conta que começara a morrer.

Pensei: se o galo faturou daquele jeito, eu podia fazer igual. Além da experiência com o topetudo, o Nacib tinha me garantido sucesso da receita. Uma pilulazinha e saí da frente... Bem, eu não tinha estudo, mas pra burro não servia. Tem outra, sempre fui racional. Se com uma pilulazinha de Viagra era bom, com duas seria melhor. Com três, então, muito melhor. Só que não repetiria o erro cometido com o Xerengue. A mistura não seria água de coco e, tampouco, um pouquinho de cada vez. Tomaria as três juntas com uma boa duma caninha e numa talagada só. Foi o que efetivamente fiz. Deu no que deu: morri.

E agora, estendido neste caixão tosco, tábuas retiradas do chiqueirão, lacrado com pregos enferrujados, assistindo ao meu próprio velório. Que situação periclitante.

O povo se chegando para a última despedida, vindo de todos os lados, vestindo o melhor pano, a cavalo, tilburri, a pezito no más e cada um trazendo alguma coisa para o passadio – pinhão, erva, salame, pão de milho e a justa cachaça, sendo por conta da dona da casa, agora viúva. O defunto, no caso, sou eu. Enterro típico de campanha, bem campeiro, na sala de chão batido, caixão em cima de uma mesa sebenta, por onde passam e me reverenciam, balançam a cabeça como que dizendo “homem bom”, “até mais ver”, e a maioria, meio que a meia boca, murmurando “e a guaiaca do falecido”. Eu, nessas alturas, nesse caixão, não consigo me enxergar. Também, se estava sem guaiaca, onde a teria deixado? Se vivo era esquecido, que dirá morto? Mas o chisme tá grande. Ah... Que tá, tá!

Sem o Xerengue para prover o meu bem-estar e o da Vivaldina, imaginei que teria que trabalhar, mesmo contra meus princípios. Decidi não mais cuidar do quarto de meia colônia de terra que explorava mal e parcamente, não mais teria as mãos calejadas pela rabiça do arado, tampouco os pés rachados pelo rigor das geadas e o desconforto dos tamancos, a tez calcinada pela inclemência do sol, e, ainda, de contrapeso, conviver com a pachorra do Café e do Azulão, parceiros na lavra, daquela faina inglória e escravizadora. O trabalho enobrece... Uma pivica! Bosta nenhuma!

Idealizei o melhor, unir o útil ao agradável, vender meus serviços de reprodutor na cidade grande. No entanto, primeiro faria o teste na própria comunidade libertina local. Disso me lembro. Preparei o plano meticulosamente. “Vivaldina, deixa preparada a panela de ferro com banha pra fritar peixe. Vou pescar no Lagoão”. Dito e feito. Arriei a Mimosa, botei uma água de cheiro, afivelei a guaiaca, lindaça – de couro de veado, bordada a fio de

seda em ponto de debuxo³ –, e deitei a melena com destino ao Lagoão – melhor, passando pelo Lagoão, direto ao oásis da região, a única casa de tolerância num raio de dois quilômetros.

Jurei de pé junto pra mim mesmo: aquele chinaredo iria me pagar, fazia barba, cabelo e bigode com elas, descontaria as vezes que paguei e não usufruí dos serviços. A causa, pura inapetência, tal qual o Xerengue. Nem a Inocência iria escapar.

“E a guaiaca do falecido?” Seguem os cochichos. Isso tá começando a me encher o saco!

Lembro quando cheguei ao lupanar campeiro, apeei da Mimosa e, glu glu glu, engoli o fazedor de sonhos, ritualizando o que tinha prometido. Mandei fazer fila, organizem-se! E, tal qual o Xerengue, era uma e era outra, dê-lhe ali e dê-lhe aqui. Que maravilha, que coisa de louco! A cada performance era saudado com vivas, até que cheguei ao quarto da Inocência. Esta jurara que um dia se cobraria de mim, daria o troco pela ofensa, que um dia ela soube o que disse dela. Tratava-se de uma mulher sagu com creme. Disse, realmente, mas considerando um elogio – mulher isenta de atrativos, mirrada, descolorida, sem montículos a ornar-lhe o corpo, voz de taquara rachada, mas, tal qual sagu com creme, ninguém admite, mas todo mundo gostaria de locupletar-se. Quem prova, gosta, internaliza o vício. Aura, feitiço, gosto, cor, encantos escondidos. Sei lá! Não era só isso. Ela me disse que tinha um segredo e que no momento oportuno eu saberia. Mas, agora morto, penso que estou livre da vingança prometida. Tava marcado na paleta.

3 Frase transcrita do livro O gaúcho, de José de Alencar.

Decidi deixar as preliminares de lado e atirar-me direto ao doce. Foi quando o céu azul de brigadeiro de meu sonho em que velejava, transmudou-se em um céu de brigadiano, com nuvens densas, escuras, trovões e raios estourando diretamente em meu coração. Caí estatelado, fulminado por sobre o leito prometedor, com um medonho rugido, sem cumprir meu desiderato.

E agora, estendido neste caixão tosco, tábuas retiradas do chiqueirão, lacrado com pregos enferrujados, assistindo ao meu próprio velório. Que situação periclitante.

Quem tem amigos não morre pagão. Tão logo souberam da tragédia, Arquimedes, Natalino e Berlusconi acudiram. Nada mais havia a fazer a não ser providenciar evidências para que não houvesse desconforto para a Vivaldina, outrora flor de campo, agora mulher braba que nem jaguatirica acuada, botando fogo pelas ventas por qualquer coisa; resolvida, daquelas de caminhar ligeiro e com os pés pra fora. Quem não conhece que compre pra ver. Vestiram-me rapidamente, cabendo ao Arquimedes – compadre é pra essas coisas – o constrangimento de acomodar a picana ainda faceira, que teimava em considerar que seu patrão estava vivo.

Lançaram-me em cima da Mimosa e tocaram a toda a brida para o Lagoão, onde ficavam mais de meia hora pescando. Eu tinha ido pescar, então, os comparsas estavam certos: tinha que levar peixes. Feito isso, lá foi a Mimosa de novo, a meia rédea, agora com destino ao rancho, meu corpo amarrado em seu lombo, em meio, agora, a uma sogá com três traíras, dois jundiás e um grumatã. Que fedor de peixe! Mesmo morto não tava aguentando. Mas reconheço: que baita álibi!

Vivaldina tão logo recebeu a comitiva fúnebre, desandou em convulsivo pranto, agarrando-se ao compadre Arquimedes, num grude exagerado, quase indecente, balbuciando “como foi?”. Teve que repetir “como foi?”, pois a essa altura o compadre estava desfalecido nos braços da viúva. Ressuscitando conseguiu dizer, inventando na hora – não haviam pensado nisso: “picada de cobra, uma papa-pinto, quando buscava minhoca pra isca no mato”. “Obrigada, compadre”. “De nada, compadre é pra essas coisas”, apertando-a mais ainda, consegui ver e ouvir.

Na hora fiquei puto da vida. O Arquimedes bem que poderia dizer que foi uma jararaca peçonhenta, uma casca-vel de dois metros, uma terrível cruzeira, bichos de estatura compatível com a minha, veterano da Guerra do Paraguai. Agora... Uma papa-pinto, cobrinha de meia tigela, chega a ser uma ofensa. Mas foi pego no relance... Reconheço.

E agora, estendido neste caixão tosco, tábuas retiradas do chiqueirão, lacrado com pregos enferrujados, assistindo ao meu próprio velório. Que situação periclitante.

E vendo e orelhando, só na butuca. O velório começou respeitoso, mas à medida que a malvada corria solta a coisa foi ficando animada, uma oito baixo resmungando, chamando um baile de cola-atada, um carteadado surgiu do nada, a cachorrada na varanda com maus modos, um casal encantonado num retouço desgraçado, martelo correndo de mão em mão, até sobre o caixão. Eu ali, morto, sem poder passar a mão, louco por um trago. Um já borracho, pesaroso, até ofereceu: “vai um?”. A Mimososa, de minha extrema confiança, de galinhagem com o General. Logo o cavalo do Arquimedes... Pode?

Até que o compadre, lá pelas tantas, quase ao alvorecer, renunciando chuvarada, deu-se conta de que

o velório, de campeiro, tava a caminho de tornar-se uma suruba romana e vendo que eu estava ficando esverdeado, cheirando mal, as varejeiras rondando, deu as cartas. Colocou o caixão em cima de um carretão, Café e Azulão foram ajoujados, e o Tonho na boleia, dando voz de comando: “tomem o rumo do campo santo”.

Ainda bem, vamo lá! Até que, o velório não foi assim tão ruim, tirante o compadre continuar arrastando a asa pro lado da Vivaldina e o comentário da guaiaca... Deixa pra lá, agora não importa mais. Até tá bonito de ver, o gurizito na frente, de poncho, chapéu enterrado na cabeça, encurvado, de certo encagaçado – também, puxando um defunto! –, tocando os bois, atrás o séquito em silêncio respeitoso, ouvindo-se tão somente o gemido triste da viúva amparada pelo compadre e o ranger dolente das rodas da carreta pedindo uma graxa, naquele caminho esburacado.

Parece combinado: “vamo, Azulão, vamo, Café”, “aiiii, aiiii”, rek creck, guri gritando, viúva gemendo, roda rangendo, “vamo, Azulão, vamo, Café”, “aiiii, aiiii”, reck creck, guri gritando, viúva gemendo, roda rangendo, numa relação rítmica harmoniosa, obedecendo cada um ao seu tempo, tendo como pano de fundo a paisagem da pampa. Ao interromper essa sinfonia, de quando em vez, um sibilo triste de uma perdiz num voo rasante por sobre o fúnebre cortejo, como a reverenciar a morte de um taura. Fiquei faceiro com essa homenagem.

Plofttt, Ktaskkk! Opa! Ué! A la pucha, alguma coisa aconteceu, o carretão emborcou, só pode ser aquele eixo condenado, falta de graxa. Caixão no chão, e eu junto. Café e Azulão dando risada! Quem disse que defunto descansa! Tão logo na frente do puteiro? Não tinha outro

lugar? Putz. Olha o que tô vendo, um piazito, o filho da Inocência – mas é a minha cara, como nunca o percebi? –, correndo em desabalada carreira pra junto da Vivaldina.

“Dona Vivaldina, tome a guaiaca que o papai esqueceu em cima do criado-mudo, no quarto da mamãe”.

Isto lá é hora de aparecer a guaiaca? E um filho novo, então!? Meu Deus, a coisa vai pegar fogo. Essa mulher é uma jaguatirica acuada, bota fogo pelas ventas por qualquer coisa; resolvida, daquelas de caminhar ligeiro com os pés pra fora. Vai me matar de novo, eu vou sair desse caixão agoraaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaaa!!!!

- Seu Contador de Causo, acorde, acorde, tamo fechando o Bar. O senhor está delirando. Acorde, por favor. Não, não tá morto, não! Muito vivo por sinal. NEGATIVO, SEM SAIDEIRA, o dono do Bar tá mandando.

Esse contador de causo mente até dormindo! Mas fica a mensagem: pelo sim, pelo não, tome Viagra somente com prescrição médica.

Assinado: o dono do Bar



ENROSCO FAMILIAR

- **E** aí, Contador de Causo, tem visto o padre Antônio? Anda desaparecido do Bar. Tamo sentindo falta de nosso guia espiritual.

- Mas vocês não sabem da maior, o bispo despachou ele para Nuuk, lá pela Groenlândia. Ainda bem que é capital. Parece que pra renovar seus votos. Uma injustiça. Antônio é um baita dum vigário!

- Mas bah! Terá sido por que ele perdeu o crucifixo naquele carteadado de truco na Carola? Chamou alguém de coisinha linda? Ou aquela vez em que deu uma sumanta de pau no intendente de Pinheiro Torto, por causa da sua afilhada? Porquê?

- Nada disso pessoal, nada disso. Pelo que soube, pelo próprio, foi em decorrência da estafa de sua atividade de religioso. Naquele domingo fatídico, na última missa, já com as ideias mareadas de tanta reza e binatchio, ao dirigir-se para o coroinha, em vez de pedir o cálice de vinho, disse por força do hábito, em alto e bom tom, ao microfone: "garçom, a saideira!".

- Só por isso?

- Gente, foi na missa das onze! Domingo de Páscoa! Deu um baita dum rebuliço. Foi assunto até no Papo de Evas. Uma desgraceira!

- Tão me chamando? Querem a saideira?

- Ô, Garçom! Nada disso. O assunto é outro. Quando te chamo e tu não vens. Quando não te chamo tu vens. Bom, já tá aí, traz a saideira.

Glu glu glu no ponto! De tomar no bico da garrafa!

Onde que eu estava? Ah! Padre Antão. O que eu pude ajudar, ajudei e emprestei o poncho preto herdado do coronel Mundico Terra, meu bisavô... É grande e dá pra dois. Não esqueçam que ele levou junto a Francisca, sua afilhada. Lá faz um frio desgraçado de renguear urso.

Mas, mudando do saco pra mala, hoje o assunto é outro. Definitivamente deixei de ser o messias, aquele que quer fazer o bem sem olhar a quem – foi aí que me ferrei – nem aguardei a recompensa. Tinha o costume, de vez em quando, de me postar nas imediações da Catedral, ali pela praça, com a nobre missão de fazer bem às próximas. Seleccionava, das passantes, a menos privilegiada pela natureza e me dispunha a lhe massagear a alma com uma ação tão simples quanto eficiente. Emparelhava o passo com o da escolhida e lhe dizia no entredente: “gostosa”. Era lindo de ver as reações das mais diversas. Porém, todas faziam aquela cara de ofendidas, mas os olhos diziam o contrário: felicidade pura. Assim que proferia as palavras mágicas, tirava distância e desaparecia. O bem estava feito. Coisa de bom moço, até porque, como já disse, não esperava por recompensa.

Mas, o papai aqui, sempre foi muito previdente. Qualquer coisa em contrário como o caso de uma reação mais intempestiva, incompreensão ao meu gesto benfeitor, corria uma ou duas jardas, entrava na minha rural willys verde e branca, que deixava em um lançante perto da rua Osório; engatava uma quarta e me escafedia

rua abaixo até chegar na Maroca. Ali... Bem, ali estava em casa! Nunca foi necessário tal extremismo, até que, num fim de tarde gris de agosto, aconteceu a tragédia.

Sempre digo, um dia é um dia. Tava ali na espera, como quem não quer nada, quando vi uma baixotinha compacta, passinho curto e ligeiro, de vestido – pasmem, acreditem, de vestido de tafetá! –, ostentando um pomposo coque, agarrada ao Velho Testamento, com óculos escuros, enormes que lhe escondiam completamente o rosto. Antígona, do tempo de guaraná com rolha. Pensei, é esta! Como sempre, emparelhei o passo e, caprichando no tom de voz, lhe disse, “gostooooosa!”. Sabem, não sei porque, mas caprichei no oooooosa!!! Minha voz em vez de sair no entredente, saiu aberta, baritonada, um espetáculo!

Jesus, Maria, José! Que gritado saiu daquele metro e alguma coisa de mulher: “cachorro, sem vergonha, tarado, passado”. Até aí tudo dentro do esperado, pensei que de quando em quando, pode dar errado. Só que, dessa vez, deu muito errado. Ela engatou “vou contar pra tua mulher!”, “que falta de respeito”, “vai criar vergonha nessa tua cara”, “não leva livre nem parente”. Parente?! Tremi na base. A senhora tirou os óculos... Meus companheiros de trago é de não acreditar, a baixotinha de vestido era, nada mais nada menos, que a tia Nenê!

- Bah! Contador de causo, que situação mais encardida! Tua tia!

- Seu Nilo, se fosse minha tia o furdunço ficava em família, mas a Nenê é tia da minha consorte. Tragédia pouca é bobagem.

Pois a espécime de vestido – não bastasse o parentesco indevido –, além de ultrajes verbais, ofensivos, me agrediu covarde e violentamente com o Velho Testa-

mento, gritando a cada testamentação, “fritarás no fogo do inferno!”, num destempero total. Mas nessas alturas do campeonato, o fogo do inferno seria açúcar na caipirinha, sal temperado na carne gorda. O sacrifício maior seria ajustar as contas com a minha dita, cuja mulher é de faca na bota! Naquele átimo de segundo, preparei os argumentos, “tia, a senhora entendeu errado, foi uma brincadeira”. “Não é o que estás pensando”. “Não sabes nem brincar?” “Sou incapaz disso”. “Vamos dialogar, pensei que fosse outra”. Essas são as coisas que no desespero dizemos, quando nos pegam de *cuecas nas mãos*.

- Contador de Causo, e o plano B, a retirada na Rural?

- Pois é, Anacleto! Tia Nenê inventou de desmaiar. Escutei a sirene da Samdu e pensei: a veia tá em boas mãos, hora de picar a mula rumo ao plano B. Mas aí, vocês sabem, juntou um povaréu daqueles, parecia comício do Brizola. Gostam dum arranca-rabo que nem sei, vou te dizer, mas pra mim não seria problema uma retirada à paraguaia. Ia fazendo isso quando escutei, vindo da massa insana, alguém dizer “a delegada Helô¹ está vindo com um pelotão de tranca-ruas²”. Parei ali mesmo e fiquei estático. Pois era exatamente o que eu queria, um encontro com aquela mulher de lei, um sonho acalentado por muito tempo. Seria uma oportunidade única tê-la ali à mercê de meus olhos e pensamentos, os mais mal intencionados possíveis. Decidi que não fugiria, que enfrentaria aquela quimera de igual para desigual. Não esqueçam que ela viria acompanhada por aqueles brutamontes.

- Por que não o BOPE?

1 Personagem da novela Salve Jorge, interpretada por Giovana Antonelli.

2 Corpo policial (antiga Guarda Municipal Reformulada), atuante lá pelos idos de 1923.

- Natalino, a delegada sabe o que aconteceu com o pessoal do BOPE, quando do último enfrentamento da baixa geral, uma fiasqueira, corridos a pelegaços por um contador de causo... Não correria o risco novamente, por isso os tranca-ruas.

Ah! Meu Deus do céu! Santo Cristo! Quando aquela mulher chegou, do alto de sua prepotência diáfana, com aquele aparato todo, foi de cinema. A turba imaginava uma tragédia, sangue correndo pelo meio-fio das calçadas, enfrentamentos violentos com arma branca e pistolas de alto calibre, pois sabiam que eu não era de recuar. Para mim, que sou bisneto do coronel Mundico Terra, aquilo foi fichinha! Perderia a vida, mas não morreria! Estava disposto a isso. Nunca fui homem de levantar pandorga sem ter linha forte. A kombi da polícia chegou escandalizando, não sabem chegar à francesa.

Ela desceu, altiva como sempre, com aquele porte aristocrático, e assim que me viu, caminhou a passos largos, com aquelas pernas padrão Fifa de antílope, possessa ao meu encontro. Parecia uma manequim desfilando na rua esburacada como se fosse a passarela, sabem? Naqueles passos desengonçados, mas que partindo dela revestiam-se de graça especial e atrás, em séquito, contrastando, os brutamontes. A cada passo, seus seios balançavam numa dança singular, movendo-se de um lado pro outro, de um outro pro lado. Ao mesmo tempo em que numa delicadeza só, também agressivos, pedia passagem à claridade, quase que arrebetando os botões de sua jaqueta marinho. Na esteira desse caminhar sensual ia deixando cheiro bom de mulher, recém-saída do banho com sais de sumo de hortênsias. Compondo esse quadro, seu rosto angelical completamente alterado numa

expressão felina, não deixo por menos, de onça no cio, compatível com um corpo a corpo que se descortinava. Só que eu, diabolicamente, pensava num outro tipo de corpo a corpo com aquela autoridade. Por isso, minha espera por aquele momento, que sem querer, tia Nenê estava me patrocinando.

Mais ou menos a uns quatro metros ela estancou, esperando uma reação violenta da minha parte, quando para sua surpresa levantei lentamente os braços – um silêncio profundo imperava na praça, quebrado pelo badalar do sino da igreja. Olhando fixo para seu corpo, como quem busca força para o que pretendia. Então, gritei de peito aberto: “estou armado! Estou armado! Reviste-me!”.

As pombas, centenas delas, se assustaram e revoaram em sonoro lúgubre por todos os lados, dando uma tinta especial àquela cena de fim de tarde descorada, ao mesmo tempo em que, inconscientes, se protegiam de um duelo entre gigantes. Coisa para Spielberg³ registrar.

Pude perceber em seu olhar e em suas mãos lívidas, uma dúvida atroz, revista-me ou não? Sabia que comigo a carne era forte. Quando... – “REVISTEM O TARADO!!!! REVISTEM O TARADO!!!!” – vociferou, num balbucio choroso.

Realmente meus confrades, num primeiro momento, me surpreendi. Não esperava da delegada Helô tamanha falta de ética profissional. Ela simplesmente abriu mão de sua prerrogativa quando terceirizou a tarefa de me revistar a indivíduos de sétima categoria, de mãos rudes. Não as que esperava, macias tal qual a bunda de nascituro e trêmulas tanto quanto a de uma sedenta. Pura covardia. Sabia que se cumprisse com sua obrigação, estaria pelo resto de sua vida à mercê de meus caprichos,

3 Steven Spielberg: famoso diretor de cinema.

escrava dos meus encantos. Pelo sim e pelo não, optou pela racionalidade.

Carregado por aquela turba de malévolos, ainda pude perceber a imagem daquela mulher se distanciando, penitenciando e se lamentando pelos prazeres de que abrira mão.

- Mas, Contador de Causo, não deste uma paliçada de pau na corporação de tranca-ruas? Não os colocaste a correr?

- Pessoal, de maneira nenhuma, não nasci hoje. Era o que eles mais queriam. No outro dia pediriam atestados de afastamento do trabalho, trinta dias no mínimo, para tratamento de edemas, cortes, furos de bala e contraturas. E eu ainda me arriscaria a ter que responder juridicamente por constrangimento moral inferido à tropa. Sabem, com as leis que nós temos... Quem é que pagaria por isso? Nós os contribuintes.

- Tenho uma pergunta.

- Não obstante compreender que ela sentiu profundamente pela atitude tomada, não a perdoei. A volta vem, os calaveiras se secam. Ainda, a teria aos meus pés clamando por uma migalha de carinho! Que lhe custava me revistar?! Mas, naquele momento, queria mais que ela se...

- Tenho uma pergunta. Pelo que eu sei a rural só tinha três marchas. A tua tinha quatro?

(Santa Madre! Um detalhista! Só pode ser o Doisidois Sanquatro, o matemático do Bar).

- Senhores deste plenário, vocês são muitos, talvez vinte ou centenas, quem sabe. Fica difícil de contar e se cada um vai fazer uma pergunta, eu acabo me perdendo no caso. Se continuarem me interrompendo, tomo a saída e me vou...

- Não, não... Continue. Silêncio, psiuuu...

- Vocês quem sabem... Bueno, no fim das contas acabei no xilindró. Chegando ali no Posto Policial da Vila Tunda de Laço, reduto daquela mulher de quem quero me esquecer, o sargento Tenório me pergunta se eu tinha diploma. Olha, na hora ia mencionar que era contador de causo, mas como sou modesto omiti minha qualificação. Resolvi dizer que sim, que era graduado de nível internacional, coisa muito fina, e realmente apresentei o documento. O sargento examinou o papel meticulosamente, até disse, com cara de professor de latim: “o que é o estudo! E em inglês?”. Com curso superior fui parar na Papuda.

Até que a coisa não estava tão ruim. Fui companheiro de cela dum tal de Zé Dirceu, gente boa, de bom papo e, pelo que me pareceu, bastante influente nas hostes palacianas. Quando soube que eu estava ali por ter chamado – numa atitude republicana – alguém de gostosa, dava gargalhadas. Acho que foi com a minha cara, porque propôs até colocar no meu nome algumas de suas empresas e em troca ganharia uma ONG em sociedade com um tal de Maluf. Estávamos quase fechando a parceria, quando fui informado de que seria transferido para o presídio de Serrinha, lá no Maranhão.

- Mas, Contador de Causo, teu diploma não valeu nada? Era de Harvard? De Coimbra?

- Pois é, alguém lá tentou de examinar o tal de documento, desconfio até que foi aquela delegadazinha. Olha o sacrifício que tive para conquistá-lo. Ainda o tenho em quadro na parede de meu quarto e sala no Bristol: “Cameo en el Campeonato 35a Trova a Orillas del Río Uruguay – Passo de Los Libres – Argentina”. Gente foram duas semanas de trago, assado de carne de porco do

mato e muita trova. Mas deixa pra lá, isto é outro causo. Inventaram um nome para aquela safadeza que fizeram comigo, quando desconsideraram minha titulação: falsidade ideológica.

Senhores, continuando, é de não acreditar. No fim das contas, fui considerado um pária para a sociedade. Certamente representava um perigo para a burguesia ao me destinarem para aquele inferno. Na lata mesmo, tinha sido condenado à morte! Sabendo disso, eu que não sou muito chegado à reza, me peguei com tudo que foi santo, porque o tal de habeas corpus estava longe de mim; numa naba desgraçada, não tinha um pinto pra dar água. Vocês daqui, até que levantassem fundos com uma ação entre amigos, seria demasiado tarde. Enfim, salvação, só Jesus assumindo a causa. Pensava o pior, no que poderia acontecer comigo naquela cadeia fétida? Morrer recortado por peixeiras seria massagem de odalisca ou, o que eu mais temia, perder minha virgindade, impensável para um homem de minha têmpera. Suicídio era o que me restaria... Ir ao encontro do Senhor por mãos próprias. Mas, faltando minutos para minha transferência, na falta do padre Antão, o pastor Feliciano tinha me preparado espiritualmente. A Federal tinha sido acionada para minha escolta e, eu pronto a ingerir um frasco de pílulas do doutor Ross, com o líquido que me levaria à morte – grapete com leite de magnésia –, fui surpreendido pelo carcereiro: «seu Contador de Causo, tem alguém aí, uma mulher que quer um particular com o senhor». Foi o que me salvou, a um custo muito alto, reconheço, mas tô aqui vivo e são de lombo. Dos males o melhor!

Bem amigos, já é tarde. Outro dia termino o causo. Garçom, a saideira!

- Não!! Não! Tranquem a porta, não deixem o Contador de Causo sair sem contar o fim. Por favor, fique mais um pouco. Agarrem o homem!

- Acalmem-se! Acalmem-se!... Ô Garçom, levanta, traz uma gelada. Claro... Sim. Não te preocupe, te espero pra contar o fim do causo. Guardo teu lugar.

Bem, todos estão aqui? Na verdade não esperava aquela reação dela, ali, se atirando em meus braços, assim que me viu. Buscando migalhas de carinho. O grande Olavo Bilac tinha razão quando disse "*a banca paga e recebe*". Chegara a minha vez... Suas primeiras palavras foram...

- Bah! Parabéns! Enfim a delegada rendida... Que baita prato! Quem diria! Tu sempre foste gamado nela... Psiu... Deixem o homem continuar. Silêncio!!!!

- Suas primeiras palavras foram em meio a lágrimas profusas, "até que ponto foste sincero quando me chamaste de gostosa?". Senhores, eu tive ali, aos meus pés, a tia Nenê, de corpo presente, arrependida pela confusão que criara e que quase levava à morte um homem de bem. Acabou retirando a queixa, pagando o habeas, promessa de bico fechado, sob algumas condicionantes, que eu, como cavaleiro que sou, me reservo a não divulgar.

(Povo que está lendo, aqui entre nós: a tia Nenê é uma baita duma chantagista).

- Contador de causo, em nome dos colegas aqui do Bar, externo sinceros pêsames. Às vezes, somos obrigados a fazer coisas que nossa moral não permite, ainda mais com parente. A busca da liberdade nos leva a atitudes impensáveis. Mas aproveitando a palavra que me foi concedida, posso pedir uma coisa?

- Claro Garçom, claro!!!

- Na verdade é um pedido geral. Pode repetir aquela cena quando a delegada desceu da kombi caminhando a passos largos com aquelas pernas de antílope, possessa tal qual uma onça no cio?

- Amigos! Coisa de louco... Não tava de coturnos. Calçava rasteirinhas amarelas, a blusa de seda branca transparente...

- Pergunta!! Pergunta! Mas ela não tava de túnica marinho? Quem foi Spielberg? Que é prepotência diáfana? Diz-se cavaleiro ou cavalheiro?

(Pronto, perdi o controle de meus personagens. Se atêm a detalhes, desconsiderando o todo. Estragam um bom caso por nada. Que eu faço? Vou bater em retirada).

- Pessoal, é tarde, outro dia termino o caso!

- E a saideira?! Não vai pedir a saideira? Essa nós pagamos. Fique mais.



Até hoje ele bate o ponto!
E é muito obediente.
Adoro quando ele me atende
e me chama de gostooooosa!

Assinado: tia Nenê



VIDA CACHORRA

*Causo relatado por Sani Vidal,
que ouviu do tio de seu primo.*

Esses dias escutei pelo rádio um chamamento da Sociedade Protetora dos Animais, pedindo que as pessoas levassem seus cães para serem castrados. Aí que fiquei indignado – quem mais deveria defendê-los são os primeiros a encaminhá-los ao cadafalso. Não deixo por menos; isso é crime dos brabos, verdadeira cachorrada. Ainda se dizem amorosos com os bichinhos. Queria ver se fosse com eles. Sempre cito Nietzsche¹, que tem dito para tudo: “tue nicht Anderen an, wenn du nicht willst dass Andere dir dasselbe antun”. Pois é!

Essa relação de humanos com a cuscama, cada vez mais vai se estreitando, gerando muitas vezes animosidades familiares. Aconteceu com o Otacílio, vizinho no Bristol, do tempo em que fui síndico daquele prédio. Contou-me tudo quando fui visitá-lo.

Chorou as pitangas, dizendo-se depressivo, com ideação suicida e sentimento de desvalia. Disse-me que não sentia mais prazer, nenhum, em ler a *Playboy*, que se

1 Frederico Nietzsche: alemão batata, amigo lá de Ronda Alta, autor da frase “Não faça a outrem aquilo que não gostaria que lhe fizessem”.

afastou da mesa de pano verde, nunca mais procurou as gurias da Vestina, parou de vir aqui no Bar e me confessou ao pé do ouvido, sussurrando, o mal que lhe acometia e a consequência de todas essas mazelas, como a dor de cotovelo. Sua mulher tinha outro, e, imaginem no seio de seu próprio lar.

Pessoal, amigos, caí do cavalo. Nunca tinha pensado nisso, até porque conhecia a Esmeralda, a bem da verdade, nunca vi nada de especial na figura – longe de ser um pitéu. Se bem que tem gosto pra tudo... Não duvido de nada.

À medida que me contava sua saga, fui entendendo o seu desafeto, era o Bidu, cachorrinho daqueles pequeninhos, perfumado, bem cuidado, com registro de nascimento, carteirinha de vacina, dependente da UNIMED... Afinal era um ser humano como outro qualquer, como diria o ex-ministro Magri, lembram? Usava até um topinho azul. Está certo, porém, ainda assim um topinho!

Mas, triste, muito triste. Foi castrado. Então, aquilo que é bom, jamais. Talvez daí sua melancolia profunda. Fico a pensar, que vida ingrata a do cão luxento. Imagino um que não sabe o que é virar uma lata de lixo, nem fazer xixi no pé de um poste, que nunca acolheu uma pobre coitada dum pulga carente em seu pelo perfumado ou matou a sede no correr de esgoto na calçada, sem ter vivido a emoção de acompanhar uma procissão e ser escorraçado pelo padre, sem nunca ter acoado num comício, e, o ápice da bizarrice canina, sem jamais ter cheirado a bunda de um gato. Copular na praça, então, nem falar. Que lástima! Não viveu, vegetou. De que vale ter nascido em berço de ouro? Bom... Deixo as divagações de lado e sigo o caso.

Mas o danado do destruidor de lar, o que tinha de triste, tinha de chato e implicante. Vocês não vão acreditar... Segundo Otacílio, o bicho era vegano. Comia tomate, rúcula e alface com óleo de oliva puro – acidez de um por cento. Custava o olho da cara. Ah, e não resistia a uma berinjela.

Água? Só mineral e com gás. Ração só da royal canin. Xampu só do boticário. Croissant recheado com presunto magro da sadia. Pro Otacílio água de cacimba, massa miojo, sabão em barra e pão dormido com mortadela da feira. E o amor da Esmeralda, nada. Dor de cabeça direto. Ele, que desdita cruel, ainda tinha que ir até a farmácia comprar quilos de cibalena. As atenções eram exclusivas pro Bidu. Otacílio queria direitos iguais. Nada mais. Não queria vantagens. Direitos iguais. Queria ser tratado como cachorro. Só isso!

Sentava para escutar o radinho, e a mulher dizia, “leva o Bidu pra passear”. Sentava pra ver Grêmio e Lagedense na TV, e a mulher dizia, “dá suquinho de laranja pro Bidu”. Sentava pra tomar uma gelada, e a mulher dizia, “escova o Bidu”.

Um dia o caldo entornou. Não é que a Esmeralda inventa de fazer uma tatuagem, uns dois centímetros abaixo do umbigo, praticamente na zona do agrião, muito próximo do paraíso, em malaio, registrando, o quê? É, isso mesmo! O nome do bicho, Bidu. Ardendo de ciúmes, o homem montou num porco, assumiu sua face de Virgulino Ferreira cruzado com “Jack, o estripador” e recolheu das profundezas de seu ser o que tinha de mais cruel e vingativo, contrastando com seu perfil de homem gentil. Vocês hão de concordar... Também... Não era pra menos.

Segundo Otacílio – não esqueçam que estou contando o que o próprio personagem me contou –, aquilo foi

demais mesmo para um bom homem como ele, até então manso, temente a Deus e adepto a uma relação familiar eterna. Agora ostentando uma galhada frondosa por sobre sua frente, que situação mais encardida!

Com sua nova personalidade assumida, aguardava ansioso o dia em que Belzebu, o Príncipe dos Demônios, divindade a quem passou a entregar suas orações diárias, lhe indicaria o caminho para o desenlace dessa relação doentia, lhe daria o sinal para agir.

Um dia, como sempre digo, um dia é um dia. Estava sintonizando na Rádio Gaúcha pra escutar o sala de redação, tomando um martelinho com um tira gosto de torresmo de galinha caipira, dando aquela coçadinha básica – momento de introspecção, direito de qualquer cidadão de bem –, quando a Esmeralda chamou, não Otacílio, mas “OTACiiiiiiiIIOOOOOoo, vai dar banho no Bidu”.

Disse que escutou, claramente, em seu ouvido esquerdo Belzebu dando o recado “chegou o dia. É agora! Banho no Bidu!”. Era o que ele estava esperando. Pensou rapidamente, preparou o plano meticulosamente. A fuga deveria ser rápida, sabia que iria dar bolor. Deixou o chevetão ligado na garagem, pegou o radinho de pilha, a coleção de disco do Agnaldo Timóteo, o pijama listrado, meia dúzia de carpins, a camiseta do Grêmio, enfim, o básico. Ritualizou a operação. Tirou as pantufas do bicho, fez uma cosquinha, aqueceu a água mais do que o recomendado, adicionou creolina misturada com uma porção generosa de querosene ipiranga e... Deu banho no Bidu. Seria o último, então, que fosse no capricho. Já que iria dar merda, que a razão fosse bem justificada.

Não demorou cinco minutos, o perro e a Esmeralda vieram a mil pra cima dele, ela com um pedaço de pau

com prego enferrujado na ponta, gritando “CACHORROOOO, EU TE MATO”. O Bidu sabia que os gritos não eram pra ele. Cachorro, naquele tom, e naquelas alturas, era para o Otacílio.

Este me contou, antes de desmaiar naquele leito de hospital, “corri rápido pra garagem, me acomodei no chevetão, motor aquecido, olhei pra trás e gritei biuuuhuhuhuuuu! Nunca mais, nunca mais, fica com ele. Não é que o controle automático do portão da garagem pifou?”.

Pois é, amigos. Isso acontece com qualquer um, não é verdade?

- Tenho uma curiosidade, se Otacílio morava lá no Edifício Bristol, como é que ele tomava água de cacimba?

- Péra aí, o Bidu não era vegano? Como comia croissant recheado com presunto magro da sadia?

- Seu Nilo, até o senhor? Natalino, até tu? Vocês fazem cada pergunta que olha, vou dizer... Isso são detalhes que, no calor de uma contação de caso, podem não bater com a realidade. Caso é caso. Eu até tenho outra história de cachorro, que foi meu, o grande Chuvisco. Mas com essas acho que vou pedir a saideira e bater em retirada.

- Conta! Fecha a matraca, Nilo! O Chuvisco não era o cachorro do Arquimedes? Mantenham a calma! Falta-te diálogo?

- Ah, curiosos! Garçom traz outras e bota na conta do seu Nilo e do Natalino. Como eu ia dizendo... Cachorro igual nunca vi, não porque era meu. Mas o Chuvisco ficou na história.

- Desculpe a insistência. O Chuvisco não era do Arquimedes?

- Berlusconi, verdade... Já conto pra vocês como o cusco chegou a mim. Numa tarde dessas, no Centro Recreativo e Cultural São Jorge, da Paróquia do padre Antão, dei uma surra no Arquimedes; ganhei na tava, na bocha, no carteadado, na cancha reta – eu com a Mimosa e ele com o General – e, no fim, por pura gozação, até no par ou ímpar. Isso que ele recusou meu desafio pra ver quem mijava mais longe! Deixei o compadre pelado! Na hora de acertar as contas, sabem o que ele me ofereceu em paga? O cachorro de nome Chuvisco.

Aceitei meio desconfiado. Sabia da história do Bidu. Fiquei com o pé atrás. Mas compadre é compadre. Outra, ele jurou de pé junto que o bicho era dos bons, sem igual numa caçada de perdiz.

Na verdade, o Chuvisco era cachorro ovelheiro. Fora corrido ali dos campos dos Mello pelos fazendeiros da região, que levavam a sério o dito “cachorro ovelheiro só matando”. O Arquimedes o recolhera e o treinara para caçar perdiz e o bicho inteligente que só ele, aprendeu rápido, o que mais tarde pude comprovar. Mas, como todo gênio, tinha alguma balda. Tipo Romário, Justin Bieber... Dessa laia.

Nosso encontro foi amor à primeira vista, empatia imediata. O que o Bidu tinha de triste – também, privado de sua macheza, hoje compreendo – o Chuvisco tinha de feliz. Resumindo um era mauricinho, o outro, chinelão. Chuvisco, faceiro que nem cachorro de praeiro; pouca boia, libertino, suando lascívia por tudo que é lado, adepto do amor livre a céu aberto, assim desse jeito. Aqui entre nós, melhor que isso só goiabada com queijo, como diria Beto, o letrado, na acepção mais açucarada das palavras. Pois é, mas ele não era só faceiro

e um tremendo de um galinha, também se consagrava um grande profissional, toda vez que acionado na sua especialidade, caçada de perdiz.

O que vou contar pra vocês não aconteceu uma vez, mas várias. Toda a caçada era um sucesso, trazia no limite de trinta e duas perdizes cada vez e sempre seguia a mesma rotina. Pegava a Mimosa, minha espingardinha winchester calibre 22, herdada de meu bisavô, o Mundico Terra; meu radinho de pilha; fumo de corda; um bornal; dois metros de linguiça e tocava rumo àqueles campos brabos, cobertos de macegas e carrapicho, enfrentando o corte do capim cola-de-burro, serpenteando banhados e valos, e, o pior, aquele chão reduto de peçonhentas das mais venenosas. Nem falo nas onças, nos porcos-espinhos, e por aí vai... Tanto que eu não apeava da Mimosa.

Chegava num determinado lugar, dava o sinal para o Chuvisco, "ao trabalho", acenava. A Mimosa se empertigava, ficando imóvel, de forma a não prejudicar minha mira. Chuvisco, em silêncio, toda vez que visualizava a caça, mexia uma das orelhas, como que indicando a direção de posição: direita ou esquerda, direita ou esquerda. Percebendo isso, dizia: "vamo lá, Chuvisco!". Saía em disparada, levantando a caça, e eu, pum! Apertava o gatilho, contava até dez e lá vinha ele trazendo na boca a ave inerte. Também, não era para menos, um tiro no meio "dozoio"!

Abria o bornal, que eu deixava no chão, preso a uma corda na cela, colocava o bicho dentro e se posicionava novamente. De vez em quando, pra quebrar a rotina, e confesso, também para economizar munição, abatia duas perdizes com um tiro só. Quem caça sabe do que eu estou falando. Tem que ser rápido no gatilho, calcular o

ângulo certo e... Pum! Não é que o Chuvisco trazia as duas na boca, nos mesmos dez segundos?

No entremeio dessa operação, as perdizes, sabendo de nossa presença, às vezes, escasseavam me permitindo alguns momentos de relaxamento, que eu aproveitava para escutar musiquinha sintonizado na rádio Fantasia, mascar fumo e namorar a natureza, presente numa posição privilegiada, montado na Mimososa. Como eu disse, não apeava da eguinha. Também, com aquela bicharada toda à solta... Não esqueço duma coruja que ficava entronada no topo de um moirão com feições de embevecimento à sincronia dos movimentos de um bípede e de um quadrúpede, no caso, eu e Chuvisco. Não dava um pio que fosse... Não perdia nada do espetáculo.

E o calorão, então, nem sentia, uma vez que era neutralizado pela brisa agradável gerada pelo bater de asas de centenas de graciosas mutucas que habitavam aquele bucólico lugar.

Quando chegava as trinta e duas perdizes – contadas pelo Chuvisco –, eu puxava a cordinha que prendia o bernal, acomodava a caça por sobre os arreios e pegava a estrada rumo à urbe num trote marcado – pocotó, pocotó, pocotó, pocotó –, e atrás o Chuvisco, de barriga cheia, numa felicidade e ciente do dever cumprido. Coisa de louco!

Numa dessas empreitadas, achei que tinha perdido meu amigo e minha fonte de riqueza. Sim, esclarecer se faz mister. Já era naquelas alturas um próspero comerciante de carne nobre de caça, atendendo o mercado interno e pensando em exportações, graças às habilidades do profissional Chuvisco. Mas isso é outro caso... Outra hora conto pra vocês.

Nesse dia, lá pelo meio da tarde, seguindo o mesmo ritual, acionei o gatilho da winchester e... Pum. Chuvisco saiu que foi uma lista. Contei até dez.. E nada... Nada... Segui contando, onze, doze, treze... Noventa e dois, noventa e três, epa... Aí me dei conta de que algo acontecera. Errar a mira, impossível, com anos de treinamento. Fui atirador de elite do Tiro de Guerra², na década de cinquenta. Jamais. Algo de grave acontecera.

Nunca deixaria meu parceiro e irmão na mão. Tava me preparando pra buscá-lo, pensando no pior e com aquele pastiçal todo – não enxergava um palmo na frente do nariz – resolvi apeiar da Mimosa, enfrentar qualquer perigo e buscá-lo morto ou vivo. Quando de repente, vocês não vão acreditar no que vou dizer, a coruja, aquela entronada num moirão, abandonando sua posição contemplativa, solidária na minha aflição, saiu em revoada e, com rasantes e piu-pius lancinantes, indicava o caminho para quem, adivinhem? Pro próprio... Ele, o grande Chuvisco, para que chegasse até mim, perdido que estava e ferido mortalmente.

Quando vi aquela cena, me escorreram lágrimas sentidas, grandonas, daquelas salgadas, dignas de serem secadas por um lenço de cambraia de linho branco. Chuvisco, cheio de espinhos pelo corpo, e até por dentro dos olhos, guiado pela coruja, cego que estava, e sem poder abocanhar a caça moribunda – a boca em carne viva –, a empurrava, rolando-a com as patas. Quando enfim chegou até a mim, aos pés da Mimosa, ciente do dever cumprido, desmaiou, cedendo às dores infernais. Que profissionalismo. Coisa de cinema!

2 Instituição do Exército Brasileiro encarregada de formar soldados e/ou cabos de segunda categoria (reservistas).

(Leitor, a minha ideia era que o Chuvisco morresse gloriosamente aos pés da Mimosa. Mas optei por desmaiá-lo, uma vez que me afeiçoei ao bichinho. Espero que compreenda).

Digo, acalmem-se. Explico... Silêncioooooooooooooo!

Ocorre amigos, pelo que deduzi, que, no meio do caminho, quando saiu na tradicional disparada após meu “pum”, colidira num porco espinho que, afeito a pouco diálogo, puxou briga... Logo com quem, o Chuvisco. Boa gente, mas que não era de levar desaforo pra casa. Logo, reagiu, cagou ele a pau. Também levou. Imaginem. Alguém aí já peleou com algum porco-espinho? É coisa muito feia, que o diga o Chuvisco.

Bem, este caso foi comprido, me deixou de goela seca. Garçom, a saideira!

- Garçom, segura a saideira. O caso ainda não terminou. E os dois metros de linguiça?

- Ah! Sargento Tenório. Já ia me passando. Eu não disse que o cachorro era baldoso? Pois é, sempre que trazia uma perdiz, eu alcançava um pedaço de linguiça frita na banha e em panela de ferro. O cusco era cheio de exigência. Terminava a caçada de barriga cheia. Satisfeitos?

- Pera aí. E quando o Chuvisco trazia duas perdizes de uma vez só, ganhava dois pedaços? A linguiça era campeira?

(Ah, não! Isso é implicância comigo. Meus personagens adoram fazer isso. Vou fazer que não escutei).

- Mas, colegas de trago, a maior vocês não sabem. Conheci o Guri, filho do Bidu, aquele do caso do Otacílio. É, não tô enganado, filho do Bidu. Acontece que o corte no pinto do cachorro foi parcial, sei lá a causa, e o mesmo, reconhecido como inofensivo, foi deixado à

vontade pelo Bristol, com trânsito livre no meio das patricinhas. Sei bem da história, pois fui síndico daquele prédio na época. E aí, senhores, na confiança, o mauricinho, com o toquinho que sobrou, fez um baita dum estrago. Um dia...

Fiz de tudo para salvar nossa relação a três.
Cheguei ao porto de tatuar logo abaixo do
umbigo, em otomano: Otacilio, y love you.
O ciúme doentio cegou aquele homem.



Assinado: Esmeralda



A MORTE DE OTACÍLIO

A migos é com imensa tristeza que comunico a vocês a morte do Otacílio, morador ali do Bristol. Infausto até previsível, visto que apresentava, a olhos vistos, sentimentos de desvalia e ideação suicida. Consequências de sua relação conflituosa com Esmeralda e Bidu, cão que recebia toda sorte de atenções dela. O que restava a Otacílio? Nada... Nada além da relação xoxa de humano x humano, quando na verdade queria também um tratamento pra cachorro. Lembram?

Pois é. Essa diferença de trato não foi a causa primeira, embora tenha concorrido para destrambelhar suas ideias. Foi outra, que no decorrer do caso vocês ficarão sabendo. Como não gosto de ser interrompido, peço a vocês que, se tiverem que ir à patente, vão agora, e, por favor, puxem a descarga! Todos aqui, né? Garçom traz mais uma para afinar o latim. Gazapinaaaaaaaa!

Vejam como são as coisas. Essa ocorrência – morte do Otacílio – foi bater adiante e deflagrar consequências a terceiros, que nunca imaginariam, que aquele desafortunado acontecimento lhes respingasse e daria o norte para suas vidas, doutor Camargo e Florence.

Médico legista e enfermeira começaram suas carreiras juntos, ainda jovens, trabalhando na sala de necrop-

sia, nos fundos do hospital e fronteiro ao necrotério, no turno da madrugada, quando parecia que as tragédias combinavam de vir aos magotes.

Ele recém-egresso da faculdade, com todo o leite, indócil no partidor, galo novo ciscador. Ela – Deus do céu...! –, loira, pernas longas, coxofemorais exuberantes bem preenchida, lábios cereja rosa, tez clara, leitosa, permitindo visualizar as veias azul-anil – tipo mulher de viking. Tudo isso e mais um pouco acondicionado por guarda-pó alvo, justo, que lhe conferia sensualidade, mesmo naquele ambiente recheado de morte. Resumindo, um espécime de luxo.

Desde a primeira noite que passaram juntos – trabalhando – Camargo, nos raros instantes que se permitiam, hibernava, por momentos, em bendito transe, recostava-se na cadeira, cruzava as pernas, bebericava um pretinho, tragava um belmonte amigo e chamava-a, dizia qualquer coisa, esperando quando retornasse para lançar na colega um olhar fulminante, escandalosamente impudico, na sua estrutura traseira. Bem pontual, aliiiiiiiiii óóó, bem aliiiiiiiiiii óóó..., particularizando a preferência naquele corpo cravejado de acepipes, não lhe importando o que lhe viesse pela frente.

Quanto a essa figura, um amigo do Bar, o Drummond, já dizia, corroborando a fala do olhar do médico, que “bunda são duas luas gêmeas em rotundo meneio. Anda por si na cadência mimosa, no milagre de ser duas em uma, plenamente”¹. E, quando bem trabalhados, os passos que a carregam a tornam imbatível na preferência de qualquer um. E àquela, amigos, meu respeito!

1 Poema “A bunda, que engraçada”, de autoria de Carlos Drummond de Andrade.

- Não é bem assim! Há controvérsia! Eu prefiro...

- Agora... Porque esse tal Drummond diz, não quer dizer que seja verdade. Vai um contraponto?

(Leitor, já começaram a dar palpite... Vou fazer que não escutei.)

Florence não se incomodava com isso; muito pelo contrário, se deliciava com aquele verdadeiro assédio visual que lhe causava frisson pelo corpo inteiro, assumindo sua gostosura, tanto que, ao retirar-se, morosamente, floreava ainda mais os movimentos, conferindo àquele pecado fulgor divino.

Esse ritual – surreal, diria –, verdadeiro jogo de sedução, envolvia de um e de outro o mesmo conceito de que o prazer tão próximo, mas ao mesmo tempo distante, é bem mais doce, e que a beleza, à medida que foge de nossas mãos, cada vez mais nos assanha. Isso funcionava como um combustível para o enfrentamento daquela atividade, como que lembrando que estavam vivos, no meio dos mortos.

Certo? Errado? Não sei. Os anos se passaram repetindo a mesma dose fantasiosa que envolvia esse olhar e aquele caminhar faceiro. Nesse tranco. Talvez uns vinte e tantos anos, sei lá! Ele agora, virado num chapéu velho, abdome definido – globoso –, rosto demarcado, ostentando bigode relaxado amarelado pela nicotina, sem o mesmo ímpeto de outrora, atalhando caminhos. Ela também já apresentando algumas fissuras, beleza cansada. Mas para eles parecia que nada mudara. Foram sábios, atualizando a cada dia, a atração que sentiam um pelo outro, desconsiderando os estragos que o senhor tempo impõe.

Mas, por mais incrível que pareça, a relação entre os dois nunca passou pelo umbral, se restringindo àquele ambiente e àquele envolvimento tácito, sem toques. Não

fosse o Otacílio aparecer nessa fase meia-boca, decadente, talvez aquela situação capenga se eternizasse.

“Doutor, chegou mais um. Um tal de Otacílio, veio do Bristol. Suicídio. Duas hipóteses, enforcamento, apresentando marcas no pescoço ou envenenamento com cicuta, baba espumosa escorrendo pelos cantos da boca. Tá na mesa pronto para a necropsia. E mais... Tem um bilhete no bolso da camisa”.

Camargo ficou estupefato, conhecia o dito cujo e sua história. Não havia nada que acontecesse no Edifício Bristol que não deslizesse para a boca do povo. Logo, em fragmentos de segundos, organizou os pensamentos e fechou a história.

Otacílio tinha se amigado com a Esmeralda, egressa de zona, que, com sua vida de mulher difícil, cansada de guerra, cedeu à perspectiva de uma outra, mudando-se para o quarto e sala no Edifício Bristol. Achava que, nos braços de um protetor, o bostão do Otacílio, teria, em formando família, a remissão de seus pecados. Ledo engano.

O amigamento durou meio ano, talvez meses, algumas semanas, quiçá dias, o suficiente para torná-lo um escravo de sua presença. E numa data dessas a Esmeralda anoiteceu e não amanheceu. Abandonou o Otacílio, o chato do Bidu, aquele cusquinho pentelho que detinha seus carinhos em detrimento ao de cujo e aquela vidinha sem brilho, circunscrita a quatro paredes, lavação de louça, abraçar-se ao tanque de roupa, pilotado de fogão, ver a novela das nove, enfim, aquelas coisas que fazem parte da rotina de uma trabalhadora do lar. Uma cacaca para quem fora rainha da noite, acostumada a luzes da ribalta.

Esmeralda, na verdade, havia ido ao reencontro daquilo que tinha abandonado e para o que tinha vocação:

figura de dama de vermelho na Boate Azul, para gaudío dos frequentadores daquela casa de tolerância. Fama, admiração, holofotes, fugazes na verdade, mas no momento, presentes lhe bastavam. Na tampa mesmo, pensou Camargo, matando a charada, o tamanho do bolso do Otacílio não comportou carinhos de uma mulher daquela linhagem, essa a verdadeira causa de perdê-la.

Mas deixando a conversa fiada de lado, Esmeralda fugiu de casa. Foi isso. Ponto. Se para fregueses do corpo daquela mulher, rosas – a teriam novamente a seu deleite –, para ele, Otacílio, cravos de velório, retratando abandono, desamor, indiferença,

Demais... Tudo isso, na cabeça do falecido, seria perfeitamente tolerável desde que ela estivesse ali, junto. Agora... Abandono não. Longe, distante, judiaria demasiada. Não saberia viver sem ela. Não sobreviveria sem ela, mesmo sob seus pisoteios, que, na falta do abraço, do beijo úmido, do falar rouco, do gemido sincero, do suor amoroso, o acarinhavam. Nesse quadro irreversível, nada mais lhe restava do que silenciar seu desassossego buscando a morte por suas próprias mãos.

Pediu, levou... Ei-lo agora, pelado, gelado, cheirando a defunto – formol fede –, estirado em cima da mesa fria de mármore branco encardido, por sob lençol esmaecido, aguardando mais cortes em seu corpo. Para dizer o quê? A causa de sua morte. Tão evidente. Pra quê? Por favor!

“Doutor, doutor, escute! Vai cortar o homem?”, perguntou-lhe Florence.

Não, Camargo decidira, não infligiria àquele corpo mais mutilações, já as tinha sofrido demasiado. Na carne e na alma. Não precisava disso para diagnosticar a causa de sua morte, quando o óbvio se declarava.

Leu o bilhete... Seu conteúdo lhe arrancou muito mais do que tragadas reflexivas. Sabem o que estava escrito? “Por favor, alguém adote o Bidu. Assinado: Otacílio”.

Colegas de vício, apreciadores de uma gelada... Que coisa séria. A preocupação do homem em proteger seu desafeto quando partisse dessa para a melhor dizia bem de seu caráter. Viveram ele e Bidu algum tempo juntos órfãos da Esmeralda, o suficiente para estabelecerem laços de solidariedade. Até que, derrotado pela saudade, cometeu aquele sacrilégio.

Foi nesse momento, ao cumprir a burocracia, preenchendo o tal de laudo pericial, que apontava a causa mortis, que deu um estalo na cabeça do doutor Camargo. Por que não?

“Posso me retirar?”, perguntou Florence.

“Não, por favor, sente-se, quero conversar contigo” – disse-lhe.

A dona do monumento quase caiu dura. Passou-lhe pela cabeça que aquela relação chegara ao fim, não a tinha liberado para que lhe desse as costas e deambulasse com aquele airoso marchar. Não teria ela engenho e arte para tal? Teria ele cansado das imersões?

Bem pessoal, está ficando tarde, outro dia termino o caso. Ah! Não? Querem que finde agora? Garçom traga mais uma por conta aqui da turma. Continuo, então.

Doutor Camargo, tomando coragem, a convidara para tomar café com pão-cabrito e margarina, sem igual na cidade, na padaria próxima ao hospital. Naquela hora, fim da jornada de trabalho, cinco da manhã, único lugar aberto. Seria o ideal para conversarem. Falaria a ela sobre a história de um cãozinho abandonado, carente de um lar. Quem sabe..., pensara.

Quando saíram juntos, Florence, por força de hábito, intentou de caminhar à frente, quando Camargo, delicadamente, pegou-lhe pela mão, como que dizendo “doravante caminharemos juntos, lado a lado. A vida nos espera”.

A silente madrugada, consternada, abraçou os caminhantes, que rumavam ao encontro do futuro colorido que se lhes descortinava.

Aquele, agora, pelado, gelado defunto cheirando a formol, estirado em cima da mesa branca de mármore encardido, por sob lençol esmaecido, vendo aquele final feliz, sorriu, e, aí sim, morreu de vez. Pra sempre.

Glu-glu-glu... Ahhhhh! Bem gelada, no ponto. É isso aí, gente. Fim de caso. Vamos jogar truco?

- Só isso? Causinho bem fracote, hein? Eles se casaram? Essa falação não vale a saideira!

(Leitor, às vezes é melhor conhecermos parte da história. Se parasse por aqui, tudo ficaria numa boa, mas eles querem mais. A realidade na sua plenitude é triste, vou espichar o caso contando tudo).

Bem, eles se aposentaram, casaram-se e fixaram residência em Capão da Canoa. Diariamente eram vistos caminhando no calçadão que emoldura a orla marítima. Ela na frente com o Bidu a tiracolo, todo emperiquitado. Ele atrás...

- Boa, ressuscitou o velho hábito. Sinal que tá vivo. Beleza!

- Anacleto, a história tende a se repetir. Ele vai atrás, sim, só que recolhendo a cocozama do cusco em saquinho plástico. O Bidu, implicante que só ele, de quando em vez, volta-se e dá aquela acoada gozadora. Humilhação pura.

Isso não era nada. Bidu, ciente de seu poder, bancado por Florence, adorava fazer das suas. Imaginem,

num de seus passeios, com quinhentos postes a seu dispor para uma mijadinha, onde o cusco foi verter? Amigos, em cima do tênis branco – lembram-se do rainha? – única lembrança que o médico guardava de seus tempos em que fora perito na arte de desossar humanos. Dizem que o meliante teatralizou, ergueu a patinha e com engenho e arte, xiiiiiiiiiiiiiiiiiiii! Uma baita mijada!!! Gozador esse Bidu. Aquilo foi a gota d'água, literalmente.

Quem viu Camargo nessa situação percebeu em seu semblante olheiras profundas, fisionomia cansada, sinalizando sentimentos cinzentos. Antes de perpetrar seu tresloucado gesto, tal qual Otacílio, buscaria vingança. Bidu, cachorro destruidor de lares, que aguarde. Ingrato, depois de tudo que lhe fizera! Tua hora vai chegar, pensava.

Não, não o esfolaria vivo, Berlusconi. Arquimedes, tampouco plantar uma muda da melhor sarna em seu corpo burguês. Cortar o rabo deixá-lo pitoco? Não, Natalino, jamais! Pior, muito pior. Feriria de morte naquilo que cães desse tipo, e suas donas, mais preservam, o pelo. Lavam, escovam, perfumam! E se orgulham deles. Numa tarde chuvosa de 18 de outubro de um ano desses – data escolhida a dedo² –, quando dava banho no Bidu, colocou a água na banheirinha e porções de...

- Já sei! Creolina e um copo de querosene ipiranga! Acertei?

- Em parte, Anacleto. Acrescentou a isso gotas generosas de piche! Isso deu uma baita de uma rebordosa. A última notícia que soube do Bidu é que estava internado em um SPA em Gramado para recuperação dos fâneros cutâneos que restaram através de um coiffure francês. Mais, sendo assistido psicologicamente, para que recu-

2 18 de outubro, Dia do Médico.

perasse sua autoestima, visto que sua fleuma e soberba foram parar debaixo do cu do cachorro.

Imagino o Otacílio e o Camargo, lá em cima, noutra dimensão, se matando de tanto rirem... Pois é. O bicho não se emenda. Ele ainda ressurgirá das cinzas e vocês ainda escutarão causos em que o Bidu, cachorrinho jaguara, mal-agradecido, continuará fazendo das suas.

Pessoal, agora sim vou parar por aqui. Vamo no truco?

- Só uma coisa. Tu conta os causos pela metade. O que o doutor Camargo registrou como causa mortis do Otacílio?

- Seu Nilo, não havia necessidade de supliciá-lo quando o óbvio se declarava coração partido.

Garçom, a saideira! Vamo pro truco. Padre Antão dá as cartas? Polarrrrrrrrrrr! Acorda, garçommm!





VAMOS DANÇAR? É UMA LENTA.

"Vamos dançar?
É uma lenta!".

Eu ali, conforme tínhamos combinado, na frente dela, me apresentei e disse isso mesmo... Mas... Peraí. Sempre eu que conto as coisas!

Garçom, tu não tens uma história? Não acredito! Destranca a tramela. Senta e vamos prosear. O Bar já fechou, estamos a sós. Lembranças de antigamente são um tema que me seduz. Gosto de buscar aquelas perdidas, por mais dolorosas que sejam. Que te lembra daqueles tempos, de quando ainda gurizote, sabes?

- Contador de Causo, me lembro de quando a gente ia ao Correio e fechava as cartas com goma arábica, passando a língua nas bordas do envelope. De quando mamãe varria a calçada... Essas coisas...

Sim, é, pois é, mas, como vou te dizer... Me refiro a assunto com mulher.

- Ah, tá! Agora entendi... Mulher... Elas usavam vestidos naquele tempo.

(Uns sabem escutar. Outros, falar. Os mais completos escutam e falam, falam e escutam).

Garçom, senta aí e escuta.

O que vou te contar, que fique aqui entre nós. Beto, o letrado, irmão aqui do Bar, sempre dizia que vivíamos de lembranças, de mulheres, e que cada uma que passasse por nossas vidas seria uma pequena e delicada pedra. Com cada uma delas, como se artistas fôssemos, iríamos, segundo a sua tese, formando um quadro. Se chama bricolagem, em francês, bricolage. Na verdade, no nosso imaginário, um quadro com pedaços de mulher, já que nunca se dão por inteiro. Uma cede uma perna, outra um suspiro, um olhar, um aiiiiii! Um sorriso, um cheiro, um não, um sim, um olho castanho, um cor de mate, a umidade dos lábios, os cabelos crespos, longos, ruivos, negros, enfim, um infinito de coisas boas. O quadro nunca se completaria, pois o coração, não entregam nunca, never. Na verdade estamos sempre à procura do último pedaço e é isso que nos mantém vivos, na expectativa de um dia alcançarmos a graça. É justamente aí que está a graça.

Bem, para te situar, esse pedaço que me veio à lembrança agora aconteceu naquele período entre o declínio da belle époque de Passo Fundo, entremeado com o apogeu do Cassino da Maroca, mais ou menos por aí. Mil novecentos e lá vai bico. Cidade com clubes lindos, aristocráticos, do tempo em que um baile era um baile, com orquestra e tudo mais. Te localizaste no tempo e espaço?

- Ahhhh!

Não vem ao caso o nome dela; o que importa é ela. Guria daquelas magricelas, meio desengonçada, uma tábua, pernas finas e longas, espevitada que só vendo, daquelas amigonas do peito. Colega de aula, nossas carteiras eram lindeiras, proximidade que nos permitia passar bilhetinhos, cochichar sempre que dava, ser solidários

na cola das sabatinas e até ouvintes pacientes dos respectivos namoricos. Uma relação inocente, tal qual Peter Pan e Sininho.

Ah! Lembro-me bem, sempre que ia estudar na casa dela – o que menos fazíamos. Brincávamos de empurra-empurra, puxa e pega, bilboquê, de paralisa aí, cabra-cega, escutávamos música, falávamos das conquistas de um e de outro e, ainda, de lambuja, saboreávamos o lanche da tarde: batida de banana com nescau e bolo inglês, que a sua mãe, dona Ruth, um poço de bondade, obsequiava, agora vejo, como que abençoando a união entre Peter Pan e Sininho! Impossível! Não tinha liga. Meu Deus, hoje penso, na visão das matronas, eu era aquele varão, bom moço que toda mãe sonhava para sua filha! Ah! A dona Ruth nunca iria imaginar que eu seria um contador de causo! Bem, tá bem, deixa pra lá, sigo adiante...

A ruptura dessa relação inocente deu-se exatamente naquele baile. Este, que seria o acontecimento do ano, era aguardado ansiosamente. Naquela época, os pais acompanhavam as gurias nesses eventos – só para teres uma ideia de como eram as coisas. O sucesso era garantido por Norberto Baldauf e seu conjunto melódico.

“Vamos dançar? É uma lenta!”.

Eu ali, conforme tínhamos combinado, na frente dela, me apresentei e disse isso mesmo.

Sentada junto à mesa ao lado da mãe, dona Ruth, que se mostrava faceirona da vida, lá estava ela. Lembro-me de sua figura sorridente, o cabelo armado com laquê, vestido longo, de tubinho de broderie verde deixando seus ombros magricelos desnudos, lábios levemente ruborizados, discreto rouge nas maçãs do rosto e aquele sorriso vegetariano, tal qual uma fadinha. Levantou-se,

deu-me a mão, sob o olhar embevecido e esperançoso da mãe, e fomos dançar...

A música lenta, num baile, naqueles tempos, era a oportunidade para que os covardes e os valentes se encorajassem a dançar, e o salão, majestoso, se rendia. Enchia. As gurias, em suas fantasias, acreditavam que, se dançassem logo, a noite seria um sucesso e não pagariam vale. Imagine a humilhação de passar a noite sentada... Tanto trabalho para ficar bonita para nada... Ou... Para ninguém. Por isso, os amigos ficavam a postos para a primeira dança, como uma espécie de garantia, e, feito isso, eram liberados para atirarem as linhas onde bem lhes aprouvesse.

Antes da “pescaria”, eu e os comparsas fazíamos um estágio na copa, tomávamos um samba reforçado, chupávamos balinha de menta para tirar o bafo. Depois de uma retocada na melena e um ajuste da gravata, passávamos a fazer uma espécie de acordo, impondo os limites de território, tu atacas aqui, tu lá, aquela deixa pra mim... Mas primeiro as amigas.

Naquela noite especial, escutamos o cronner do conjunto atacando Massachusetts. Uma lenta era a hora. Fomos nos chegando, encostados nas paredes, um oizinho aqui, outro ali, um abanico discreto, os mais afoitos se desdobrando no salão, e este com uma população que permitia uma entrada sem ser muito notado.

*Feel I'm goin' back to Massachusetts.
Something's telling me I must go home.*

Cumprindo o protocolo, começamos a dançar, fluindo aquela conversinha sem sal, sem açúcar - “é, vai chover!”, “viste o fulano aí?”, “tu me apresentas a tua amiga depois?”, “o baile tá bom!”. Nessas alturas, o salão cheio, quando de repente, sem mais nem menos, assim de graça, acho que foi um encontrão com outro par, ou talvez uma lufada, nos vimos tão próximos, mas tão próximos que, sem querer, colamos o rosto um no outro. É amiga. Impossível. Pensei, vou desgrudar, ou ela desgruda? Garçom, nem um, nem outro. Ficamos assim, silenciosos, sem ter o que dizer, rostos colados, dançando, com minhas mãos em sua cintura fina perdendo a linha, atrevidas que estavam, corpos quase juntos, chamando pecado, dois pra lá, dois pra cá, dois pra lá, dois pra cá, deslizando no parquet lustrado, sem pressa, ao som de uma música lenta. De arrepiar a alma! Tudo nela naquele momento passara a me seduzir, de uma hora pra outra, como num passe de mágica. Ela se apresentava uma guloseima, seus lábios de beijar flor, seu perfume de menina, seu respirar descompassado, as duas azeitonas plantadas em seu colo que conseguia sentir no peito contra peito e a graça buscada morando sob essa delicadeza; um coração de passarinho, a bater imperceptivelmente, numa fragilidade sensual. O que faltava para completar meu quadro estava a um passo de minhas mãos. Aquilo tudo quase meu naquele momento, num dois pra cá, dois pra lá, dois pra cá, dois pra lá, dolente.

*And the lights all went out in Massachusetts
The day I left her standing on her own.*

- Uma magricela!? Fazer todo esse estrago!?

- Garçon, quando se ama nada importa. Seu corpo esquelético, ainda criança, carente de atributos, eu teria paciência, regaria seu crescer no decorrer do tempo através de meu olhar e tato, e quando pronto, maduro, em forma de mulher, a levaria para a Terra do Nunca, a guardaria numa casinha pequenina ao pé da montanha, com gerânios em flor nas janelas, e então, faria a colheita. Viveria dela. Tinha tudo de caso pensado.

*Tried to hitch a ride to San Francisco.
Gotta do the things I wanna do.*

Veja como são as coisas. Que encruzilhada. Como chamá-la de amor quando sempre a chamei de amiga? Assim, num de repente, abandonar os modos de Peter Pan e assumir os desmodos do Capitão Gancho, ali presentes, através de minhas mãos desobedientes e de meus pensamentos profanos? Melhor ficar calado, sonhar e dançar Massachusetts a noite toda, num grude total. Foi o que fizemos. Depois... Bem, depois é depois.

*And the lights all went out in Massachussets.
The brought me back to see my way with you.*

- É, desdizer o verso é difícil. Mas eu...

- Aquela noite de sonhos, como todos os sonhos, esvaneceu-se. Despedimo-nos, mal sabia que para todo o sempre. A sincronia dos passos dados, dois pra lá, dois pra cá, se limitou à dança. Na vida real, eu dei dois passos pra lá, e ela dois passo pra cá. Não mais nos falamos, nem mais nos olhamos, constrangidos pelo deslize no salão

daquela noite. Acabei perdendo um dos grandes amores de minha vida ou certamente uma amiga, e, por tabela, a batida de banana com nescau acompanhada de bolo inglês. Perdas irreparáveis.

*Talk about the life in Massachusetts.
Speak about the people I have seen.*

- Que lástima! Mas eu...

Esse quase lá me entristece, me torna um farrapo humano, embora continue na faina de procurar pedras. Quero mais é esquecer aquele sublime momento em que dançamos abraçados ao som de uma lenta – eu, o amor e ela. Porém, a cena me persegue, me domina, me fustiga, como se cacos de vidro repousassem sobre meu peito aberto, e, a cada arfar, judia, mas não mata, e que, a cada santo dia, ao cair da noite, se despe de lembrança, se veste de mulher e se deita comigo. Sem trégua.

*And the lights all went out in Massachusetts,
And Massachusetts is one place I have seen.*

- Mas eu...

- Ôh, Garçom, que música alta! Tá me atormentando. Desliga essa vitrola. Até aqui no Bar!? Por favor!

- Contador de Causo, que música? O Bar está fechado. Estamos sós. Estás escutando coisas. Não tem som algum, a não ser tua voz sofrida. Quem sabe não tá na hora da saideira? Vai uma gazapina?

- Não, gelada hoje não. Para arrematar a noite quero algo que judie da goela e me aqueça a alma.

- Pitu, São Francisco, Velho Barreiro, Marumbi, ou Ypioca, aquela de rico?

I Will remember Massachusetts¹.

- Não tem uma mais forte?

I will remeber Massachusetts.

- Só daquela que matou o guarda! Vai nessa?

I will remeber Massachusetts.

- É dessa aí quero! Aquela que matou o guarda. Acompanha-me? Traz a garrafa.

I will remeber Massachusetts.

- Amigo, ainda não terminei o caso. Não vais acreditar no que vou dizer, a mocinha do filme morreu! Um dia desses, no Face, vi um retrato, em um colorido desmaiado, de uma jovem, numa pose rebuscada, ao pé de uma escada suntuosa, de um clube qualquer, com o cabelo armado com laquê, vestido longo, de tubinho de broderie verde, deixando seus ombros magricelas desnudos, lábios levemente ruborizados, discreto rouge nas maçãs de seu rosto e aquele sorriso vegetariano. Tal qual uma fadinha! Era ela paralisada no tempo. Abaixo, lamentos de seus amigos pela sua morte prematura, doença ruim, pelo que deduzi. Pra quê? Não precisava saber disso. E, desde então, aquela lembrança, que nas profundezas do

¹ Massachusstes: música da banda americana Bee Gees, lançada em 1967.

meu ser se enraizou, e que doía demasiado, agora, vestida de preto, ostentando luto fechado, toda vez que aflora se agiganta e, na saudade, dói muito mais. Como não lembrar de Massachusetts? Pois é, coisas da vida. Garçon, por favor, não chore! Toma mais um?



Chorei de raiva. Tentei interromper ele várias vezes, porque não queria perder o último ônibus. Me lasquei!

Assinado: O Garçon



CAMBICHO BRABO

*Inspirado no poema "Cambicho",
de autoria de Telmo Gosch.*

Realmente, aqui entre nós, Ataíde não precisava, nesta altura, em meio caminho entre a vida e a morte, mais pra lá do que pra cá, esgualapado pelas invernias, cansado, borracho, mas feliz, passar por aquela vergonha toda.

Índio veio, dedicado à lide do campo, se restringia a passos simples, quando muito uma passada na cancha de bocha, uma carreira em cancha reta aqui, outra ali, sempre com o General, cavalo irmão, que nunca focinhará a fita, mas sempre senhor da rabeira... Não importava... Uma doma... Um carteadado... E quando em vez, uma noitada na casa da Setembrina, proxeneta competente, onde arrebanhava uma percanta e saciava sua sede e fome, sem muito teretê, sendo seu coração, até então, isento de talho de china traiçoeira.

Até então. Porque, como sempre digo, um dia é m dia, e esse dia pode chegar na hora errada, como foi o caso neste causo, praticamente no ocaso do taura Ataíde.

Este agora, sofrendo, abichornado que só vendo, pensando na sirigaita, talagando uma purinha, pitando

um de palha e afiando a cabo de prata, pensando nesta, sua companheira de tantos entreveros, que, na falta do trabuco fazedor de viúva, o defendia e também fazia judiaria, cortando a garganta dos inimigos invisíveis, sem nome, nos entreveros entre maragatos e chimangos. Seria ele um chimango? Um maragato? Queria esquecer aqueles tempos e as lembranças em que o aço conduzido pela sua mão fazia jorrar sangue anônimo e arrancar estertores sofridos... Ela novamente cortaria mais uma, de orelha a orelha, por mais preciosa que fosse... Questão de honra!

Uma tragédia se avizinhava, e das grandes!

Conhecera a Ritinha numa dessas visitas à Setembrina, onde daria aquela aliviada reparadora, sem nunca imaginar, que daquela vez, deixaria a cola na cerca. Desde que a viu sentou nos tentos. Guria mulher, meio negra, meio índia, cintura fina, pés pequenos, olhos verde-couve iluminados, tetas fartas, verdadeiro descaminho vestido de chita vermelha. Na sua visão, porém, não conseguira ver só carnação macia e forte, mas muito de castidade e delicadeza. Seria uma Nossa Senhora nativa? Uma boneca de louça? Ou uma borboleta colorida?

O que teria escravizado e mexido com a macheza debilitada do Ataíde? Seria a beleza sem reparos, suas qualidades de devassa que o saciava nos pelegos ou aquele outro lado, mais de cheiro, de frescor, que na composição gerava uma mistura fina? Vai saber!

Só para vocês terem uma ideia de como era a coisa, já comeram um creminho de maizena, amarelinho e doce, polvilhado com canela em pó? Sempre queremos mais e mais. Pois é... Ataíde deitou-se com a Ritinha e acordou encambichado. Aquela não fora apenas a cele-

bração efêmera das diferenças entre um homem e uma mulher. Muito mais que isso. Acabou levando o doce pro rancho.

Irmãos de borracheira, que situação periclitante!

Deu uns bons pilas pra Setembrina. Ritinha na garupa, promovida a prenda, seguiu a trote pro rancho, cortando a friagem e a neblina, cantando promessas de ofertar-lhe felicidade, amor, magia, trato do bom e do melhor e até casório, com vestido de noiva e tudo mais. Como diriam na fronteira, o Ataíde cagou na maneia!

No tempo que se sucedeu o rancho se transformou, ganhando quinha nova, cortinas coloridas, até a chapa do fogão apreciou brilho, transformando-se, de tapera em verdadeiro castelo na aridez da pampa. O Ataíde nem se fala... Abriu mão de alguns modos e incorporou outros, comprou escova de dente, ceroula nova, passou a tomar banho todos os dias, cuidou até de frieira de estimação, cuspida só pela janela, e até o Chuvisco, guaipeca companheiro, se enquadrou – não se atrevia a meter as patas além da soleira da porta. Mimo e luxo não faltavam pra Ritinha, rendas, sapatos, água de cheiro, sabonete de ervas e passadio do bom e do melhor. Esse trato aflorou ainda mais sua boniteza.

Amigos, sem dúvida nenhuma, a chegada daquela alegria em forma de Maria preencheu e coloriu de arco-íris a paisagem daquele fim de mundo, sufocando o gris da solidão, que até então, soberano, reinava.

Bem, nem tudo são flores. A guaiaca do Ataíde vivia estourada com a conta com o Nacib, o mascate que cruzava por aqueles fundões. Valia a pena; o homem tava feliz da vida, chegando ao ponto de falar com as corruíras e ver nos movimentos desengonçados dos quero-queros,

passos de milonga figurada. Como veem, cambicho do brabo se instalou naquela carcaça empedernida.

Aquele período açucarado, quando alimentou seu corpo e sua alma na plenitude e que na sua rudeza, até então nunca havia conhecido, durou até o verão, quando a infelicidade chegou de trem na figura de um moço, boa pinta, fala macia da cidade.

Parece que tô vendo o xiru com o olhar decidido, passando a faca na chaira, buscando a excelência do fio matador, ciente do que teria de fazer... De orelha a orelha. Sem volta, pensava.

Chamou a Ritinha. Chegara a hora.

Acontece que um pé de vento mexeriqueiro trouxe-lhe a notícia de que a Ritinha andava de retoço com João, o filho do patrão, coronel Mundico Terra, que chegara dos States cheio de títulos de doutor. Essas coisas de diz que disse, mais ou menos isso, não te digo nada, quase certeza de que era, assim como vem se espalham, lançando a honra do homem campo afora. Ataíde, que não era bobo de hoje, acusou o soco do balde suportando a dor no osso do peito. Sabia que esse tipo de desdita só se repara com sangue! Assim seria.

Homem de religião, antes de qualquer providência, trocou ideia ao pé do ouvido, junto a pequeno altar, com Maria Pequena, santa de sua devoção, não para que lhe indicasse o norte – este estava decidido –, e sim para que lhe guiasse o corte na garganta certa. E, Maria Pequena, com sensibilidade, sabedoria, de santa campeira, lhe deu o recado do que deveria fazer, soprando-lhe baixinho, em linguajar chulo até, mas na medida certa para a compreensão de um bruto de miolo mole.

- Mas e o que a santa disse?

- “Pega teus mijados e some. O General te levará até a Setembrina. Não te preocupe, ele sabe o caminho da volta” – Ataíde disse isso com voz sumida, de cabeça baixa, de forma que seus olhares não se cruzassem e ela não percebesse o rolar de pingo avinagrado, que teimosamente rolava em seu rosto, em câmara lenta, chorando mansinho, e também, para que não corresse o risco de, olho no olho, sucumbir aos feitiços da cafuza.

Seguiu afiando a faca, e pensando... O pior fizera – escoraçara sua cachaça para os quintos do inferno –, e para o que viria não lhe faltaria cabelo no peito para enfrentar.

Quem montou no General, na visão do Ataíde, não foi a Ritinha; foi um traço somente, visto que sua beleza, agora sem sustância, esmilinguiu-se e seus agregados lúdicos esfumaçaram-se. Mandara embora o vulto, mas o cheiro de flor de laranjeira ficara em sua pele... Espinhando... Espinhando... Pobre homem.

Até o General se dera conta dessa mutação e, solidário a seu patrão, marcou seu marchar de acordo com o agora, incorporando um matungo da melhor qualidade, abrindo patas de sua condição de nobre corcel.

Tudo nos conformes? Mais ou menos tudo, com alguma inconformidade... Sigo o caso. Passa...

- E a Ritinha?

- Calma Rodrigues, já chego lá. Passa a garrafa primeiro que tô de goela seca. Glu, glu, glu, no ponto... Natalino tranca a porta, não conto caso pra mais de cinquenta. Sigo adiante...

Azulou pela estrada, sem olhar pra trás, feliz da vida. Coisa de guria – não tinha percebido do que escapara. Graças ao amadrinhamento de uma entidade, que lhe

deu livrança de barbárie que sua carótida merecia. Não se dera conta, mercê de ingenuidade e inocência, penso, de que cravara uma adaga no coração virgem do Ataíde e lhe manchara a honra por conta de seu mau passo. Tava de cabeça virada, pensando que aquela vida até ali não mais lhe servia. Panos e cheiros baratos! Carreteiro todos os dias! Ela, uma mulher de sala e fogão! O velho paspalho enloucando, batendo trela com o passaredo. Ah, e agora, com seu novo amor de mãos de seda a seus pés, que prometia levá-la pra cidade grande e que não cansava de chamar-lhe com sotaque gringo de minha flower, deixaria de ser mulher de pouca recomendação para assumir estatura de mademoiselle. Mademoiselle Ritinha Terra, estava escutando chamarem-na assim! A Setembrina que a esperasse sentada. E tinha mais, junto com todas essas benesses, saborearia uma doce vingança, que, por linhas tortas, se lhe apresentava de colher, ao seu colo saudável.

Eu não disse!? Tragédia das grandes se avizinhava.

- Posso perguntar? Eu, aqui no fundo! Que a...

- Já sei Arquimedes, queres saber o que a santa disse pro Ataíde. Não tem paciência? Já conto. Pede um picadinho de linguiça frita, que beber no seco não dá. Sigo o caso.

Ataíde, antes de sair para consumir sua vendeta, tocou fogo no rancho como que apagando aquela fase que por lapso de tempo lhe cobriu de amores... E dores também. Sabia que não mais voltaria àquele lugar. Na verdade nua e crua, iria procurar duas mortes, a do janota e a sua. Não teria escape, sabia que cortando a garganta do filho do patrão, este, maleva como todo coronel, viria com dezenas de capangas em busca de vingança. Ataíde não era homem de pedir bexiga pra ninguém. Enfrentaria sozinho a contenda e sabia que levaria chumbo grosso,

pontaços e cortes em seu lombo, mas, também, antes de fenecer, levaria alguns consigo. Valeria a pena; sua honra seria resgatada, mesmo à custa de sangue manchando os verdes campos.

Graças a Deus não houve essa mortandade toda!

- Como assim, não correu sangue? E a tragédia que falou? O quê?

- Amigos, eu disse que uma tragédia se avizinhava, nunca que chegou. Foi quase uma. No final quase todos saíram bem no retrato. Desse jeito vou começar a gravar meus causos... Dúvidas? Sigo adiante.

Acontece que o Ataíde, a meio caminho de seu objetivo, inventou de chegar na bodega do Chico Ruivo e não resistiu aos encantos de uma purinha da qual estivera longe por alguns meses, período que aquerenciou a Riti-nha. Sabia que o álcool debilita a fortidão de um homem, e ele precisava de todo leite para segurar o tranco de uma mulher nova. Essa opção restritiva lhe abilolou as ideias, se por um lado lhe deu condições de puro sangue, por outro lhe minou a racionalidade, de tal forma que cometera algumas besteiras de baixa periculosidade, e acrescento, eu aqui, por minha conta e pro meu gosto, de muita, de muita frescuragem para um gaúcho com aquele nome. Ataíde, nem falar, não merecia isso! E o pior, sob efeito malévolos da sobriedade, fantasiou seu passado achando que fora um combatente – maragato? Chimango? Não sabia bem ao certo – quando nunca passou, soube mais tarde, de auxiliar de cozinheiro do Cruz Vermelha que acompanhava as batalhas a lo largo. Naquele delírio entendeu, esse sim, um grande desatino, que seria capaz de cortar a goela de um desafeto. Tão logo ele, incapaz de matar uma galinha morta.

Viram só? Aí é que damos valor para uma cachaça, a falta que faz para regular nossa lenta! Naquele momento, recuperando sua razão, de cabeça boa, bafo vigoroso, língua arrastando, pensamentos claros, deu toda razão para a Santa que lhe cochichara: “Ataíde, escute. Não faça bobagem. Mulher, cachaça e sabão existem em qualquer freguesia”. Quanto ao João, pensara na mesma linha do recado recebido, deixaria o rebento de lado, arrumaria outra mulher, e a galhada frondosa que escolhera sua frente como trono um chapéu bem ajustado cobriria. Vida resolvida, pronto! Mas não foi bem assim...

- E o bundinha da cidade?

- Pois é, Genésio. O coronel Mundico, na verdade, desconfiava do poder de fogo do filho, e, quando soubera que ele andara dando uns tiros na Ritinha, até se esperançou que poderia tomar gosto pela coisa, confiando não tanto no taco do guri, mas mais nos poderes da abençoada. Pelo visto os tiros foram de arminha de pressão, não deram em nada. Despachou o vivente para Paris, comprando só passagem de ida onde o fala fina se dedicaria à pesquisa de pintura expressionista e seus respingos na sociedade pós-guerra.

Mas esse tiro no seco custou uns bons trocos ao coronel Mundico. Afinal, a Ritinha exigiu-lhe uma dinheirama para que ficasse de bico calado quanto à inapetência do João. É aquela história, palavras ao vento e merdança total. O que seria catastrófico para o nome da família Terra. Inadmissível. Como digo sempre, dos males o melhor para o coronel.

- Como assim, dos males o melhor?

- Acontece que a Ritinha optou por esse caminho quando viu que a união que arquitetara e que no fim não

se consumou, de papel passado e bênção de prior, além de lhe conferir senhoria, lhe obrigaria, pelos laços familiares, a conviver com o homem que a deflorara. Viram? No final das contas o caro saiu barato pro Mundico.

- Meus Deus, não acredito! Coisa de louco! O Mundico?! Bah! É o fim do mundo!

- Sim, senhores, é de não acreditar! O coronel Mundico Terra fora o primeiro a servir-se, e, após locupletar-se da inocência da jovem, jogou-a na rua da amargura, safadeza acobertada pelos costumes da época. E Ritinha, esta sim, que não era boba nem nada, jurara vingança, que alcançou, por linhas certas, embora não como pensara.

Com os cobres abriu uma extensão do cabaré da Setembrina – hoje diríamos uma franquia – nos pagos de São José dos Ausentes, onde prestou serviços de cunho mundano por bom tempo. Enricou explorando prazeres, aplicando seus lucros na compra de campos, léguas e mais léguas, povoando-os com milhares de cabeças de gado. Quando fazendeira forte retirou-se do recinto da luz vermelha para o convívio na sociedade civil e religiosa daquela comarca. Porém, embora no novo ambiente, não abdicara de sua realeza, exigindo tratamento à altura; Madeimoselle Ritinha. Seria chamada assim até sua morte, com seus noventa e lá vai pedra de estrada. Ganhou até nome de rua.

Quem mais...? Passa a Gazapina!

- O Ataíde!

- Ah! Certo. Que fim levou?! Bateu as botas no Uruguai, em meio a uma peleia das brabas. Sim, no Uruguai. Ocorre que numa data dessas se bandeou, corrido que fora, para a banda oriental, atravessando a nado o rio de mesmo nome. Em três ou quatro braçadas alcançou a outra margem. Não, não tinha palometa atrás de seu rabo.

Tampouco jacaré. Tinha o Nacib. Lembram do mascate? Pois é. O Ataíde lhe negara a conta, uma pequena fortuna. Turco árabe que se preza não deixaria barato. Jurou-lhe de morte, e foi mais ou menos isso que aconteceu.

- Nessa peleia no Uruguai, pelo menos morreu de pé? Lutando até o último suspiro? De cabeça erguida?

- Foi uma pena, até que tava bem de vida. Adotara uma viúva. Mercedita era seu nome, mulher linda, com um par de...

- Nós queremos saber da briga em que o Ataíde se meteu! Deixa essa mulher de lado.

(Leitor, eles adoram a verdade. Eu tentei desviar o assunto. Querem? A verdade terão.)

- Foi num bolicho, um tiroteio desgraçado, choveu chumbo pra cima e pra baixo, coisa de jogo, trago e mulher no meio. Não tinha nada a ver com isso, era caixeiro do estabelecimento. Morreu acororado, atrás de um balcão. Uma bala perdida achou sua têmpora. Foi enterrado de chapéu, segundo sua vontade.

O General? Bem, este viveu de glórias, fora um dos poucos que tivera, em seu dorso, o corpo da Ritinha, dizendo a lenda que nunca deixara depois disso alguém montá-lo. Vai saber se é verdade mesmo! Agora, quem conheceu a Ritinha tem tudo para acreditar!

- Peraí! Como o Ataíde foi parar no bolicho do Chico Ruivo? A pé?

(Sempre tenho personagens de reserva, quer ver?)

- Bem lembrado, Honório. Acontece que o General nunca mais voltou para sua querência, ensandecido que ficou, e o Ataíde – já viram gaúcho se apertar? – pediu emprestada pro Nemésio, seu vizinho, a Mimosa, eguinha tubiana boa de trote. Vejam só como são as coisas...

A maior vocês não sabem. A Mercedita, a castelhana, conhecia o veio Mundico! Sim, senhores, coisa muito cabeluda rolou nessa relação. Posso afirmar de fonte segura que o contrabando rolava solto... Dentre outras cositas mais... Até posso contar, vai mais uma? Garçom, a saideira. Traz também um torresminho!

Sigo o caso. A coisa encandiocou pro lado do Mundico. Acontece que um dia...



Faltou na receita do creminho
um cravo-da-Índia.

Assinado: Madeimoselle Ritinha



MULHER ESCONDIDA

Hoje é uma daquelas noites em que prefiro estar sozinho, mesmo estando neste Bar. Meus comparsas já sabem: distância. É momento para recordar dos tempos idos, em que fisgo lembranças, que me vêm aos borbotões, sem eu pedir e sem clamar, simplesmente chegam me sufocando e arrancando lágrimas sentidas. Paradoxal, são prazerosas.

*Ó tu que vens de longe, ó tu que vens cansada,/ entra, e sob este teto encontrarás carinho:/ Eu nunca fui amado, e vivo tão sozinho./ Vives sozinha sempre e nunca foste amada*¹. Essas palavras martelam na minha cabeça, me acompanham sempre nesses momentos, me fazem chorar e me confortam. E me fazem bem! Me trazem a lume andanças especiais.

Tinha noites – e aquela, especialmente, que estou lembrando – em que saía de bar em bar a repetir meu desiderato naquela cidade grande, missão que me impus, descobrir mulheres escondidas. Vício. Estava viciado nisso.

Cheguei naquele templo, escolhido aleatoriamente, e como sempre me aboletei numa mesa estrategicamente bem localizada, de onde podia ver, ouvir e ser visto. Bar de primeira, cheio de humanos, aquela fumaça fedida,

1 “Duas almas”, poema de Alceu Wamosy.

Roberto Carlos esganiçando “Mulher de quarenta” a todo o volume, conversas altas, e eu ali absorto, fazendo de conta que lia um livro – sempre o mesmo – *Um escorpião na balança: romance*² –, pedia uma coca – discretamente batizada com uma 51 –, encarnando o tipo intelectual marroquino, solitário, anônimo, que estava ali para passar algumas horas ou talvez, curtindo alguma desdita.

Não demorei muito e localizei o que procurava. Um bando de mulheres, sete delas, na verdade, oito, festejando alguma coisa, dez anos de formatura, despedida de solteira de trintona, algo desse tipo, e que não estavam nem aí para a comunidade carente de calças presente. Estavam mais para arrulhos, chilreando tal qual pintassilgas adolescentes na muda, essas coisas de dizer que faziam, fizeram, vão fazer e que de certa forma, alimentavam o ego de cada uma, pinçavam de modo a sublimar experiências, uma mais rica do que a outra, que deixariam Nelson Rodrigues, hours concours em sacanagem, ruborizado, fazendo o sinal da cruz, penitenciando-se com uma genuflexão em cima de meia dúzia de espigas de milho. Mas aquela que procurava, não tinha nada a contar. Realmente introspectiva, um batom incolor contrastando com um carmim, um pé de guanxuma murcha em meio a sete rosas vermelhas, e, para carimbar, tomando uma crush laranja, naquele ambiente em que o álcool era passaporte para o paraíso. Fora, completamente por fora, atirada na sarjeta. Excluída. Bem como a procurava. Uma mulher escondida. Em potencial.

Pois bem, alvo definido. Como sempre, seguro – a estratégia até então nunca falhara –, tirei de dentro do livro um guardanapo de papel, untado com delicadas go-

2 Cassandra Rios é a autora do livro citado.

tículas de Lancaster, cuidadosamente manuscrito a bico de pena o poema “Duas Almas”: *A neve ainda a branquear lividamente a estrada / e a minha alcova a tepidez de um ninho. / Entra, ao menos até que as curvas do caminho / se banhem no esplendor nascente da alvorada.*

De quebra, ao final, sempre assinava anonimamente, supondo aquilo que gostariam de ouvir, “quem sabe nossas almas não se encontram. De um admirador”.

Chamei o da gravatinha e disse:

“Entregue praquela!”.

“O quê? Praquela??? Não pode ser. A loira gostosa? A Marilyn Monroe? A falsa magra? A de eslaque tigrado? Ah! Sei! Pra Delícia?”.

“Não e não, é praquela!”.

“Não... Não é possível!”.

“Já disse, é praquela!”.

Pensei mas que garçom metido, eu escolho a mulher que quiser! Fiquei na minha. Santo Onofre, protetor dos criadores de caso, que estropício! Assim que recebeu a missiva pude perceber, ao traduzir o fremir de seus lábios:

“Seu garçom, tens certeza que é pra mim?”.

“Sim, é pra tigo!”.

Ao calor de “conta! Lê! De quem? Olhe só! Homem culto, só pode!”... Manifestações de surpresa e também pitadas de inveja das outras, privilegiadas pela natureza. Pude ver de soslaio seus olhos, de repente brejeiros, a procurarem outra alma, ávida, ao mesmo tempo em que, argumentando calor, afrouxou delicadamente a estola que pousava sobre seus ombros, deixando uma brecha em que mostrava um colo prometedor, antessala de seios maviosos, inexplorados, frutos prontos para

colheita, até então, lamentavelmente, atirada às traças. Aquilo fora só o começo. Ciente de que estava sendo observada e eu percebi isso, chuleando de revesgueio, não perdi nada, nenhum detalhe, mesmo aquele quando pedi licor de xerez, bicava de forma elegante, deixando seus lábios potencialmente úmidos, disponíveis para serem sugados. Agora, incluída no grupo, falava, escutava, gesticulava, sorria, e de forma sensual, quase impura – aprendera rápido –, de repente deitou um ósculo delicado no papiro, repousando-o, não entre os montículos, como seria de esperar, mas prendendo-o no tirante rosa do corpinho, como um recado, “olha o que te espera”. Que coisa de louco! Demais para, até então bem pouco, uma nada.

Porém, nada disso me faria deixar o anonimato. Aquilo para mim era uma missão e não misturava emoção com razão. Experiente em centenas de casos, não seria aquele e aquela a subjugarem-me. A minha paga era a satisfação de resgatar mais uma do ostracismo. Imaginei, por certo, que naquela noite ela dormiria sorrindo com o mimo debaixo de seu travesseiro. A partir dali seria outra mulher. Não mais escondida, pensaria, alguém me olhara, se apaixonara por mim, talvez alguém compromissado, o que impedira uma abordagem. Quiçá um lobo faminto ou um solitário à procura de outrem para um namoro sério. Enfim, opções, escolhas. De escondida para o mundo. Tão pouco bastou para massagear sua alma.

Com todos esses indícios me dei por satisfeito. Missão cumprida. Preparei a retirada, como sempre à sorrelfa, deixando mistério no ar. Fazia parte do enredo. Eis que... Ah, Lúcifer! Pude perceber o momento em que, displicentemente, ela descalçou o sapato – preto

envernizado, com delicada fivela dourada –, o esquerdo, deixando à mostra um diminuto e gracioso pé, protegido do frio por carpim branco, exalando lavanda, onde vislumbrei os dizeres bordados, Escola Normal. Mais não li, precisava?

A escondida, uma normalista! Isso não estava no script. Sempre fora um apaixonado por normalistas. Paixão recolhida de anos a aflorar, novamente, agora? Elas foram meu sonho de consumo na adolescência. Jogo sujo! Como soubera da minha fraqueza?! Coincidência? Na verdade, não! Hoje sei. Quem foi normalista, mesmo com o passar do tempo, não perde sua alma diaba, e esta, com picardia e veneno, estava usando com competência seu instinto, tanto que me atingiu. Perdi a razão. Entregar-me-ia, estava subjugado, me confessaria, faria a abordagem, levantei os olhos, e... Qual delas? Quem era ela? Na mesa vislumbrei oito mulheres, todas lindas, de fina estampa. Seriam meus olhos turvados por um marejar inoportuno a não enxergar coisas?

Baixei a crista. Resistiria, seria forte, não capitularia. Hora de recolher as armas. Estava a perigo. Levantei-me, Cassandra Rios debaixo do braço, um ar de quem não quer nada, respirei fundo, dei a mão ao capeta, dirigi-me à saída e, quando passava próximo às rosas, uma delas, a mais rubra, de repente, UUUuummmm! UUUUmmmm! Aspirou profundamente, arregalou os olhos e estes falaram, dirigindo-se a mim, *E amanhã quando a luz do sol dourar radiosa / essa estrada sem fim, deserta, horrenda e nua, / podes partir de novo, ó nômade formosa!*

A passos largos, buscando a saída, reconhecendo que havia sido flagrado – o perfume, o raio do Lancaster só pode –, eu, fora de mim, incontrolável, covardemente,

murmurei, mastigando palavras em resposta: *Já não serei tão só nem irás tão sozinha:/ Há de ficar comigo uma saudade tua.../ Hás de levar contigo uma saudade minha...*

Desesperadamente, rapidamente, passei o limiar da porta, sob inclemente chuva naquela madrugada especialmente negra. Entrei no primeiro auto de praça que encontrei.

“Pra onde?”, perguntou o chofer.

Pra onde? Não sabia. Estava completamente des-norteado em razão da fraqueza demonstrada pela figura de uma normalista que finquei em meu peito e que diabolicamente, sem minha licença, estremecia minhas intimidades. Só um lugar poderia acolher meu carma.

“Toca, toca... Para o Infinito!”, respondi.

Amassei aos prantos outros dois guardanapos com a mesma mensagem, que pretendia distribuir ainda naquela noite para outras escondidas. Com esse acidente de percurso, aposentei-me no metiê. Que poder daquelas mulheres!

Até hoje me pergunto, por que não voltei? Por que não atendi ao meu anseio? Era uma normalista! Não era o que eu queria? Hoje penso que se a tivesse, talvez não ficasse aqui a curtir uma paixão recolhida, foi o que restou. O grande amor de nossa vida é sempre aquele que não tivemos. Carrego essa praga, com a cumplicidade do Wamosy, *Há de ficar comigo uma saudade tua...*

- Com licença, Contador de Causo. Primeiro enxugue as lágrimas. O pessoal do Bar não pode vê-lo nesse estado. Compreendo sua tristeza. É difícil esquecer uma normalista, não é mesmo?

- Como sabes? – fiz aquela cara de ué!

- Não lembra? Naquela noite eu era o garçom! A vida segue... Seus colegas de trago perguntam se podem se chegar, estão sedentos por um causo. Aguardam seu chamado.

- Vamos lá, chame-os. E aí, pessoal? Firmes que nem palanque em banhado? Puxem as de palhinha, se abanquem. Hoje vou contar um causo de pura verdade, aconteceu comigo. A delegada Helô, titular do Posto de Polícia da Vila Tunda de Laço, metida que só ela, tá pedindo uma garoa com vento...

- Vai a saideira?

- Sim, Faixa Azul. Já vão me interromper? Bem, retomando, tomando, a delegada Helô, titular do Posto de Polícia da Vila Tunda de Laço, metida que só ela, tá pedindo uma garoa com vento. Esses dias...



Não pensem que sai grande coisa desse aí. Infinito é nome de Bar, o meu, pra onde ele foi naquela noite, descornado que só vendo!

Assinado: o dono do Bar



CASO DE FAMÍLIA

Todo homem em sua tenra idade teve uma gracinha na vida! Todos, sem exceção. Tu, tu, tu, e também o senhor, seu Nilo. Não se faça de salame, não abaixe a cabeça, não se esconda, olho no olho, enfrente as lembranças! Ninguém se esquece daquela mulher, que pela primeira vez, nos apresentou ao prazer, sem no entanto que esclareço, chegar às vias de fato.

- Conjunção platônica?

- Acho que é por aí, Aristides. Vamos adiante. Esta figura pode ter sido a professora, a mulher do delegado, a babá, a vizinha gostosa e até a tia, não é Nelson Rodrigues?

- Foi com a tia Nenê, de parte de mãe. Posso contar?

- Deixa pra lá amigo. No meu caso, debutei nesse particular com uma desconhecida. Este caso que agora conto, quase que se perdeu na poeira do passado, pois as gracinhas surgem na mais tenra idade e o tempo, mesmo que burocrata, com marcados tic-tac-tic-tac, caminha rápido – um descuido e alcança o futuro – nos matando a cada passo, mas incapaz de sufocar totalmente os fatos que nos marcaram no pretérito longínquo. Sempre resta um fiapo de lembrança e isso basta para recuperarmos, burilarmos, modelarmos de acordo com a vontade e atualizarmos a bel prazer. Para isso busco como abri-

go a noite como companheira. Diz um parceiro aqui do bar, “algumas horas possuem certas forças particulares ou certas fragilidades”¹. Pois é! Na noite escura é que enxergo melhor, é quando elas vêm – as lembranças ressurgem, se fortalecem, vicejam, tomam corpo. Aí é que mora o perigo. Tomam corpo! E numa dessas noites recuperei Dona Gracinha, que agora apresento a vocês.

Meu primeiro e único colóquio – tete a tetas –, confesso, aflorou descoberta, decepção e segredo.

Peguei por hábito, não sei como, talvez instintivamente buscando emoções desconhecidas, achei de tomar um sorvete todas as tardes de quinta-feira na cafeteria chic da cidade, pelo espetáculo que se apresentava e me matava de curiosidade. Enxergo-me à época infante, ainda pelas minhas roupas – trajinho de marinheiro, sapatos de verniz, suspensórios, meias à meia canela – e pelos pés pendentes – cadeira alta –, meu livro de cabeceira era *Marcelino, Pão e Vinho*, recém havia feito a primeira comunhão, por aí vai... No local me postava observador, escravo da mesa onde as senhoras da alta sociedade da comarca tomavam chá e se exibiam num ato, que hoje, lamento que não se veja mais, o pintar em público os lábios. Era uma verdadeira liturgia, uma de cada vez, como se fosse um acordo tácito, lançavam mão do monange vermelho diabo, massageavam os lábios, mordiscavam-nos, guardavam-no em delicado estojinho de prata, falavam amenidades. Revezavam-se, entre uma xícara de chá e outra, no mesmo ritual. Um espetáculo! Eu embevecido!

Sinto que isso não mais aconteça. Hodiernamente as mulheres não mais ruborizam os lábios como as de outrora. Que lástima! Perdemos nós.

1 Agostinho Both

Naquela tarde fatídica em que encarnei sofrências desmesuradas, que carrego na cacunda até hoje, foi que conheci Dona Gracinha, seu bem maior e fui apresentado ao prazer.

Como de costume, na butuca, visualizava-as alternando-se, pincelando os lábios, conversa pra cá, conversa pra lá, e eu, como quem não queria nada, tomando sorvete – acho que de morango – observando, secando, na manha do ganso. Até que uma delas, a mais dama de todas, viu meu olhar e, nesse movimento de ela me olha, eu olho ela, percebeu minha curiosidade. Seria anseio? Levantou-se, em câmera lenta, caminhou em minha direção – olhos dela grudados nos meus e os meus nela, um instante único e ela se aproximando (lembra os filmes de Fellini).

- Era a Dona Gracinha?

- Se chegando, caprichando no bamboleio sinuoso da andadura, se aproximando de mim – podia escutar seu respirar através de suas ventas de fêmea alvorotada-, inclinou-se em movimento grácil, quando, talvez por interferência dos deuses, a blusa de cetim escancarou-se. E aí senhores, irmãos de trago, esqueci o tal de lambuzar os lábios com tal o poder da visão, que pela vez primeira, meus olhos virgens, loucos de fome visualizaram, gêmeos empinados, generosos, ostentando cada um, em seu topo, diamantes africanos emoldurados por aureolas róseas. Então, em total desgoverno, meus olhos lançaram-se a perder de vista no colo daquela balzaquiana! Senhores, mesmo que para um inocente à época, ainda no estágio inicial de formação católica, apostólica, romana, que situação mais enalacrada.

Amigos, eu ali estático, como que parafusado na cadeira, entalado com um sorvete, com uma visão maviosa

nunca dantes observada... Que fazer?! “Tu és o fulaninho? Filho do sicrano?”. Quando Dona Gracinha me perguntou isso – podia sentir seu hálito de malbec amadeirado... “Queres pra ti? Os dois?” – a desalmada rematou, e para minha leitura, expressão facial devassa clamando por amor, palavreado com timbre amanteigado tinindo de quente, a carne crua oferecida, sinais claros de promessas atrevidas. Foi demais, tanto que meus sentidos de macho mirim, até então desconhecidos, manifestaram-se a ponto de bala com tal esticamento – pronto para o que viesse – que pela primeira vez, senti o pirilampar de minhas vergonhas! Foi o momento de descoberta. O paraíso existia! Coisa de louco!

- E aí meteu as mãos nas coisas?
- Amantino, que decepção, que desalento. Sabem, o que ela disse e fez, foi crueldade pura!
- Não chore, contador de causo. Siga adiante.
- O quê?
- ãhhnn?
- Desembucha.
- Não era pra teu beijo!
- Marcou um encontro para os finalmente?
- Nada disso, pessoal. Até hoje carrego comigo o coração em carne viva e a alma dilacerada, decorrente desse primeiro e grande desastre amoroso. Mas a visão, senhores, meus olhos nunca mais foram os mesmos. Inolvidável! Ainda vejo a cada amanhecer aquelas maçãs empinadas, bem formadas, maduras, faceiras que nem passarinho em dia de chuva mansa, e pasmem, faltou dizer, in natura, sem rastro de bisturi. O que de certa forma, confesso, neutraliza qualquer dissabor. Não dá para reclamar. Já conto tudo.

- Que amor de criança! Garçon, traz dois sorvetes pra ele. Chocolate e baunilha!

- A bandida me vendeu ilusão, não eram os dois que eu queria e que me tinham sido oferecidos e meus instintos comprado. Aquela (sa)fada pecadora, assim que falou, voltou-se e retirou-se naquele mesmo caminhar de cobra, com a mesma graça, com que se meteu em minha vida, deixando uma lição no que se refere a mulheres, aquilo que não é pode não ser, ou vice-versa, ou se preferirem, versa e vice! Dependendo do ângulo que se olhe.

- Filosófico! Lestes Baudelaire? Rousseau?

- Aquilo foi que nem um chute no...

- Tenho uma dúvida? Posso?

- Por favor, Florentino, não me interrompa, assim perco o fio da meada. Tão logo recuperei a razão, saí desasado ainda encharcado e transido de paixão rumo a minha casa encontrando papai no portão. Era de quem eu mais precisava para repartir a experiência e seus desdobramentos, uma conversa de homem pra homem, entendem? Fui logo dizendo "a Dona Gracinha... Vi tudo e mais um pouco...". Nem cheguei a terminar a fala, não deu tempo, o véio perdeu a cor, abatumou-se, abraçou-me como nunca e disse: "A Gracinha!? Bico fechado, tu não viste nada". Segredou-me um montão de coisas que não entendi muito, mas que o bico fechado era importante. Uma tragédia familiar, um caso de família, dependendo da minha língua incipiente. Que situação.

- Mais encalacrada.

- Isso aí, Sidiclei! Queiram estar na minha pele nesse momento ímpar!

- Tenho uma dúvida? Posso?

- Bah! Por favor, fale Florentino, qual tua dúvida?

- O palco onde se desenrolou o teu caso era uma cafeteria chic em que tu tomavas sorvete e as senhora, chá? Não seria uma confeitaria?

- Pela última vez, pessoal, caso é caso, e caso que se preste não tem muita lógica os detalhes. Entenderam? Pqp! Também, foi alhures! Sigo adiante.

Bem, a vida segue, o tempo passou, nunca mais toquei no assunto com papai, muito menos ele comigo, a não ser em seu leito de morte. Foi muito triste, mas de certa forma aliviou sua passagem desta para a melhor. Lembro, entrei no quarto pé ante pé, respeitando o lúgubre silêncio instalado, ele puro osso, o colchão paradoxalmente abaulado, cedendo pelo peso do sofrimento, seu rosto exageradamente aquilino, deformado, seus olhos fechados, aguardando – naquele momento percebi isso – nosso último encontro.

Sentindo minha presença, sôfrego, tentou levantar a cabeça, abriu os olhos à meia boca, ensaiou falar e as palavras não saíram, roncões ininteligíveis tomaram seu lugar, lágrimas de sangue correram pela impotência da comunicação e pela compreensão da nesga de vida que lhe restava e talvez por não ter havido tempo suficiente para escutar de mim aquilo que ele queria enterrar. Decidi facilitar as coisas, fui um artista e dos bons, quando assumi o mais maroto sorriso, como se estivéssemos num bar, tomando uma para firmar o pulso e não falei, simplesmente sinalizei. Colocando o polegar e o fura-bolo de minha mão no canto de meus lábios, fiz um pequeno percurso, deslizando-os da esquerda para a direita, de canto a canto, traduzindo o quê?

- Bico fechado!

- Alaércio, exatamente isso! Como por encanto, talvez milagre, o ambiente assumiu leveza, o colchão distensionou-se, voltando ao seu lugar, seu rosto continuava judiado, mas, naquele momento, sereno, e os olhos, agora cerrados, a respiração se esvaindo, tranquilamente. A morte, piedosamente, não demorou muito. Logo, logo, veio em seu socorro buscá-lo.

- E o segredo? Conta mais da lindona!

- Tenório, Rodrigues, Natalino, seu Nilo, padre Antão e tantos outros que estão aqui nesta multidão, ao redor desta mesa do Bar, me escutando, vocês me conhecem bem. Pra mim segredo é segredo e este será guardado a sete chaves. Levarei comigo para o túmulo. Talvez noutra dimensão, teremos oportunidade, de numa conversa de filho para pai, descompromissados das convenções terrenas, falarmos sobre aquela mulher que em determinado momento, de forma diferente, se interpôs em nossas vidas, causando algum estrago e adoçando-as.

Bem, dela por que não falar mais? Seu nome, Maria da Graça Albuquerque de Mendonça. Quando disse que “vi tudo e mais um pouco” não estava exagerando. O “vi tudo” corresponde ao seu bem maior de que falei bastante. Agora amigos, “o mais um pouco”, vocês não têm ideia.

Garçom, a saideira! Serramalte, bem gelada!

Glu, glu, gluuuu. Ahhh! Sigo. Seu bem maior, perto de seu “mais um pouco”, é fichinha! Irmãos, juro pela minha mãe que eu vi, com estes olhos que a terra há de comer...

Quem não teve uma Maria da Graça
na vida que atire a primeira pedra.

Assinado: o dono do Bar



LEI DELEGADO FIGUEIREDO

*“Nem todas as mulheres gostam de apanhar,
só as normais”.¹*

Amigo Rodrigues há controvérsia a respeito disso e até considero pensar dessa forma machista do mais refinado, que não acha espaço nos dias de hoje. Eu, por exemplo, defendo a tese de que em mulher não se bate nem com uma flor, se bem que – reconheço – às vezes elas pedem uma garoa com vento. Sou adepto para conceder muito carinho, o melhor trato, pulso firme e rédea curta. A relação precisa de alguns ajustes, assim como está não dá para ficar. Digo por quê.

É que hoje qualquer coisinha que se faça a respeito dessas joias – um olhar mais atento procurando detalhes em suas sensualidades curvas; uma palavra meio que descalibrada enaltecendo seus pertences; um toque indiscreto, mesmo que de leve, em alguma de suas platinbandas, mesmo que com o capricho e a delicadeza requeridos; uma tentativa de corretivo, com razão ou sem razão – é motivo para escândalo e enquadramento na Lei Maria da Penha. Onde é que está a tal democracia? Onde nossos direitos – adquiridos – assegurados por sé-

1 A frase é de Nelson Rodrigues, o mais importante dramaturgo brasileiro.

culos e séculos? Onde a riqueza é de todos? Pura conversa fiada!

Nós, quando somos vítimas, o que acontece? Nada de nadica. Precisamos nos organizar. Até pensei em contratar advogado, para criar lei que nos proteja – lógico, com o apoio dos nobres frequentadores desse Bar –, o Dr. Joaquim Barbosa, china velha no riscado. O homem está aposentado e, depois de conhecer o que conto neste caso, assumirá a causa com maior prazer deste mundo, e o melhor, de graça. Aí, as injustiças que campeiam soltas terão respostas à altura, quando elas prestarão contas de seus atos nas barras dos tribunais. Que acham???

- Apoiado!

- Queremos vingança!

- Verão o que é bom para a tosse!

- Vamos acabar com a ditadura das saias!

- Garçom, traz mais uma para soltar as ideias. Sigo.

Pensei nisso quando soube o que aconteceu com um dos nossos. O homem sofreu o pão que o diabo amassou nas mãos e pés de uma, que, por motivos banais, dava-lhe pau no pobre coitado. Não foi nem uma nem duas, foram várias sovas. A vizinhança revoltada fazia BO na décima delegacia. Não dava em nada, o homem acabava retirando a queixa, mancomunado com a agressora. O delegado Figueiredo, daqueles das antigas, do tempo que prende e arrebenta, andava puto da vida com isso e jurava de pé junto que um dia iria conseguir enquadrá-la de jeito, já que não podia recorrer, como autoridade policial, a métodos pouco ortodoxos para isso, sem que o mundo viesse abaixo por tratar-se de mulher. Cada vez que o traste apanhava, movimentava toda a delegacia e entorno, camburão, o delegado Figueiredo interrogando, testemunhas

sendo ouvidas, o inspetor Rocha datilografando as falas, exame de corpo de delito, a rádio fazendo a cobertura, mais meia dúzia de brigadianos sob o comando do malva do sargento Tenório, para conter o povo que acompanhava o desenrolar do espetáculo. Sim, espetáculo! O rebu movimentava toda a comunidade da Vila Tunda de Laço, com torcida, faixas a favor e contra, vivas e apupos. Não arredavam pé da delegacia até que a malvada saísse pela frente, livre, leve e solta. Bidu debaixo do braço, levando a reboque o homem oprimido, mais desmoralizado do que lobisomem corrido por cachorro magro.

- Bidu?

- Bem, o casal tinha tudo para quase não dar certo, incompatibilidade de gênios se fazia presente. Ela, geniosa daquele jeito, ele, tipo físico, então, diferença quilométrica entre um e outro.

Ela autoritária, fortuna, saudável ao extremo, alta que nem jerivá, sempre ligada na tomada, tipo “deixa que eu resolvo”, vestia sua figura com um collant rosa choque, legue de oncinha e as botas, daquelas de montaria, figurino que não tirava por nada desse mundo, secundado por brincos de argola – indicativo de mulher de fogareiro em chama – que luziam ao balançarem sempre que, com as duas mãos ao movimento dos braços erguidos, revolia os cachos crespos de sua cabeleira negra. Alaércio, para ser mais preciso Alaércio da Silveira, o Silveirinha, adorava isso. Esse movimento ela tinha como arma e sabia do efeito que causava no seu homem de estimação.

Ele não fedia nem cheirava. Um santo homem, parado que nem água de cacimba. Caminhava arrastando os pés em passo de procissão, carregando seu corpo tísico de metro e pouquinho de altura. Meio fraco da cabeça,

de pouco estudo, imaginem que ficou em segunda época no curso de noivo, pode? Pecado? Conhecia de ouvir falar, acreditava no amor e nos sagrados preceitos do matrimônio. Para completar seu curriculum, casou virgem!

Dedicava-se de corpo e alma ao lar e à sua rainha, chegando ao ponto de abdicar de sua função de coroinha titular nas missas de domingo na paróquia do Padre Antão, para que nada desviasse sua atenção. Em sua carteira profissional constava, para seu orgulho, como profissão do lar. Sua vida consistia em venerar sua paixão, Dirlene Aparecida. Esse é o Alaércio da Silveira, cujo nome indico para que apadrinhe a lei que, vamos propor seja sancionada e peço o apoio dessa colenda mesa.

- Apoiado.

- Conte com a gente.

- Dirlene Aparecida, arrimo da casa, saía cedo para o trabalho – era taxista, permissionária do melhor ponto de auto de praça da cidade, que ficava em frente à boate Chantecler. Por conta de sua profissão, chegava tarde da noite, muitas vezes, fedendo a perfume barato e cachaça braba, e o que encontrava? A casa num brinco, roupa lavada no capricho, brahma no ponto, comidinha da melhor, aquela massinha com salsicha, linguiça frita na banha, Joelho de porco cozido com cuca – nesse nível –, e não faltava para completar o bom sagu com creme, tudo feito com talento adquirido no tempo em que Alaércio, por seus méritos, quando milico, aprendeu o ofício de cozinheiro. Complementando os comes e bebes, a mesa posta na melhor forma, com toalha alva, guardanapo de linho bordado, a cabeceira reservada para ela, que muitas vezes dispensava toda essa prova de carinho, se atirando no sofá, vendo novela, preferindo comer amen-

doim torrado, pitando palheiro, atirando bituca no piso lustrado. Sem falar nas botas sujas emporcalhando toda a casa! Terrível! Alaércio tentou reclamar desses modos, mas levou uma tunda de laço. Para isso não faltavam motivos, “como? Olha minha legue como ficou?! Tem que botar amaciante! Lustrou minhas botas? Desse jeito! Cerveja quente? Vai ver como tu lavaste o chevettão, é o que nos sustenta! E o lacinho do Bidu?”.

- Bidu, aquele cusquinho burguês malcriado?

- Siiiiiiiiim, Natalíííííicio, o próóóoprio. É o que eu sempre digo, tragédia pouca é bobagem – ainda tinha o danado para cuidar, e que, de lambuja, absorvia a atenção da bandida. Onde eu estava?

- Ela cagava ele de pau por qualquer coisa.

- Ah! Sim. Implicava com tudo. Sem mais nem menos, partia para agressão violenta, onde tapão de render pescoço era carinho, joelhada na boca do estômago e moquete na orelha eram massagens. Isso por todo o corpo. Com exceção, amigos, vocês não vão acreditar, levava livre das bordoadas as partes íntimas do Silveirinha, num flagrante exercício de egoísmo, preservando a nobre região pensando em seu próprio lazer.

- Posso dar um talho na conversa? Tenho um palpíte.

- Calma, Roque, que a missa é comprida. Silveirinha sofria – no que correspondia ao bem bom – nas mãos da Dirlene Aparecida, que, com seus ímpetos indisciplinados, sugava o pobre homem nas horas, no jeito e na forma que ela desejava, não lhe respeitando o apetite ou a falta deste, desdenhando de sua enxaqueca, desconhecendo até caxumba recolhida, valendo o “quero, porque quero, e agora”, partindo, sem predispô-lo, com carícias apropriadas, à conjunção carnal. Ele acreditava no amor, no

olho no olho, mãos dadas, palavras carinhosas, sob essa violência, dava o seu melhor de forma a agradá-la, assumindo uma artificial expressão prazerosa. Feito o serviço, o que ela fazia? Deitava pro lado e roncava, deixando seu companheiro a lamentar a ausência do amor num ato que, na sua visão de gentil homem, era para ser sagrado.

Para torná-lo ainda mais viril – às vezes, o coitado tava na capa da gaita, cansado das lides de casa –, dava meia de dúzia de taponação, virava goela abaixo do vivente gemada feita com ovo de avestruz com salpiques de vinho tinto de garrafão. E mais, achando pouco, sacudia suas gadeiras cacheadas, e ele, vendo o luzidio de seus brincos de argola na escuridão da alcova, inspirava-se e buscava, hipnotizado que ficava, do fundo do poço, a gota que já não mais existia, até quedar-se desmaiado ante o esforço despendido, tangenciando órbita. Esse bater de ponto era todas as noites. Dirlene Aparecida era insaciável e Alaércio da Silveira seu homem objeto.

- Tô precisando de uma assim lá em casa!

- Silêncio. Escutem o causo. A vida deles seguia nesse tranco e Silveirinha sempre com a esperança de que ela, um dia, se emendasse e se comportasse como uma esposa carinhosa, solidária, com atenções voltadas a ele e ao lar.

Num desses sábados da vida, pelo raiar do meio-dia, chega Dirlene Aparecida de uma pescaria que fizera com as amigas, no Lagoão, no campo dos Mello, onde consumiram dez engradados de cerveja, vinte e dois quilos de costela e de onde ela trouxe vinte e três traíras, para que seu domesticado limpasse e fritasse. O chevettão fedendo a peixe. Bidu todo lanhado, o pelo irreconhecível! A legue de oncinha um lixo. Ia sobrar para

quem? Ocorre que, nesse meio tempo, Silveirinha estava esperando-a com um almoço especial resultante de uma receita de sua marca que – soubera da notícia naquela manhã, por telegrama expresso – fora selecionada no Programa da Ana Maria Braga, dentre as duzentas melhores do Brasil. Dirlene era seu amor, e ele queria agradá-la! Queria repartir seu sucesso com ela, quem sabe ficasse orgulhosa dele, tomasse-o no colo e, abdicando por uma única vez que fosse dos prazeres da carne, lhe dissesse palavras bonitas. Ele queria tão pouco! Mas, “Não quero saber dessas coisas... Nem vem... Pode fritar as traíras! Bota cerveja para gelar! Minhas amigas estão vindo para cá!” - cuspiu fogo.

- Que mulher sem noção!

- Concordo plenamente, compadre Arquimedes. Ele, desacorçoado da vida, tentou argumentar e caiu na toleima, de sangue doce, mesmo que desapontado e desesperançoso do futuro, de pela primeira vez, sugerir discutir a relação. Pra quê! “Ah! Queres discutir comigo? Se atreves?” – e partiu com tudo para cima dele. Baixou-lhe o sarrafo com toalha molhada no lombo descarnado como nunca. Silveirinha, mercê do flagelo no corpo e na alma, berrava que nem cabrito embarcado, e como sempre, fez-se o circo.

No caminho para a delegacia, dentro do camburão, ela determinava: “vamos entrar de mãos dadas, e sempre que te referires a mim, na frente das autoridades, me chamas de meu bem e dizes que é teu desejo colocar uma pedra em cima de tudo aquilo, se não...”. Dito e não feito. Não é que a coisa encandiocou de vez? O delegado Figueiredo iniciou o interrogatório, pergunta daqui, pergunta dali, ouve um, ouve outro, a remington preta do inspetor

Rocha metendo bala, tac tac tac tac, torcendo para que o Silveirinha não capitulasse, dizendo “para tudo, eu retiro a queixa”. Mas nada. A Dirlene Aparecida, tentando intimidá-lo, sussurrando em voz minúscula “Silveirinhaaaa!” e nada. Tentou em voz maiúscula, LAERCIO DA SILVEIRAAAAA! E nada. O ambiente se mostrava pesado naquela pequena sala da delegacia mucufa de arrabalde, tal qual uma panela de pressão, sem a borrachinha de segurança, sob o calor do fogo de fogão campeiro alimentado com lenha de angico, prestes a estourar a qualquer momento. Dirlene tentou, em última instância, teatralizar o que sempre dera certo – revolver os cabelos de modo que ele visse seus brincos de argola. Mexeu e remexeu o pescoço, e os brincos iam e vinham, dançando ao sabor de seus meneios, espargindo lusco-fusco de vagalume, sinalizando judiação e nada. A pretinha a mil, obedecendo as ordens do datilógrafo, pipocando, tac tac tac, registrando tudo. “Pronto, doutor! As partes podem assinar!”. E nada.

Dirlene Aparecida pálida, não acreditando naquilo! Bidu apalermado, com cara de alguém que tivesse peidado na missa! A vítima muda, alheia ao mundo, com cara de petiço atolado, os olhos grudados no ventilador do teto. As autoridades que conduziam o processo mal podiam esconder a satisfação pela possibilidade iminente de enrubar, legalmente, a mulher que tantas vezes judiara do semelhante. Até que enfim, pensavam.

Lá fora, a população atenta, em rotundo silêncio, com as notícias coladas nas orelhas, ouvindo a cobertura ao vivo da rádio. Estupefatos, não acreditavam no que escutavam; o Silveirinha deu uma de macho! Aleluia! Bonito de ver a manifestação popular. Como sempre digo, aquilo que parece não é, e vice-versa ou versa-e-vice! Não deu

outra. O culpado da reviravolta foi, nada menos, nada mais, que o delegado Figueiredo, que na maior boa fé, não contente em processá-la – queria ver a caveira da ré – a coisa já estava definida –, exagerou na dose,

Quando todo posudo, em tom solene, disse, “inspetor Rocha, bota aí para encerrar: por motivo de segurança maior, a senhora Dirlene Aparecida deverá manter-se afastada da vítima no mínimo, duzentos metros de distância, até decisão em contrário!”.

- Que baita cagada! Pra quê? O jogo tava ganho. Silveirinha, escutando aquilo, como se tivesse levado um choque nas partes, voltou do transe e, escandalosamente, gritou ao mundo: “eu não fico meio segundo longe dela, vou ficar duzentos metros? Jamais, retiro a queixa!” Corajosamente, contrariando sua própria natureza, tapeou os escritos, rasgando-os em mil pedaços e tripudiando, ainda por cima, das autoridades, “veja o que faço com isso, ó,” engolindo a parte com carbono e tudo.

Aquilo foi demais. O delegado montou num porco e, perdendo as estribeiras disse: “sargento Tenório, leva o meio quilo para o xadrez. Motivo: ofensa a autoridade e danificação de patrimônio do Estado”. Sim, vocês não vão acreditar! Silveirinha, ninguém sabe como, não contente em engolir papel de cunho legal, atirou a máquina de escrever na cabeça do inspetor Rocha, espatifando-as. Sargento Tenório, com seus asseclas, loucos para fazerem justiça com as próprias mãos, botaram a mão no tigre – Silveirinha tinha virado num bicho – arrastando-o, ou, melhor, tentando, porque Dirlene Aparecida, vendo seu bem naquela situação, como que mordida por cachorro louco, incorporou um touro renegado, abrindo, no sentido de resgatá-lo, picada a manotaço, onde enxergasse

farda, aos berros: “em homem de minha posse ninguém bota a mão. Só eu!”. E mais, para completar a confusão, no vácuo disso tudo, Bidu, desferindo punhaladas com seus dentinhos cuidados em todo garrão que vestisse coturno, que viesse pela sua frente. Isso tudo dentro de uma salinha de cinco por três e um quinto. Coisa de louco! Peleia homérica! Baita tendeu! A peça escura, tamanha a polvadeira que levantara, gritado de tudo que é lado, de repente, o carne de pescoço do Figueiredo viu-se algemado, não se sabe por que, por quem, como saber? E, pior, sem o trinta e oito no coldre! Perigo à vista! Ainda bem que se deu conta da iminência de uma tragédia. Defunto na sala de interrogatório? Nem falar, gritou a todo pulmão: “pareeeeeem! Liberem as partes! Eles se merecem! Ruaaaaaaaaaaaaa aqui os três!”.

Enfim fez-se luz. A saída do trio vencedor, então, apoteótica! O povo, como que reverenciando, abria passagem, cantando em uníssono, “família unida jamais será vencida, família unida jamais será vencida”. E seus personagens, a seu modo, assumiam os louros da vitória e tiraram dela suas próprias conclusões.

Dirlene Aparecida ativa, embora o próprio quadro da dor, desgrenhada, um só brinco no lóbulo, a collant em frangalhos deixando à mostra, a plena luz do dia, o esplendor de sua comissão de frente, grunhindo com os dentes cerrados, dela pra ela, possessa, ante o susto de perdê-lo, “ele me paga quando chegar em casa!”.

Bidu, com sua fleuma de sempre, embora estropiado, o lacinho azul desaparecera de seu topete. “Que horror, que horror”, acoava sem perder o charme, emburrado debaixo do sovaco da Dirlene, morrendo de ciúmes, arrependido de ter tomado partido na contenda, se

perguntando: “será que mamãe irá agora tratar aquele homem como cachorro?”.

Arrastado pela esposa, puxado pelos cabelos, já nessas alturas reassumindo sua insignificância, Silveirinha esbanjava felicidade, ainda escutando o trinado do delegado: “vocês se merecem”. Isto é, eles eram uma família, o que o fazia se sentir ainda mais seguro debaixo da sola da bota de sua dona. O melhor estava por vir, sonhando, babando, quase que em pleno gozo, com o próximo momento sublime de levar uma sumanta a capricho, e então, precedendo a quase morte, agonizar de paixão!

- Olha pessoal, não sei não. Com tudo isso, proponho como nome da lei, do delegado: Lei Delegado Figueiredo. O Alaércio da Silveira não nos representa. Que acham?

- Tenho um palpite, além do cidadão de cor, vamos precisar também do apoio do Cunha na câmara! O homem é cabreiro e conhecedor do caminho das casas.

- Berlusconi, Roque, tem procedência a intervenção de vocês, podemos discutir o assunto. É pra já! Garçom, traz mais uma!

- Que mal pergunte, e o revólver do delegado?

- Rogerinho, na barafunda instalada, o berro caiu debaixo da mesa do cafezinho. No outro dia, a mulher da limpeza achou. Simples e sem mistério.

Vamos garçom, te mexe, e a Polar, vem ou não vem? Ah! Tens uma pergunta. Ah! Sim. Pois é, hum... Como eu soube de tudo isso? Eu não falei? Desculpem a falha. Como vocês sabem, sou síndico do Bristol e minha vizinha, a enfermeira Florence, que dava os primeiros socorros pro Silveirinha, acompanhava o casal no camburão, estava por dentro da história, me contou tudo. Conhecia o corpo do dito cujo de cabo a rabo, suas intimidades a

fundo e confirmou, justificando o poderio do Silveirinha, aquilo que já estava na boca das matildes. A natureza tinha-o presenteado com dote especial, aquele que as mulheres adoram.

- Tá aqui a Polar! Sirvo!

- Pode encher, garçom! Vamos beber enquanto não choca pessoal! O resto conto outro dia.

- Não, não, não, dote? Conta tudo! Quem diria?

- Que curiosidade! Eu não tinha falado que o homem era prendado, não tinha? Que era cozinheiro de mão cheia? Não tinha? Elas fazem de tudo para não cozinhar e, quando acham um pau mandado que tenha dote culinário, fazem loucuras para escravizá-lo. As moderninhas de hoje não encostam o umbigo no fogão nem que a vaca tussa! Agora chega por hoje. Passa o copo.

Garçom, traz mais uma, a saideira! Gazapina por favor!

Anota a receita especial do Silveirinha:
Tscas de mondongo ao molho de
coalhada salpicadas com restos
de torresmo amanhecido.

Assinado: o dono do Bar



A DERROCADA DO MAESTRO ALCIDES

Figuraço aquele Alcides! Quem o conheceu sabe bem disso e, ainda hoje, pergunto como um homem daquela qualidade foi aos píncaros da glória, mercê de seu talento, e até o fundo do poço, graças aos feitiços de uma mulher. Reconheço não de uma deusa qualquer.

Lembro bem da dita cuja, corpo totalmente obsceno, desejos proibidos à flor da pele, verdadeiro campo minado para quem ousava caminhar de pés descalços e distraído por sobre ela; assoviando árias, falando com passarinhos, declamando Wamosy, palitando os dentes com garfo, comendo bergamota no sol e pescando lambari no Ibicuí.

- Epa! Pescaria! O teu conhecido usava isca de miolo de pão? Minhoca?

- Vitalino, nada disso, eu estou usando de linguagem figurada. Tu não entendes?! Santo Deus, tenha paciência! O que quis dizer é que o dono de mulher boa, não pode dormir no ponto. É a velha história, mosqueou, levou chumbo do grosso. Entendeu? Sigo o caso. O maestro Alcides?! Ah! Imaginem um sujeito alto, magro, cabelo gomado, repartido milimetricamente ao meio, bigodinho a *la cantinflas*, nariz de papagaio, parece meio estrambó-

lico. Porém no conjunto, boa pinta. Homem de poucas palavras – não sabia puxar assunto – e, não gostava de prosa vadia, ruim das letras, embora tivesse frequentado o grupo escolar até o quinto livro – sua cabeça não o acompanhava –, mas dono de raro talento musical. Tocava acordeona de ouvido e de olhos fechados. Deus do céu! Vagava sem rumo, buscando as estrelas e seu dedilhar sem nenhum método. Não se sabe como passeava a esmo nas teclas, toca ali, toca aqui, com leveza ímpar, tratando o instrumento como se mulher fosse, sabem? Tateando no escuro, acertando o ponto e no momento certo, dava no que dava, na mosca, desembocando a sinfonia mais linda que se escutou na face da terra.

Foi estrela maior do conjunto musical, se apresentava na época no Cassino da Maroca. Era lindo de ver sempre que subiam ao palco. Todos os seus integrantes vestidos a rigor, traje escuro, gravatinha borboleta, lenço vermelho na lapela, sapatos bicolores. Não era pouca coisa! O som da acordeona, pontificava, sufocando os outros instrumentos, até a voz do *crooner* de gogó por mais canoro que fosse. O cara era fumeta no que fazia.

Os distintos frequentadores do *cabaret*, adoravam! Era pano de fundo para aqueles respeitáveis senhores, representantes da fina flor da sociedade local vivessem, mesmo que por fugazes momentos, os sonhos lindos com seus amores tortos, as moçoilas da casa.

Por conta de seu sucesso, os cobres não lhe faltavam. Morava na suíte do Hotel Glória, simca vermelho na porta com *chauffer* paramentado, iguarias de saias às pamparras e, tudo mais e mais um pouco de bom se possa imaginar. Que vidão levava o maestro Alcides!

- Melhor que isso, só pão com banha!

- Por favor, não interrompam! Até que um tango louco chegou em carne viva na pessoa de uma argentina de Buenos Aires, que dona Izoldina importara para fazer um estágio na casa, que andava muito calma, carecendo de confusão. Foi de primeira, assim que a viu e a escudou – o palavreado com aquele chiado portenho, mesclado com sua apetitosa figura decorativa –, eis que o homem enrabichou-se mortalmente. Logo a adotou como amante. Não foi fácil ganhá-la. Como esperado, sua figura causou rebuliço, chegou dando banca de *reina de la noche* no estabelecimento e houve investidas de todo lado. Partida ganha, os derrotados se acalmaram e reconheceram que o tesouro tinha dono. Esse era o comportamento de praxe na época. Mal sabia ele que, tomando posse da citada naquela condição, assinaria sua sentença de morte.

Amante argentina?! Mal comparando, é pior que frieira de turco, vai comendo tudo até deixar só o osso. Não tem cura, sem tratamento conhecido. Mesmo que bom *vivant*, ele ia juntando pecúnia; peso uruguaio, patacões de prata, dente de ouro, joias, verdinha do tio sam, que na sua cabeça, garantiriam boa vida ao lado da mulher com quem sonhava nos acordes e, que de repente, chegou materializada na figura da Mercedita, um demônio de saia e mil demônios sem saia. Amigos, isso ouvi da boca do próprio Alcides. Não tô aqui inventando, por favor...

Aquela coisa, bucolizando um pouco, acho, que nós gostaríamos de ter o que o maestro sempre buscou em seu imaginário: rancho fincado no meio do nada, a criança pulando corda, uma hortinha, a passarinhada voando de um lado pro outro, polenta na chapa, pinhão na reserva, cortinas vermelhas nas janelas, radinho de pilha

a mil pelo Brasil, e com ela – cada um tem sua ela que merece –, num toma lá dá cá, dá cá toma lá, num vai e vem, num vem e vai eterno. No caso particular, ideado pelo maestro Alcides, escutando gemidos em castelhano. Já escutaram um? Inigualável... Aiiiiiii! Uiuuu! Uiiiu! Aiiiaiii! *Calientes! Cosa de loco!*

Sonhos para realizá-los, não saem de graça! As coisas não caem do céu, assim sem mais nem menos! Seguia acordeonando, com o mesmo sentimento e de olhos fechados. Pensava, só um *poquito más*... Mais uns pilas e do outro lado a bonita; casa montada, manicure, vestidos caros, criadagem a pajeá-la, auto do ano a seu bel prazer, gastando firestone nos paralelepípedos, arrastando asa por aí em borboleteios sem fim. No sentido lato da palavra, desgovernada totalmente. Bem da verdade, nas barbas do maestro Alcides. Pode? Vai ser moscão assim nas pontes de Paris!

Esse estado de coisa durou algum tempo, até que o maestro Alcides abriu os olhos e viu-se – vou usar um dito bem chulo, de forma que vocês entendam – pelado de mão no bolso. A castelhana desaparecera, devendo os *tubos* no comércio. Sua pequena fortuna fora levada, assim como o simca e – vocês não vão acreditar no que vou dizer – também o *chauffer*, o nó cego do Silveirinha! Não tem cristão que aguente tamanha desdita!

O que causou espécie naqueles que o cercavam e admiravam foi sua reação, quando o delegado Figueiredo, seu amigo e frequentador do Cassino, orientou-lhe sobre o que poderia fazer no caso. Talvez tenha sido direto demais, não avaliando o estado lastimoso da vítima, que, dando-se conta de sua situação, ali, atirado nas escadarias frias do estabelecimento, disse aquela

estultice de tamanha monta. Abro um parêntese na conversa, a casa, naquela noite, não teve função por ordem da dona Izoldina, que, solidária na dor do maestro Alcides, decretou luto oficial. Retomo. O que nós esperávamos seria uma reação natural, racional, como promessa de esganar a traiçoeira com fio de cobre, de passar-lhe navalha de fio cego no pescoço perfumado e até, menos traumático, de arrastá-la pelos cabelos no entorno da praça, lançando-a à sanha do populacho carente de sangue platino. Qualquer dessas opções, se materializadas, por consequentes de cólera procedente, seria justificável, suficiente para absolvê-lo da pecha de corno manso e seria, não tenho dúvida nenhuma, se livrado das barras dos tribunais, se chamado a isso, o que não acredito, de penas injustas, uma vez que seria absolvido pela lei dos homens vigente à época. Melhor seria se não abrisse o bico.

Olhem bem! Pelo que ela fez, até sairia barato. A bisca não tinha o direito de tirar a vida da alma de um virtuoso – crime hediondo – por conta de sua conduta mundana. É como sempre digo, tem cada uma! Ou cada um! Que só vendo pra acreditar. Sigo.

O Alcides nunca mais foi o mesmo. Lançou sua patente de Maestro no ralo e seu talento esfarelou-se nas brumas da noite.

- Talento não se perde assim de vereda! Do nada?

- É, pois é, Mirandinha. No caso, sim. A causa tenho na minha cabeça, não foi ou não foi só por ter perdido a fujona para um pé rapado, flagelado de enchente seria pouco, que a confiscou. Sim! Confiscou-a na acepção mais pura do vernáculo, pois não botou um puto dum pila na parada, até porque não tinha. Perdê-la para o Cunha,

presidente da câmara de vereadores e renomado prócer político da comarca, ou para o Coronel Mundico Terra, dono de quantas colônias, sabe-se lá quantas, seria palatável, uma vez que seria derrotado pelas forças políticas e econômicas. Porém, para aquele murrinha, que nem registrado fora, nem falar. Ganhou-a no beijo! Esse deletério contribuiu, sim, para perder o rumo no dedilhar, sem excelência, na oito baixos, mas não o definidor. Ocorreu, tenho impressão – pode parecer muito frágil minha tese, talvez pela simplicidade em que se apoia –, pelo fato de o Alcides nunca mais ter se apresentado de olhos fechados, por estar ressabiado. E mais, jamais voltou a fechar os olhos. Perdeu o sentimento. Tenho quase certeza que foi por isso.

Incapaz de lidar com as lembranças – dela – que o passado ainda fresco não cansava de mandar, sucumbiu num buraco sem fundo, fragilizando seu corpo, sucateando sua capacidade de amar outra terceira, debruçando-se exageradamente na tristeza. Virou numa coisa. Transformou-se num de repente em sanfoneiro de zona, arranhando gaita botoneira de segunda mão, sucateada pela lide e pelo tempo, no lupanar da Setembrina, por um prato de boia. Foi triste vê-lo naquela situação, de bombacha puída na bunda e conga de brechó, contrastando com a beca dos tempos gloriosos. Quem te viu e quem te vê!

- Posso dar um talho na conversa?

- Garçom, em vez de me interromper, traz mais uma. Pode ser polar! Vamos em frente, da missa, vocês não sabem a metade.

O homem caiu mais ainda. Matava cachorro a grito, em total petição de miséria, quando foi recolhido pela dona Delícia – outro caso –, ao babujar uma de boca tra-

balhando de cego na praça acompanhado do Chuvisco. Cusco de porta de igreja que ajudava a formar dupla, recolhendo esmolas.

- De cego? Como assim? Ele não fechava os olhos!

- Cego de olho aberto? Gaitinha de boca?

- Amigos, os olhos bem abertos, com um *ray ban* escuro que lhe servia de disfarce. Querem saber algo mais? A bobageira que disse, pateticamente acadelado nas escadas do Cassino? Pois bem, vamos lá. O delegado Figueiredo colocaria toda a sua equipe à disposição para resolver o caso. Só garantiu que o par seria achado. Agora, os valores, jamais. Recebeu como resposta, entre choramingos de mulherzinha: “o Silveirinha, aos costumes, vivo ou morto. O vil metal não me importa, consigo de volta. Agora, a diaba, achem-na e não toquem num fio de seu cabelo. Quero-a de volta ao meu convívio. Tragam-na para meus braços e abraços”.

- Que papelão!

- Foi aquele estropício, indignação total, menos do delegado, que, discretamente, pra não dar na vista sua fraqueza, emocionou-se, lançando seu olhar distante, por um instante, com expressão de “saudade, por favor me esqueça”, daquele tempo dourado que viveu na fronteira. Lembrou-se de sua Pilar. Sabia do que se tratava, sentira na carne e no bolso o poder de um denço daquele pedigree. Figueiredo sabia que não haveria recomeço para o Alcides. Já tinha visto aquele filme. É o tipo de relação que já nasce ex. Mesmo que o quase morto, fadado a lamber ferida para todo o sempre, ciente que o perfume da relação tenha virado tudo em dor, toda vez que a saudade impiedosa lhe batesse forte, acreditaria que, mesmo às duras penas, tudo valera a pena. Assim como ele, sem ti-

rar nem pôr. Naquele momento, sem saber, Alcides tinha um solidário na cornice.

Como digo, tem cada um ou cada uma, que só vindo para acreditar. Mas, vida segue. Soube, aqui mesmo, nesse Bar, pelo padre Antão que conhecia a vida de todo mundo pelas confissões que escutava, que, na realidade, a Mercedita era argentina falsificada. Na verdade, tratava-se de Maria Imaculada, seu nome de batismo, natural do interior de Espumoso, do Passo do Sobrado, rapa de tacho do padre Juanito, espanhol, com uma polaca. Pela convivência paterna, acabou aprendendo alguma coisa da língua, o suficiente para engambelar os incautos. O Silveirinha? Gigolô, leão de chácara, cafetão juramentado, honoris causa em trambiques. Eram unha e carne desde sempre, amigos, até que Silveirinha quebrou o sigilo do corpo da então donzela cristã. Foi o passo para ajuntarem-se e saírem de braços dados por esse mundão afora aplicar golpes do tipo. Coisas da vida.

- Posso dar um talho na conversa? Sou porta-voz da turma aqui. Eles querem saber, o que é linguagem figurada?

- Linguagem figurada? Eu disse isso? Amigos sei lá o que é isso. Vocês acham que sou lexicógrafo? Querem saber demais. Sou um modesto contador de causo. Perguntem isso pro sabe-tudo do Aurélio. Agora, mudando de assunto, adianto que noutra rodada conto como dona Delícia conheceu o Alcides e o Chuvisco. Por ora, chega. Garçom, mexe os quartos. Traz a saideira!



Só eu mesmo para aguentar esse
aí. Bebe e não paga. Ainda bem que
me distraio ouvindo suas estultices.

Assinado: o dono do Bar



A CARNE É FRACA

- **A** carne é fraca!

- Amigo Rodrigues, vai dizer isso pra mim? Todos nós, sem exceção – nem mesmo damos livrança ao Padre Antão, que, diga-se de passagem, é um vigário de primeira, parceiro de mesa –, num dia ou numa noite, entregaremos as fichas. É quase impossível resistirmos aos apelos da carne. Assim como ninguém consegue desvincular a carne do pecado. Quando esta se mete na frente dos nossos desejos, nos quedamos arrastados pelas forças ocultas, que se aquadrilham e nos derrotam. Uma espécie de delínquo torna-nos indefesos.

- Há controvérsias! Já ouviram falar sobre livre-arbítrio? Nós sempre seremos os senhores em ceder ou resistir, em optar pelo bem ou pelo mal. Forças ocultas? Conversa pra boi dormir!

- Kardec, teoria é teoria. Na prática é que a porca torce o rabo. Até sublime, sobremaneira meu contraponto, trazendo à baila diretamente dos anos cinquenta o caso do seu Justino Rosendo. Católico de cruz na testa, homem de ilibada conduta, cujo passado, mesmo que escarafunchando com lupa, não se acha nada que lhe manche a honra. Podemos dizer que sua vida era um livro aberto! Quem não tem seus deslizes? Conto? Tá

bem. Acomodados? Vamos lá! Por favor, Garçom, baixe uma gelada por conta do Kardec. Mesmo com toda essa aura – que em tese deveria lhe deixar vacinado contra eventuais tropeços –, a partir de um determinado momento, passou a se ver todas as quintas-feiras, confrontado o certo e o errado e, aí então, as forças ocultas – aquelas a que me referi anteriormente – entraram em campo e deu no que deu, ainda mais com carne no meio! O que vou contar, ninguém me falou; eu vi com estes olhos que a terra há de comer. Por isso lhes digo, de cátedra, que testemunhei o caso e o conheço tim-tim por tim-tim.

Seu Justino Rosendo era daqueles homens que se conhecia só pela passada, tipo inglesa, mansa, porém firme. Se olhássemos a sola de seu pisante a veríamos gasta de forma parelha, sem desbeice, indicativo de homem de caráter reto, sem volteios. Impossível alguém chamar-lhe “ô, cara!”, “tchê” “ô, meu”, “aí, parceiro” ou mesmo “Justino”. Parecia que havia entre ele e seu interlocutor uma cerca de arame farpado a determinar fronteira e evitar intimidades. Sir, desembargador, doutor; dirigir-se a ele dessa forma, estaria nos conformes. Mas a sua figura e os acessórios – juba tordilhada resultante de sua coleção de janeiros, baixa estatura, chapéu de coco, bengala de castão de prata e sobretudo negro – davam-lhe toda a pinta de barão, o que recomendava que lhe trate dessa forma. Mas aqui no Bar, tratá-lo como “seu” tá de bom tamanho!

- Tipo Barão do Rio Branco, redondinho, de bigodinho e tudo?

- Esse é o seu Justino Rosendo, Amantino! O próprio. Não é que com toda essa conduta, de soldadinho do pas-

so certo, o gordinho dava seus passos em falso, todas as quintas, na boca da noite na casa noturna? Pois é!

- O homem não era probo de nascença?

- Otacílio, falei que podiam cavoucar seu passado, fui bem claro. O presente, bem... Também, seu Rosendo não praticava pecado da melhor qualidade, daqueles de precisar de injeção de água benta na veia para ser absolvido e sim um pecadinho discreto, dos meio-que-meio, que se encorpava tomando importância fantástica, principalmente, porque envolvia através de seus atos a sua extremada esposa, Dona Florinda, que se consumia com preocupações com ele. Assim, mesmo que sem muito brilho, seu pecado não deixava de ser mortal.

Naquela quinta-feira não foi diferente no Casarão, o ambiente carregado de promessas, luminosidade indecisa, sem saber se era noite ou dia, música suave, conhaque abrindo-lhe o apetite; ele mirando aqueles instrumentos de perdição. Podia perceber a carne quente, as coxas levemente douradas, quase turgidas, intumescidas, as duas peras molhadas, carnudas, prato pagão aguardando tão somente a boca sequiosa de seu Justino Rosendo, para, finalmente, o pecado consumir-se. O entorno dando as tintas para que se armasse um temporal, conspirando contra a formação inidônea do seu Justino Rosendo, fragilizando seus princípios. Kardec me vem falar que podemos reagir contra isso, por favor!! Vai te catar, Kardec! Poupe-me!

Seu Justino Rosendo, como das outras vezes, se postava derreado, na frente daquilo tudo, numa indecisão cruel de tomar ou não de assalto, o que lhe oferecia de bandeja. Ocorre que ele sempre ouvia seus acompanhantes, aqueles que não aparecem, mas que se postam empoleirados em seus ombros, tais como papagaio de pirata

- e nos nossos também -, o diabinho e o anjinho, que se manifestam argumentando, dando pitacos, para o vai ou não vai. O capetinha, empoleirado no ombro esquerdo, aconselhando: "Homem de Deus, não se entregue, fica o garrão na macega, não afrouxa, resista, seja fiel a promessas feitas a sua esposa. Não peque". O anjinho licenciando-o, "não escute o rabudo de tridente. Vai fundo, não perca tempo, locuplete-se. As coisas boas estão na terra. No céu se vê assexuados, de túnica branca, tocando harpa e entoando cânticos, coisa muito sem graça. Marche sobre Roma!".

Amigos, é claro que o diabo, por inveja, argumentava contra o iminente deslize, que atenderia a fome do macho em extrema tensão - justificando, diga-se de passagem. O anjinho queria o bem do seu protegido, simples, concordam? Pois é... Não era nenhum dos dois palpiteiros que determinava o que fazer. O fiel da balança era a Rosinha.

- Rosinha?

- Sim, moça em flor, para quem a natureza, com engenho e arte, não economizou ao vesti-la de beleza, ornando-a com acervo corpóreo irritantemente saudável, sem exagerar. Cocotinha, lídima representante da geração danoninho, diria quase impudica, semblante inocente, que deixava transparecer alguma coisa de não-sei-o-que de *femme fatale*, que quando passava arrancava benzadeus! Inclusive do padre cego. Até hoje, não entendo a razão de ela estar naquele ambiente, universitária, educada. Penso, talvez, pela necessidade de pagar os estudos. Merecia, por seus predicados, coisa melhor.

Seu Justino Rosendo queria exclusividade de seus préstimos, não importava o quanto pagasse, exigia que

lhe servisse. Ela conhecia sua natureza, sabia de suas preferências. Rosinha sabia como conduzi-lo. Hipnotizava-o com seu olhar ou seria com seus olhos? Deixava-lhe mareado com seu perfume ou seria com seu cheiro? Ou seria o dengo de sua voz, ou o timbre manhoso quando o empurrava vulcão abaixo, miando, “posso ajudá-lo?” Rosinha sabia como conduzi-lo, “quem sabe...”, e não terminava a frase. Deixava, inteligentemente, que a natureza agisse. Esse consistia no sinal, que tacitamente, haviam construído para que seu Justino Rosendo, entrasse em completo êxtase, instintos aos pinotes – era o apogeu do nega-ceio, quando afogueava-se, quase à beira de um infarto. Afrouxava a gravata borboleta, baixava os suspensórios, desabotoava a volta ao mundo até o umbigo, desafivelava o cinto, olhava-a com seus olhos ardentes e murmurava: “Rosinha?!”. Arroxeava, as veias saltando, imaginem nesse siricutico, se vestisse preto, que vergonha para aquele defensor da moral e dos bons costumes, naquela condição, descomposto daquele jeito, com a boca na botija? Que diriam seus companheiros de política, ele como presidente do Diretório Central da UDN? Seus parceiros de gamão do Clube do Comercio? Sua extremada Florinda? Que situação.

- Mais encardida!

- Isso aí amigo Otacílio! Sigo. Pedia com voz desfalecida, quase implorando, “Rosinhaaaaa!” Com desejos em lavas incandescentes, descontrolado. “O senhor hoje quer variar?”. “Siiiiim, por favooooorrrr! Estou pronto”. Então ela batia o martelo: “Acho que cai bem uma porção de batatinha frita e queijo colonial ralado para acompanhar, pode ser? E, um jaguari tinto seco, safra de 1930?”.

- O quê?

- Não entendi bulhufas!

- Se aquietem e me deixem contar o resto da história. A partir daquelas palavras mágicas, bem à vontade, sem nada a deixá-lo desconfortável, com seus batimentos normalizados, matava sua fome, traçando aquelas coxas de frango assadas no ponto da luxúria – coisa de qualidade, da SADIA –, e que maravilha com fritas e queijo ralado – sugestão da Rosinha – harmonizado com o líquido rubro abençoado por Baco. E a sobremesa? Dos Deuses, duas peras ao vinho! Coisa de primeira. Também, o que se poderia esperar do Casarão, o melhor restaurante da cidade?!

Parem! Parem! Já explico.

(Leitor, meus comparsas do Bar ficaram indóceis – conheço-os pelo arrastar de palhinha... Acho que não esperavam esse desfecho! Confundiram as carnes, só pode! Contar causo para bebum dá nisso!).

Amigos titulares dessa colenda mesa de bar, ocorre que o nosso personagem vivia fazendo regime – o da lua, da proteína, o vegano, da sopa com quiabo, do diabo a quatro –, fazia promessa pra São Jorge, pedia proteção e força pra pai de santo, entidades de sua inteira confiança, para que não cedesse à tentação da mesa. Fora aquelas que fazia para a dona Florinda, sempre muito preocupada com a saúde, jurando seguir as tais dietas à risca. Carne era um veneno para o seu Justino Rosendo. Como alertou o Rodrigues no começo da conversa, a carne é fraca. Como resistir?

Sempre digo, um dia é um dia. Esse um dia, era toda quinta no Casarão, quando seu Rosendo trilhava o descaminho, atropelando suas juras, seus princípios ao abraçar a gula, pecado mortal sacramentado pela santa

madre igreja. No resto da semana cumpria, na íntegra, seus votos de fome e conduta irretocável. Como veem, pecadinho de quinta, categoria essa do seu Rosendo. Pelo menos no nosso conceito de reles mortais.

Na saída do Casarão, saciado, reassumindo seu aspecto grave e frio, virava a cabeça pro lado e colocava a palma de sua mão discretamente sobre sua boca e dava aquele arroteo distinto, quase imperceptível, pufffff! O que se poderia esperar de um Barão? Embicava seu passo verde-amarelo – sua marc(h)a registrada – rumo ao seio de seu lar, a consciência martirizada. Continuava gordo. Aquela noite – prometia a si mesmo – seria especial. Como que reparando seu mal feito, dormiria com sua Florinda em cama de solteiro, provaria que a carne é forte.

- De barriga cheia? Olhaaaa!

- Dionísio, nada que uma colher de leite de magnésia não aliviasse! Um chá de losna! Um sorrisal! Não vão perguntar pela Rosinha?

- Tá bem! E a Rosinha?

- Como adiantei, moça em flor, quase mulher pronta, ao mesmo tempo de rara beleza, educadíssima. Era a *garçonnière* da casa há um bom tempo, tratava os clientes com esmero, especialmente seu Justino Rosendo, que identificava como “cheio de nó pelas costas, metódico ao extremo, daqueles que dobravam as cuecas até para...”.

- O quê?

- Mas de quem já conhecia tudo e mais um pouco, era como se fosse um pai, professor, prior inocente, nessa linha light. Entendem-me? Na sua cabecinha criativa, até havia programado o que ofereceria ao seu cliente na próxima quinta. O antevia louco, clamando pela novidade, gostava de variar a carne.

- O quê? Qual?
- Garcia, Rosinha lhe ofereceria coxão de fora! Ao forno! Bem, por hoje é isso. E aí, Kardec, esculhambei com tua teoria? A carne é fraca ou forte? Depende do ângulo que se olhe, pode ser uma coisa ou outra.
- Que fim levou seu Justino Rosendo?
- Pacifico, pelo que sei, continuou por um bom tempo pantagruélico incorrigível. Pecando, quebrando promessas, traindo, só às quintas. Tem cada um. Até que...
- Vai a saideira? Gazapina ou serramalte?
- Garçom, a mais barata. O que estava falando mesmo? Deixa pra lá. Outro dia termino o caso.

Quando seu Justino bateu as botas,
adivinhem quem foi ao velório, levando
a tiracolo três barrigudinhos?
Escândalo prá ninguém botar defeito!
Assinado: o dono do Bar



BAR E BORRACHARIA CHULETA

“Tira esse auto daí!”. “Não tiro!”. “Tira esse auto daí!”. “Não tiro!”...

Aquilo me chamou atenção, e logo percebi que no futuro poderia render um caso de qualidade a ser compartilhado com plateia distinta e exigente como esta dos nobres frequentadores deste Bar – o que faço agora.

No caso em pauta, a minha condição de testemunha ocular evita que resvale por inverdades, exageros, pelo o que sou induzido quando adoto casos de ouvi falar, que requeitados e requeitados, mudam de época e de rumo. Também tem uma coisa, posso contá-lo na verdade nua e crua, tal como vi e escutei, o que levaria uma garrafa, no máximo, para tal. Meio sem graça. O verdadeiro caso, na minha concepção de contador, deve compartilhar através do verbo do que se vê e ouve, mas muito mais do que não se enxerga e não se escuta. Ainda que possam julgar incoerente com o que eu disse antes. Resumindo, pra mim, “tudo que não invento é falso”, tomando a fala do Manoel¹, nosso parceiro de Bar. Portanto, pode haver a mistura de estações, alguma confusão entre tempos idos/vindos, lembrança, memória – esta meia-boca, a ponto de algumas vezes, lembrar-me daquilo que não aconteceu. Posso contar desse jeito?

1 O contador deste caso se refere ao poeta brasileiro Manoel de Barros.

- Queremos ouvir o causo. Chega de lero-lero sem pé nem cabeça.

- Pois bem, vamos lá. Garçom, fecha a porta. Não conto causo pra mais de cinquenta. Onde mesmo que estava? Ah! No bate-boca. Finquei o olho na cena e apurei os ouvidos. Não poderia perder por nada nesse mundo.

A visão do todo a partir daquele ponto, donde tinha uma vista privilegiada do mundo me facultava frestear o movimento da rua.

- Ponto?

- Amigo Vivaldino, sim, ponto! Depois de ser cabo corneteiro do Oitavo Regimento de Cavalaria, caixeiro-viajante, fui chofer de auto de praça. Tinha um fusca amarelo, com ponto bem em frente ao Bar e Borracharia Chuleta. Vamos combinar a contação de causo não põe mesa.

- Tu não trabalhava de síndico no Bristol?

- Homem, foi depois. Bem depois. Retomando o causo, o motivo da discórdia, unilateral, diga-se de passagem, era um flamante simca vermelho dos andorinhas, estacionado sobre a faixa amarela, bem em frente ao Chuleta. Por falar no Bar e Borracharia Chuleta, que Bar! Coisa de primeira. De dia borracharia, de noite bar. Era um ambiente democrático e frequentado por dignos representantes da política local. Posso até citar o Cunha, presidente da câmara de vereadores da comarca; os homens da lei, como o Comissário Rocha; das rezas, o padre Antão; da saúde, o Dr. Camargo; e da rafuagem, Chico Lampião. A convivência, que beleza! Deitavam conversa fora sem olhar para ponteiros, jogavam pontinho, truco, par ou ímpar, *snooker*, liam o jornalzinho da cidade, acompanhavam a loteria pela Rádio Fantasia, com um detalhe, olhan-

do sempre para as paredes, como que magnetizados por aqueles corpos esculturais.

- Pregavam mulher nas paredes? Porra!

- De certa forma, sim. Eram as peladas da folhinha da pirelli, que, não obstante todos aqueles anos de parede, em ambiente insalubre e diante de olhares famintos, refletiam *flashes*, como se partisse da kodak, iluminando-as, não perdiam o tamanho da beleza. Nesse meio tempo, entre as conversas e os olhares, no entremeio, passava o Damastor, com um bloquinho sebento, falando baixinho, quase segredando, “aí, irmão, vai uma fezinha?” Evitando, por questões éticas, oferecer às autoridades presentes. Amigos, jogo do bicho era contravenção na época. O cardápio, que correspondia aos bebes era serramalte. De garrafa. De latinha, nem falar. Os comes, coisa mais sofisticada, Joelho de porco frito, torresmo no vinagre, ovo cozido no vidrão. Nas quintas? Ah! Programação especial. O melhor espetinho de gato da cidade, feito em churrasqueira fabricadas com metade de um tonel, que um dia serviu para afogar câmaras dos dunlops, firestones, goodyears da época, acompanhado pelo choro de uma oito baixos, dedilhada pelo Mestre Alcides, que entre um cochilo e outro, acantonado junto a pneus carecas, desdobrava uma do Teixeira. Tudo isso sem muito luxo. Mais não precisava. Pra quê!?

O estabelecimento funcionava vinte e quatro horas. Sempre? Minto. Que me lembre, uma única vez, quando o Otacílio suicidou-se, enforcando-se com o sutiã amarelo-banana da Esmeralda, por puro descorno. A borracharia cerrou as portas, decretando luto fechado por trinta dias, em sinal de respeito com os seus. No mais, se não me falha a memória, funcionava dia e noite, noite e dia.

- Tá, tudo bem! O que o Chuleta tem a ver com o simca e com os personagens? Não tô entendendo bosta nenhuma!

(Leitores, acho que falei demais no bar e me perdi... Tá faltando cachorro na história. Vou chamar o Chuvisco. Pish-pish-pish, venha, venha...).

- Calma, Ricardinho. Acontece que o Chuvisco, pulguento sem pai nem mãe, adotou o local como seu lar.

- Chuvisco?

- Ali se criou, socializando de um lado pro outro, no meio das pernas dos frequentadores, assuntando, atentamente, as conversas dos humanos e recebendo, a cada balançar de rabo, olhar pidão e saliva a chover dos beijos, nacos dos acepipes que seus parceiros lhes obsequiavam. Vida luxenta para um cachorro chinelão! Melhor que isso, mal comparando, vida de artista da Globo. Até que naquele dia fatídico, inventou de sair à rua, bem no momento do “tira não tiro”. O cachorro não morava no Bar? Não saiu do Bar e foi pra perto do simca? Bem no meio do furacão? Sim, pois então! Como não tem uma coisa ver com a outra? Portanto, o Chuvisco foi peça fundamental. Não fosse o Bar e ele, acho que até hoje aqueles três estariam verbalizando a mesma ladainha, “tira, não tiro”, e por, conseguinte, eu não estaria contando este caso aqui.

- Três?

- Sim, a dupla de Pedro e Paulo, de um lado, e o Silveirinha, de outro. O Pedro era o Sargento Tenório e o Paulo, o Capitão Nascimento. Parado na calçada, junto à porta do simca, o Silveirinha. Lembram dele? Parece que tô vendo a cena. Silveirinha, puro osso, metro e meio de carcaça, daqueles que não fediam e nem cheiravam, ves-

tindo uma boca de sino, combinando com impecável camisa de linho inglês – *look* caprichado demais para aquele pingo de homem –, cofiando, lentamente, seu bigodinho rouba-moça, olhando além do horizonte, fazendo de conta que a coisa nem era com ele, enfim, no mundo lua. O que o sem noção do Capitão Nascimento vociferava – “tira esse auto daí!” – entrava por um ouvido e saía pelo outro. Recebia, em resposta, num imperceptível fremito dos lábios, um frio, mecânico, sem vida, preguiçoso “não tiro”.

O povão, que gosta dum enrosco, que só vendo, que não vê hora de botar fogo na lenha, se juntou em torno, à medida que a temperatura do ambiente aumentava, beirando a casa dos mil graus. Alguns diziam: “tira esse auto daí! Vai sobrar pra ti!”... Outros, tentando proteger o Silveirinha das garras da dupla, arriscavam, “Não têm outra coisa pra fazer? Vão prender bandido!” Outros, a turma do pau ferro, “não tem pequena contravenção! Multa e cadeia pro Silveirinha! Manda pra Curitiba”. Os borracheiros – era de dia –, capitaneados pelo Damastor, se propunham a empurrar o auto para os limites da sinalização do estacionamento permitido. Afinal, não dava meio pneu além da faixa. Só isso e a confusão estaria abortada. O que pra mim seria terrível. Ocorresse isso, não teria caso e, por conseguinte, causo.

Quase estragam a história, quando o Chuvisco foi chegando, como adiantei, no meio da barafunda, como quem não quer nada, ignorando o campo minado em que a calçada estava prestes a se transformar. Mirou o vistoso banda-branca do simca, levantou a perninha e, de repente, mudou de ideia, recolheu a arma, caminhou mais uns passinhos, levantou a perninha, liberou o instrumento e, na maior pose deste mundo, não teve dúvi-

das – deu aquela mijada dos deuses na botina lustrada do Capitão Nascimento. Eu, atento, observando no tendéu que aquilo tudo iria dar. Não deu outra. O homem da lei virou bicho, mais do que estava com a desobediência civil, que o Silveirinha demonstrava com seu tô nem aí. Sacou dum relho trançado e desferiu um manotaço na fuça do mijante. Que coisa séria. O cusco saiu esganiçando em dores, num grito e, meus amigos, o Silveirinha, diante de tamanha barbaridade, se acordou, num repente, daquela sua postura letárgica, botou a mão no bolso – até pensei que fosse para dar aquela coçadinha básica. Nada disso! Sacou foi uma pitoca carneadeira, avançando no de farda: “te furo, te furo”. Que escarcéu! Foi um pega daqui, pega dali que só vendo. Correria geral. Mulher desmaiando, o comércio da redondeza fechando as portas – a borracharia foi a única que não fechou, fazendo jus ao neon da fachada “aberta dia e noite, sempre”. Bom de briga, fiquei me coçando para tomar parte na refrega ao lado do mais frágil, mas resolvi que não. Não por medo! Tinha comido toucinho de porco com mais cabelo do que aquele, sem arranhar a goela, então, não seria daquela vez a me apichar. Mas por prudência, a hora não era de tercear ferro. Se ferido fosse ou mesmo morto, quem contaria este caso? Rápido, visando me proteger de uma facada perdida, me entrincheirei debaixo do fusca. Amigos, é de não acreditar! Quem encontro lá? O Chuvisco – com o perdão da palavra, num cagaço, tremelicando, à beira de um colapso, ante a agressão recebida. Pois é, essas coisas acontecem. Continuo. O pior, além de estar colado no asfalto, contra vontade, desconfortável, recebendo o bafo de onça do Chuvisco e lambidas na cara, inutilizei minha jaqueta de couro uruguaio, que ficou tapada de óleo, que

teimava em pingar do motor bem em cima de mim. Que situação mais encardida!

Mas Deus é bom e não permitiu que acontecesse tragédia maior. Com a chegada do reforço a folia acabou. A ambulância recolheu o Capitão Nascimento direto pro Posto de Saúde, com dois talhos na bunda, sem a túnica e com uma perna da calça, cueca samba-canção exposta ao público e, pasmem, sem o pé direito da botina. Que fiasqueira! O Sargento Tenório, que tinha ido buscar o reforço e não apareceu mais, dizem que até agora anda caçando pokémon por aí. E o Silveirinha? Foi levado gentilmente pra DP, nos braços de doze brigadianos.

- Se não me falha a memória, o Silveirinha é o mesmo aquele da Dirlene Aparecida?

- Seu Nilo, o próprio, Alaércio da Silveira, o Silveirinha, de corpo presente. Pelo que soube, ele foi comprar na venda da esquina uma lata de Leite Moça pro Bidu, cão de madame da Dirlene, e... Fugiu. Simplesmente fugiu. Não aguentou as exigências libertinas da mulher, que queria fazer coisinha todas as noites, a morrer, quando se propunha cumprir suas obrigações de forma mais controlada, quatro a cinco vezes por semana com grau de intensidade moderado – papai e mamãe – e leve tempero aos feriados.

- Fugiu da raia!?

- Nada disso, Amantino. Não lhe faltavam competência e apetite, e tampouco lhe importava a pecha de ser o homem objeto da mulher. Foi porque botou na cabeça umas minhocas, acho que por influência da revista *Eu Sei Tudo*, onde andou lendo algumas bobagens que diziam que a frequência exagerada no fric-fric, aliada à selvageria do ato, como no caso do casal, com o tempo, afilaria

sua credencial, não prejudicando o comprimento, mas o diâmetro. Em dez anos, no máximo, ele se tornaria corpo de lombriga anêmica, o que, convenhamos, é de pouca serventia. Para vocês terem uma ideia, tipo faca de açougueiro, fina e comprida. Entenderam? Diante de tudo, posso dizer de cátedra, que o Silveirinha deu no pé de cabeça erguida, sem sombras a manchar sua macheza.

O homem, que não tinha muitas luzes, diante da opção tomada, que no fim gostava do frege – a ponto de sair-lhe estrelas dos olhos – e ainda mais da Dirlene, mergulhou na escuridão, se refugiando no mundo da lua, onde pensava, por certo, curtir solitariamente sua paixão recolhida. Diria que enlocou de vez. Era ela ou ele. Ele escolheu ele. Amigos, dizia Duque de Caxias: “a vida é feita de escolhas”.

- Que fim levou o Silveirinha?

- Colegas de trago, pode-se vê-lo por aí, vagando como alma (de)penada, à deriva nas esquinas, na mesma postura da estátua de feira. Agora não mais só, acompanha-lhe o Chuvisco, de quem é fiel companheiro. Como sempre, nada lhe chama atenção ou lhe tira a paciência, a não ser que agridam, deem um chega pra lá ou mesmo um inocente “já daqui” em qualquer sarnoso nas suas barbas. Aí, amigos, cada um por si e Deus por todos. Tão avisados! Por essas e outras, tivesse eu tempo, escreveria uma tese: “o homem é o melhor amigo do cachorro”. É ou não é?

- Uma pergunta? Onde?

- Eu aqui, à esquerda?

- Ah! Desembucha, amigo Marx!

- Quantos anos de cana o homem levou por desobediência e agressão aos gorilas? O sistema penal burguês...

- Ué! Nenhum. Foi solto na mesma hora. Como assim? Não tinha nada a ver com o caso, tava ali de bobeira, como poderia estar em qualquer outro lugar. Soube o que aconteceu na delegacia pelo Dr. Freud, psiquiatra do Delegado Figueiredo, que tratou dele por um bom tempo.

Bem. Silêncio! Querem escutar o que aconteceu com o Silveirinha na delegacia, ou não?

O Delegado Figueiredo, daqueles formados pela cartilha do vai ou racha, pela sua postura fascista, fazia os meliantes vomitarem na entrada do gabinete, o que fizeram ou não fizeram, antes de iniciar o interrogatório. Sabedor de antemão do que acontecera se propôs a aliviar o lado do Silveirinha, considerando sua postura republicana na defesa dos animais. Preparou-se para recebê-lo. Quando falo preparou-se, na verdade, quero dizer transmudou-se, incorporando, na ocasião, seu lado de monge tibetano. Muniu-se de toda a paciência do mundo e na voz mais delicada que tinha a seu alcance perguntou, "seu Silveirinha, não era mais fácil tirar o auto dali?" Silveirinha encolhido na cadeira, alisando o bigodinho, no seu estilo, balbuciou alguma coisa inaudível. "SEU SILVERINHA, NÃO ERA MAIS FÁCIL TIRAR O AUTO DALI?". E dando-se conta de que estava alterando a voz, complementou com toda suavidade possível: "seu Silveirinha, nada disso seria necessário se o senhor tivesse atendido o pedido da autoridade". Silveirinha respondeu quase num fio de voz: "não". "POR QUE NÃO?". "Porque o auto não era meu!". "POR QUE NÃO DISSE?". Segundo descrição do Dr. Freud, com o vozeirão do Delegado, o bico de luz da sala fez ploc, espatifando-se e a térmica do chimarrão veio abaixo com o tremer dos móveis, os vidros da delegacia quebraram-se em mil pedaços, a botina fedida do

pé direito do Capitão, que estava em cima da mesa, voou duzentos e trinta e dois metros, no mínimo. “POR QUE NÃO DISSE?” Repetiu, aproximando-se do meio-quilo, cara a cara, com uma mão do lado do ouvido em concha, para facilitar a escutação: “POR QUE NÃO DISSE?”. “Ora, ninguém me perguntou”. O homem desta vez falou, “não me-reço”! Num gritão tão alto, mas tão alto que o Silveirinha zuniu pela janela indo parar no laguinho da praça, em cima do chafariz, causando um estrondo que repercutiu na quadra inteira. A bicharada do bem revoou em fuga, ficando somente os abutres à espreita, rondando o que restara do Silveirinha. Foi quando o Delegado surtou de vez, saindo campo afora no meio da rua, gritando: “me tirem os tubos, me tirem os tubos”. É bom que se diga que essa parte do interrogatório, estou repassando da forma que recebi, sem uma linha a mais ou a menos. Se verdade é, não garanto. Não boto a mão no fogo pelo que os outros contam, mesmo tratando de uma pessoa conspícua como o Dr. Freud.

- Perguntar não ofende, o nome do estabelecimento era Chuleta. Por que se no cardápio não tinha uma chuletinha de porco?

- Que mal pergunte, naquele tempo, sei que existia abacaxi, pêssigo, figo e até salsicha em lata. Agora, cerveja em lata? Poupe-me.

- O capitão puxou dum relho trançado. Não seria cassetete?

- Calma, senhores, um de cada vez. Reservo-me o direito de responder ou não. Amigo Berlusconi, tá pedindo a palavra, solta o verbo.

- O que a botina fedida do Capitão estava fazendo em cima da mesa?

- Amigo, foi recolhida pela perícia e fazia parte do corpo de provas. Paramos por aí. Garçom, traz a última saideira que vou tomar neste Bar. O nível das perguntas atropela o que eu sempre digo, caso é caso. A verdade a gente fantasia e compõe como avisei no começo da prosa, é o que faço. Querem coisa melhor, chamem o William Bonner. Tá solteiro e cheio de coisa pra contar. Talvez se saia melhor do que eu. Lembranças para os conhecidos. PT saudações. Fui.

- Calma, toma esta por conta da casa. O caso até que tá bom. O que seus colegas de trago sentem, sendo esse o motivo de alguma inconformidade, e eu sou portador disso, é que falaste pouco, quase nada, das peladas da Pirelli. Eles dizem que é onde está a coisa boa da vida.

- Obrigado, Garçom! Se é assim, amigos, desculpem a minha falha. Tinha mulher pra todo mês, imaginem a fartura. Que mulheres! Uma em particular, sueca, de virgem, uma noite daquelas, vocês não vão acreditar, jogou-se da parede cansada de ter a bunda junto do reboco, todos aqueles anos, nuazinha da silva, com tudo em cima, de ponta cabeça na imaginação daquela gente sonhadora, aguardava por anos um milagre daquele feitio. Greta Garbo, no esplendor de sua beleza nórdica, caiu no gosto do pessoal. Era mais do que uma mulher no papel. Era um sonho de mulher! Ou seria uma mulher dos sonhos? Só deles! De todos, numa promiscuidade saudável e convivência pacífica. Até que ela perguntou por um de bigodinho rouba-moça. Foi quando bateu a ciúmeira, o circo pegou fogo e aquela relação sadia, quase foi pro vinagre. Isso é outro caso. Continuo.

Sabem como é, esse tipo de situação que tava acontecendo corre solta na boca do povo. A turma do Chuleta

enlouqueceu! Tão vendo coisa! Tá um climão lá dentro! Diante de todo esse rebu, o pessoal do Clube do Comercio – liderados por quem? Seu Justino Rosendo, o probo –, tentando ser solidário, se cotizou numa ação entre amigos, contratou o Dr. Freud para fazer uma imersão no Bar junto com seus habitantes e tratá-los, no sentido de fazê-los voltar à realidade, acabando com a locuração. Bem, turma, a gelada se foi; o resto conto outro dia.

- Momento! No que deu? O Dr. Freud tocou psicologia pra cima da cabeça deles?

- Celestino, deu merda total. O homem contaminou-se a ponto de apaixonar-se à primeira vista pela Greta, deixando a família e arranchando-se no Bar. Diz de boca cheia, entre um gole e outro, que mulher igual aquela não existe. Vá compreender essa gente. Por hoje, chega.

- Afinal, era de carne e osso? Era fantasma? Era uma mulher inflável? Existiu mesmo?

- Calma, compadre Arquimedes, essa excitação toda não faz bem prum sexagenário. Há controvérsias a respeito! Pode ser que sim, pode ser que não. Duma coisa tenho certeza, nunca apareceu no turno da tarde. Afirmou, categoricamente, o seu Justino, de viva voz, que ante a cada cair de noite, no romper da madrugada, ela pulava feito uma gata siamesa, miando como só ela sabia, para delírio dos borrachos presentes, para donde veio, o mês de outubro, na folhinha. Alguém duvida da fala do homem?

- Que sacanagem! Como sempre, trabalhador fica em segunda mão. Para a burguesia, tudo!

- Amigo Marx, vamos deixar por aí, se o caso se alongar demais vai faltar cerveja. Por falar nisso, Garçom, levanta e traz a saideira, gelada.

- É pra já, chefia. Merecida, por sinal.



Pelo que me consta, o signo de virgem
corresponde ao mês de setembro.

Não vou contestar, senão esse
causo vai varar a madrugada.

Assinado: o dono do Bar



DESFILE DE SONHOS

“Tu lembras de mim?”.

Ela disse isso com o mais deslavado sorriso de mocinha de filme que vi na minha vida. Entre surpreso – pensei que nunca mais iria revê-la – e raivoso – afloraram em mim os mais sórdidos sentimentos de vingança. Vai ser agora, pensei! Iria pra cima dela , com tudo e mais um pouco que vocês possam imaginar, dir-lhe-ei caroços publicáveis, quinhentos deles – xexelenta, mocreia, fingida, falsa, piolhenta, sacripanta, chinelona, maloqueira, oferecida, excomungada, enxerida, barraqueira, – e mil e quinhentos e tantos outros impúblicáveis, por sê-los, só penso, não os verbalizo, mercê de minha formação moldada nos preceitos do grande Baden-Powel¹ e em respeito a esse ilibado ambiente de nosso Bar.

Esse encontro aconteceu num fim de tarde, de uma sexta-feira treze, chuvinha fina, daquelas de molhar bobo, ia aqui, bem na boca da esquina – a mesma esquina – e ela vinha dali, contra a parede, aproveitando a proteção das marquises. Quando dobramos ao mesmo tempo, com as condições de que ocorresse um plaft demolidor, administrável através do diálogo, civilizado, não fôssemos nós os envolvidos. Travamos a tempo, ficamos

1 Baden-Powel, fundador do escotismo.

corpo a corpo, depois de mais de cinquenta anos e lá vai mecha de distância.

Na hora pensei: que situação mais encardida! Era o que me faltava!

- Tu lembras de mim?

Ela ali, modernosa, se mostrando toda num vaporoso vestido de alcinha, fantasiada de mulher boazinha, dizendo aquilo, ao vivo e em cores. Eu, parece que estou me vendo, cenhos franzidos, expressão canina assassina, paradoxal aos batimentos de meu coração. Este, um frouxo, bunda mole, sem pulso, não mais ao meu lado, pinoteando a mil, a ponto, admito, de quase me sair pela boca. Se não fosse meu, mandava às favas, na pior das hipóteses à pqp. Não, à puta que pariu mesmo, merece! Deixemos pra lá. Enfim, somos um só. Quem vê cara, não vê coração! Que dito mais certo!

- Eu sou a Yasmin! Com ipisilone! Lembra?

Como olvidar sua figura, seu pelo, seu aroma de "tô aqui", naquela tarde de verão? Ela foi por quem, pela primeira vez, quase morri de amor e cega paixão, atração fatal, se não quebra entorta, e dessa prematura ninguém esquece. Amigos, colegas de trago, estamos falando de um imberbe, com não mais que três fios de pentelhos, contados um a um, na ponta dos dedos.

Toda minha vida queria vingança, agora teria a oportunidade de acertar as contas. Dar-lhe-ia o troco, na mesma moeda, buscando a forma mais refinada, em comparação com aquela que havia me proposto inicialmente, apedrejá-la. Ensaiei dizer, "não, não conheço!", com voz arrastada, incorporando James Dean, mascando chicletes, de jaqueta de couro, em cima de uma lambreta, fazendo bolinha – ploc – bem nas suas fuças. Que falta faz um

adam's numa hora dessas. "Bah! Tu é vovó?", num tipo mais cínico, meio relaxadão, tirando tatu do nariz, braçgueta aberta. "Como não? Bem mais judiada!". Com um palito num canto da boca, no melhor estilo de colono de cepa. E o mais mortífero, me vestindo de bicheiro rico, pitando um palha fedorento, acomodado entre os dentes amarelados, camisa aberta até o umbigo, mostrando os cabelos do peito, com aquele correntão dezoito puro. "Sim, como não, bem mais gorda. Boa de garfo, hein!". Para fechar a desdita com chave de ouro, convidá-la para um galeto com massa em festa de igreja! Apoteótico!

Na hora mordi a língua, graças ao meu bom pai do céu! Foi a melhor coisa que poderia ter feito na vida. Lembrei-me de um anônimo marine norte-americano, que, em situação de agonia semelhante – desembarque na Normandia, Dia D –, disse "be calm in a time like this"². Isso evitou que uma fala perdida, direta no coração, matasse a possibilidade de redescobrir o amor, que julgara ter acabado para todo o sempre, que varou morto-vivo por um longo tempo, ainda com chance de florescer. Olhando-a de revesgueio, vi a beleza de saudosa memória. Eu, galo de topete encarnado, manda-chuva de galinheiro, gigolô de bailão, tudo podia a ponto de romper fita em carreira de cancha-reta montando matungo manco, agora de passado ilustre, não estava lá essas coisas. Reconheço, batendo biela, queimando óleo, mais prá lá do que pra cá, os documentos na altura do joelho, não valendo quase nada.

Apostaria minha fichas – apesar de tudo que passei –, considerando as carcaças e o quadro presente, numa relação de modestos arroubos carnavais e mais amor, de

2 "Muita calma numa hora destas".

parte a parte, gentil. Daqueles de mãos entrelaçadas, de acordar na madrugada com um beijo fraterno, sorriso nos lábios, “amor, amorrrrr, tu tá roncando!” Ainda haveria tempo, de descascar a laranja e oferecer a tampinha; de cortar a melancia e dizer “o coração é teu”. Da carne da costela abrir mão daquela junto ao osso e falar “coma, é a melhor parte”. De repartir as coisas boas meio a meio, e dar-lhe a porção maior à sua outra metade. Ainda haveria tempo, de exclamar todos os dias “epa! Hoje a louça é comigo!”. De transformar cada queixa, cada ai, cada “me dói aqui” num “não é nada”. Ainda haveria tempo, ante a doença braba, daquelas de levar pro céu, segredar sorrindo ao pé do ouvido, “passa logo, vou fazer um chazinho pra ti! De melissa ou laranjeira? É de tirar com a mão!”. De converter cada suspiro, por mais suspiroso, numa fala – por mais dura – num olhar – por mais triste – recados de um gosto de ti. Ainda haveria tempo? O tempo voa, os ponteiros não andam para trás, a vida nos foge e isso me fez pensar, que deveria a partir dali, viver apressado, sugar o máximo do ainda e torcer para que ele demorasse bastante. Quem sabe transfaze-lo num para sempre?! Que tamanho teria o ainda que me resta? Dúvidas... dúvidas... dúvidas... Amigos, digo de cátedra, atroz.

Povo desta mesa,peço desculpas por me mostrar nesse estado lacrimoso, dizendo bobices. Inacreditável, partindo logo de mim, homem de palitar dente com faca rombuda e tomar canha em guampa sentado em cima do ninho de cruzeira criada. Nem digo, por não ser exibido, bisneto do coronel Mundico Terra. Vocês me conhecem, não sou afeito a lustrar palavras, mesmo sendo contador de causo. No final das contas, me revelo como vocês, simples mortal, com as fraquezas inerentes. No meu lugar,

em minha defesa daquela situação, vivendo o que eu vivi, até um pinheiro, por mais centenário, de cerne mais empedernido, se desmancharia em açúcares. Quem viu a Yasmin, naquele desfile, compreende minha recaída. Posto isso, voltemos à cereja do bolo.

Naqueles anos de 1950algumacoisa, em que as mairias imperavam, Yasmin foi uma mulher além do tempo, a começar pelo nome. Estranho a ponto de, a cada chamada, na sala de aula da 4ª série, requererem da bendita um esclarecimento, gracioso, simples, cândido até, mas que iluminava a sala. Toda vez, a professora fazia chamada, lasmin? Levantava sem pressa, na pontinha dos pés, e na mais doce paciência corrigia: Yasmin, com ipisilone, fessora! Presente! A bagaceira tomava conta, batucavam na carteira, atiravam aviãozinho, assoviavam. Dona Ruth, por sua vez, tentava o suicídio pela quinhentésima vez, engolindo, numa sentada dez barras de giz. Eu, de queixo caído, delirando, suspirando pela sua atenção, alheio ao movimento.

Seus encantos não se resumiam nisso, mas no que estava escondido. Naquele tempo havia sigilo total dos corpos das mulheres. Das meninas, então? Não se conhecia nada de nadica e a imaginação rolava solta. Yasmin era nada mais, nada menos do que a madrinha da bateria da escola. Aquela que ia na frente, fazendo piruetas, com roupagem diminuta em relação às regras da época, e que, no desfile de sete de setembro, teria por força mostrar alguma coisa a mais. Essa esperança ou desejo de ver além do que imaginava – e que não era pouco – de certa forma me incentivou a estudar música. Estaria mais próximo dela. Então, fui aprender a tocar tarol, bumbo, flauta, dentre outros instrumentos. O maestro da banda era

meu padrinho, o sargento Tenório, que compreendendo meu objetivo, me inventou de corneteiro, aquele que ia mais próximo da madrinha, para inveja de meus colegas.

Após ensaios em intermináveis dias, o sete de setembro finalmente chegou. Encurtando o causo, lá pelas tantas a banda adentrou na avenida. Tudo ia nos conformes, a “furiosa” dando o ritmo, Yasmin maravilhosa, linda, movimentos graciosos e muita coisa à mostra – de primeira, como imaginava. Uma cleópatra juvenil! Vestindo um gracioso modelito – short azul-turquesa, cinco centímetros maior que um cinto largo, acho que de seda pura. O mais não lembro, e também não interessa! Até que ia dando conta do recado, babujando corneta faceira, com competência. Mas a proximidade daquilo tudo, o sol e o mormaço mandando ver direto na moleira, a emoção me esmigalhando, tomado de febre de homem grande, tudo isso me fez aflorar, assim do nada, força oculta que até então desconhecia. Coloquei pra fora, naquele momento, habilidade congênita de transformar as coisas pela força do pensamento. Lembram do Uri Geller³, que entortava garfo, faca, movia copos? Pois eu tinha essa faculdade, mas não iria perder tempo com essas coisas sem graça. Eu me transformei em dois. Diabolicamente me organizei, um meu eu continuava músico, o outro eu meu, liberei geral. No momento, lembro, que pedi a Deus, que tudo vê: “por favor, feche os olhos pra mim, abra esse olho de pai, procura teu filho, Jesus. Anda metido com a Madalena! Coisa muito séria. Me esquece só por este momento nobre”. Clamei pelo capeta, pedindo assessoria para que pecasse com zelo.

3 Uri Geller, conhecido na década de setenta por, através da força do pensamento, entortar garfos, facas e mover objetos.

O outro eu meu, supostamente preparado pelo satanás, saltou de mim e foi aninhar-se onde? No colo da Yasmin, apoltronado nos montes empinados.

Ela, com essa companhia, parece que enlouqueceu. Fazia diabruras como nunca se viu em desfiles daquele naipe, requebrava tango, valsa, rumba, ao som de música marcial. Inacreditável. O povo, apinhado junto às calçadas, em êxtase, rugia em aplausos; a cachorrada, alçada, latia freneticamente; os gatos alucinados miavam como se estivessem no auge do cio e a banda contaminada pelo ambiente, promoveu-se à orquestra. Ela, dona do espetáculo, ao passar, deslizando no asfalto da avenida, levando consigo aquele corpo padrão-ouro frente e verso, que se mostrava sem sobras nem carências, frente ao palanque oficial, sob os olhos das forças vivas da comuna, representadas pelas autoridades, civis, militares e eclesiásticas, desdenhou-os, virando-se para mim, com sorrisos e abanos prometedores, o olhar, assim, nesse tom, musicando mensagem de amor – surpresa, nunca me dera nem as horas –, como que dizendo, “gosto de teus dois”. Quase que engulo a corneta! Também pudera, Yasmin estava uma diaba pura, na beleza e nos movimentos.

A bem da verdade faço aqui um parênteses, o meu eu que corneteava não podia fazer nada – até porque, sem a corneta que ditava o passo certo, a banda não andava –, a não ser admirar as qualidades de sua retaguarda que começava com as suas pernas longas de mulher feita, subia em curva de forma catita – um desbunde total –, afunilando num capricho em cintura de violão, levitando esplendorosa – isto sim, como o diabo gosta –, tudo a meio palmo do meu nariz e a dois centímetros de minhas

sobrancelhas. Pode? Preciso dizer o quê? Chega ou querem mais? O outro eu – bem acomodado – imaginava que fizesse mais, começou a gostar do desfile, dos aplausos, do som, penso que até dos pipoqueiros, que se postavam junto à população. Morria de medo que avistasse um vendedor de algodão doce ou escutasse o apelo do picolezeiro “de framboesa! Geladinho!”. Certamente perderia a cabeça e abandonaria o posto. O inocente, deslumbrado, não investigou as redondezas, não conheceu nem seu umbigo e muito menos desceu à planície à procura do campo santo. Abostado! Hoje, mais maduro, compreendo que errei ao pedir uma mão para o diabo. Qual destes rabudos gosta de fazer o bem a alguém? Transformou o meu outro eu, por pura maldade, num menino educado, daqueles de fazer sinal da cruz e beijar santinho a qualquer possibilidade de pecado. Tivesse pedido ajuda a São Jorge, estaria mais bem servido.

Bem, findo o espetáculo, no outro dia, dois em um, incentivado que fora com seus olhares, resolvi agir no sentido de ter um particular amoroso com ela. Pedi à Vera Regina, a Veroca amigona do peito, a ponto de tomarmos limonada no mesmo copo, de confiança extrema, levar um bilhete pra Yasmin, perfumado, onde caprichei na escrita e no verbo; propondo encontro a tal hora, na mesma esquina, encerrando com um I love You e assinando “do sempre teu”. Na minha cabeça, não tinha erro e, quem sabe, imaginei, com passos bem maquinados, deixando a burocracia de lado, buscaria uma chance de sapear um beijo de cinema em sua boca e libertar minhas mãos curiosas, em marcha lenta, sem pressa, para o desse e viesse, procurando distração mundana, o que o incompetente do outro eu meu abdicou. Era o

que me faltava! Ademais, pensei, quem não se arrisca, não petisca.

Parceiros de trago, no que acabou? Aquela desalmada, desgranida, loira de farmácia não deu as caras. No popular, me deu balão. Diante do desaforo, mesmo quase morto, limpei-a de meu olhar, não do coração, fatiado em mil pedaços, cacos espalhados por aí que, até hoje, não se juntam com palitos e muito menos com apenas um; mesmo que encharcado de significados, “tu lembras de mim?”. Quando num de repente, ela falou...

- Não te entendo. Te sinto, desde aquele sete de setembro, como se estivesses grampeado em meu peito, me deixando louca. E de inopino me esnobaste, sem mais nem menos... Aguardei ansiosamente que me chamasse...

(Leitor, lembra do vestido de alcinha? Pois é, Yasmin, ao falar daquele jeito – imagine o jeito –, o vestido ia e vinha, vinha e ia, mostrando tudo. Entre no clima, obrigado!)

Com aquela fala – não esperava aquilo –, em violento arfar, de peito aberto, da Yasmin, caí do cavalo! O quêêêê?

- Como assim...? Te mandei um bilhete para nos encontrarmos, aqui, nesta mesma esquina.

- Que bilhete?

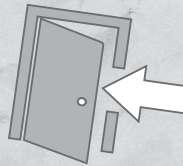
Caiu-me a ficha na hora. A Veroca!

Hei! Hei! Acorde, tá sonhando!? Falando sozinho, não diz coisa com coisa. É de manhã, o Bar fechou faz horas. A dona Veroca tá na porta querendo entrar, dizendo “sei que o meu marido tá aí, faz dois dias que ele não aparece em casa”. Pela cara, tá uma fera.

- Oh, garçom, dá tempo de tomar a saideira?

- Que saideira bosta nenhuma. O Dono do Bar não quer que ela te encontre aqui. Lembra da última vez que errou de nome e chamou a dona Veroca de Yasmin? O Bar foi todo quebrado, brigada e bombeiros no estabelecimento. Vamos, vamos, escape pelo porão. Já! Raspa daqui!

Todo Bar que se preze
tem uma porta de saída,
secreta. Ajuda nesses casos.
Assinado: o dono do Bar

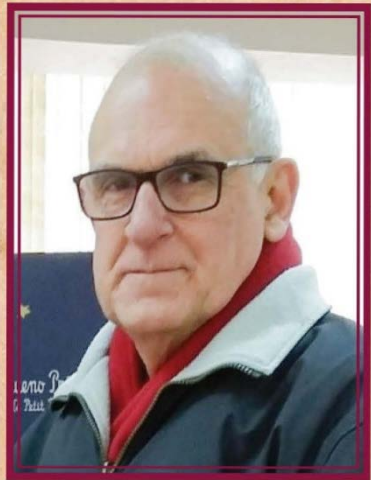




Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

www.projetopassofundo.com.br

Impressão
Outubro/2017



Miguel Guggiana,

contista. Nasceu em Uruguaiana, 1948, radicado em Passo Fundo, RS. Administrador de Empresas e participante do Projeto Passo Fundo.



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Portal
Domínio Público
Biblioteca digital de conteúdos em software livre

